

O acõmpanhamento, constando de varios destacamentos de tropas, ao som da musica entrou no Palacio das Thuilleries. Os estandartes, precedidos pelo Ministro da Guerra e Estado Maior, foraõ conduzidos pelo Gran Mestre das Ceremonias aos pez do trono, no qual estava S. M. rodeada de Principes, Grandes Dignatarios, &c. &c.

Sua Excellencia o Ministro da Guerra apresentou os estandartes á Sua Magestade e lhe fez a seguinte falla ;

“ MADAME,

“ Novas ordens do Imperador trazem me aos pez de V. M. para ahí depor novos trofeos tomados aos inimigos da França.

“ Quando os Sarracenos foraõ derrotados por Carlos Martel nas planices de Tours e Poictier, a capital foi adornada so com os despojos de huma unica nação. Hoje porem, Madame, quando perigos iguaes aquelles que entaõ ameaçavaõ a França tem dado origem á successos ainda mais relevantes, e mais difficeis de se obter, Vosso Augusto Espozo vos presentea com estandartes tomados as tres grandes Potencias da Europa.

“ Visto que hum cego odio tem excitado contra nós tantas naçoens, mesmo aquellas que a França tem restaurado á independencia, e pelas quaes ella tem feito tam grandes sacrificios, não podemos nos com propriedade dizer que estes estandartes são outros tantos tropheos ganhados á toda Europa?

“ Quando os nossos inimigos, movidos unicamente pelo espirito de vingança, e violando as leis da guerra, resolveraõ penetrar neste imperio, deixando na sua retaguarda huma vasta cadea de fortalezas, que os cercaõ por todos os lados ; quando elles intentavaõ por huma temeraria manobra assenhorear-se da capital, sem attender aos meios de effeituvar a sua retirada, no meio de huma população, a quem a sua conducta tem exasperado, não he por ventura para admirar que no meio desta gigantesca empreza não os acobardasse a alta idea que elles tem do genio, talentos, e caracter do Imperador ? Em poucos dias elles tem visto quaõ erroneos eraõ os seos calculos. As grandes e rapidas operaçoens que acabaõ de frustrar os seos projectos, nos trazem á lembrança as gloriozas, e sempre memoraveis campanhas da Italia no anno quinto, e nos mais annos que á este se seguirãõ.

“ Foi á flor das tropas alliadas, nas batalhas de Montmirail e Vauchamp, e no combate de Montereau, que se tomaraõ os dez estandartes que por ordem do Imperador apresento á V. M.

“ Estes penhores do valor Francez nos agourão novos e mais brilhantes successos, se o inimigo obstinadamente continuar a guerra. Esta nobre esperança anima o coração de todo o Francez. Vos tendes, Madame, grande parte della; vós que sempre confiando no genio do Vosso Augusto Espozo, nos esforços e amor da nação tendes continuado a mostrar, em todas as circumstancias da guerra, huma firmeza de character, e virtudes dignas da admiração da Europa, e da admiração da posteridade.”

S. M. respondeo—

“ M. Duque de Felitre Ministro da Guerra, eu vejo com a maior satisfação estes trofeos, que vos me apresentaes por ordem do Imperador meo Augusto Espozo.

“ Eu os contemplo como penhores da segurança do imperio. A vista delles peguem em armas todos os Francezes; corraõ a unir-se ao seo Imperador e seo pai. A sua coragem guiada pelo seo genio brevemente conseguirá libertar o nosso territorio.”

Terminando-se a audiencia, retirou-se o acompanhamento, e os estandartes foraõ depositados no Palacio dos Invalidos. Hum delles he Austriaco, quatro Prussianos, e cinco Russianos.

DECRETOS.

*Quartel General Imperial em Troyes,
24 de Fevereiro de 1814.*

Napoleão, Impêrador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suissa, &c. Nos temos decretado, e decretamos o seguinte:

Art. 1. Far-se-ha huma lista daquelles Francezes, que empregados no serviço das Potencias Alliadas, ou debaixo de quaesquer titulos, tem acompanhado os exercitos do inimigo na invasão do territorio Francez desde o dia 20 de Dezembro de 1813.

2. Os individuos comprehendidos na dita lista seraõ immediatamente citados perante as nossas cortes e tribunaes, os quaes sem perda de tempo os julgaraõ, e condenaraõ aos castigos prescritos pelas leis, e sua propriedade sera confiscada a bem dos dominios do Estado, em conformidade com as presentes leis.

3. Todo o Francez que tiver trazido as insignias de an-

tiga dynastia nos lugares occupados pelo o inimigo, será declarado traidor, e como tal julgado por huma commissão militar, e condemnado a morte. Sua propriedade sera confiscada a bem dos dominios do Estado.

4. Os nossos Ministros estão encarregados, tanto quanto permittir a jurisdicão de cada hum, de por em execucao este decreto, o qual sera inserido no boletim das leis.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

 ORDEM DO DIA.

Depois de movimentos de tropas feitos com grande precipitação, he mui necessario estar incessantemente empregado em restabelecer ordem em todos os ramos do serviço, e prestar particular attenção as pessoas, que ficão atraz, qualquer que seja a sua graduacão no exercito.

O General Commandante he informado, que officiaes com o emprego de capatazes de carroças de transporte se deixão ficar atraz com a sua equipagem em quarteis, sem terem para isso autoridade; e que tem tambem tomado quarteis para as suas pessoas sem huma ordem legal dos Magistrados das Communs.

Por tanto o General Commandante ordena que qualquer soldado, ou chefe de destacamento que se achar so, e for tomar quartel em qualquer commum de huma maneira illegitima, ou tiver abusado da confidencia dos Magistrados, sera immediatamente notificado, a fim de se examinar a sua conducta, e ser punido conforme o grao da offensa.

Todo o militar deve estar com o seo corpo: qualquer individuo pertencente ao exercito, que se achar vagabundo nas estradas, sera prezo pela *gens d'armes*, e sera conduzido ao estado maior em Paris, escoltado por huma guarda sufficiente.

O General Commandante em Chefe da primeira divizão militar, e da Cidade de Paris, espera que os Prefeitos e Sub-Prefeitos hajaõ de communicar a presente ordem a todos os Magistrados dos seios districtos, os quaes para a sua execucao devem empregar as Guardas Nacionaes das suas Communs; e ordena que os Commandantes das sub-divizoens, que se achaõ nos differentes postos e aldeas, e juntamente a *gens-d'armes* co-operem da sua parte para a execucao desta ordem; ficando responsaveis pela sua omissoã.

(Assignado)

O CONDE HULIN.

Paris, 6 de Março, 1814.

S. M. a Imperatriz e Rainha recebeu as seguintes noticias do exercito ate o dia 5 do corrente :

S. M. o Imperador e Rei tinha o seo Quartel General em Berg-le-Bac sobre o Aisne. O exercito do inimigo constando dos corpos de Blucher, Sacken, Yorck, Winzingerode, e Bulow, estava em retirada ; e ficaria completamente arruinado, se o commandante de Soissons naõ cometesse a traição de abrir as portas desta cidade.

O General Corbineau entrou em Rheims no dia 5 as quatro horas da manham. Nos derrotamos o inimigo nas batalhas de Lisy-sur-Ourcq e May. Os frutos destas batalhas foraõ 4000 prisioneiros, 600 carros de bagagem, varias peças de artilheria, e a libertação de Rheims.

DECRETOS IMPERIAES.

Quartel General, Fismes, 5 de Março de 1814.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suissa, &c.

Visto os Generaes do inimigo terem declarado que mandaraõ arcabuzar todos os paizanos que se acharem com armas :

Nos temos decretado, e decretamos o seguinte :

Art. 1. Todos os cidadaons Francezes naõ so tem auctoridade para pegar em armas, mas mesmo he do seo dever que assim o fação ; devem tocar a rebate logo que ouvirem a nossa artilheria ; devem ajuntar-se, alimpar os bosques, derubar as pontes, cortar as communaçoens, e attacar os flancos e retaguarda do inimigo.

2. Todo o cidadão Francez aprisionado pelo inimigo, e sentenciado a morte, sera immediatamente vingado pela morte de hum dos prizioneiros do inimigo.

3. Os nossos Ministros estaõ encarregados da execução do presente Decreto, o qual sera impresso, affixado, e inserido no Boletim das Leis.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador,

O Ministro Secretario de Estado.

(Assignado)

O DUQUE DE BASSANO.

Quartel General, Fismes, 5 de Março, 1814.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suissa, &c.

Considerando que os moradores das villas, e os camponeses exasperados pelo brutal procedimento do inimigo principalmente dos Russianos e Cossacos, e animados por hum justo sentimento de honra nacional, pegão em armas para attacar partidas do inimigo, tomar os seus combosys, e fazer-lhe o maior detrimento possivel; mas que em alguns lugares os Magistrados se tem opposto a esta taõ nobre empreza:

Nos temos decretado, e decretamos o seguinte.

Art. 1. Todos os magistrados, empregados publicos, e habitantes, que em lugar de auxiliarem a resolução patriotica do povo, ao contrario se esforcarem por paralizar taõ benemerito sentimento dissuadindo os cidadãos de huma legitima defeza seraõ considerados como traidores, e tratados como taes.

2. Os nossos Ministros estaõ encarregados da execução do presente decreto, o qual sera inserido no Boletim das Leis.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador

O Ministro Secretario de Estado.

(Assignado)

O DUQUE DE BASSANO.

Paris, 11 de Março, 1814.

S. M. a Imperatriz e Rainha recebeu as seguintes noticias dos exercitos ate o dia 9 de Março:

“ O exercito do General Blucher, composto dos restos dos corpos de Sacken, Kleist, e Yorck depois das batalhas de Montmirail e Vauchamp, se retirou para Chalons. Foi ahi reforçado pelas duas ultimas divizoens do corpo do General Langeron, as quaes tinhaõ ficado diante de Mentz. Tal foi a perda do inimigo, que se vio obrigado a reduzir os seus corpos a metade, naõ obstante o ter recebido muitos recrutas.

O exercito denominado o Exercito do Norte, composto de quatro divizoens debaixo das ordens do General Winzingerode e Woronzow, e huma divizaõ Prussiana commandada pelo General Bulow, substituiu em Chalons e Rheims o Exercito da Silezia. Este ultimo passou o Aube em Arcis entretanto que o Principe Schwartzenberg occupava a linha da direita do Sena; e em consequencia dos combates de Nangis, e Montereau, vio-se obrigado a evacuar todo o territorio entre o Sena e o Yonne.

No dia 22 de Fevereiro, Blucher appareceu de frente de Mery. Elle ja tinha passado a ponte, quando o General de Divizaõ Boyer atacou o inimigo a baioneta calada, derrotou-o, e o arrojou para alem do rio; porem o inimigo lançou fogo a ponte, e a villa, e taõ violento se tornou o incendio, que por 48 horas, as nossas tropas naõ poderaõ passar.

No dia 24 o Duque de Reggio principiou o seo ataque contra Vandoeuvres, e o Duque de Tarento continuou a sua marcha para Bar sur Seine.

O exercito da Silezia tinha marchado sobre a esquerda do Aube aparentemente com o intuito de se reunir ao exercito Austriaco, e dar huma batalha decisiva; porem o inimigo desistindo deste projecto, o General Blucher tornou a passar o Aube, e se dirigio para Sezanne.

O Duque de Ragusa observou este corpo dilatou a sua marcha, e pode effectuar a sua retirada sem perda alguma. Elle chegou no dia 25 a Ferte Gaucher, e no dia 26 em Ferte Jouarre unio-se ao Duque de Treviso, o qual observava a margem direita do Marne, e o corpo do inimigo chamado o Exercito do Norte, o qual estava em Chalons e Rheim.

No dia 27 o General Sacken marchou para Meaux, e apparecio diante da ponte situada na extremidade da villa de Meaux sobre a estrada de Nangis, e a qual tinha sido derubada. O inimigo foi recebido com fogo de metralha. Alguns dos seus soldados dispersos chegarão ate a ponte de Lagny.

Com tudo o Imperador deixou Troyes no dia 27, dormio esta mesma noite na aldea de Herbesse; no dia 28 no Castello de Esternais; e no primeiro de Março em Jouarre.

Desta maneira o exercito de Silezia estava extremamente exposto. Naõ lhe restava outro plano que adoptar, senão passar o Marne. Lançou por conseguinte tres pontes sobre este rio, e se dirigio para o Ourcq.

O General Kleist passou o Ourcq, e tomou a direcção de Meaux. O Duque de Treviso se avistou com elle no dia 28 postado na aldea de Gué á Treme na margem esquerda do Terouenne; e o atacou bizarramente. O General

Christiani commandante da divizaõ da antiga guarda cobriose de gloria neste dia. O inimigo foi fortemente perseguido por varias legoas. Tomaraõ-se alguns centos de prisioneiros, e hum grande numero de mortos e feridos ficou no campo da batalha.

Ao mesmo tempo o inimigo tinha atravessado o Ourcq em Lesy; e foi derrotado pelo Duque de Ragusa.

Blucher decidio em retirar-se: todo o exercito desfilou para Terbe Milton e Soissons.

O Imperador deixou Ferte sous Jouarre no dia 3. A sua guarda avançada estava neste mesmo dia em Rocourt.

Os Duques de Ragusa e Treviso perseguiraõ a retaguarda do inimigo; elles fizeraõ sobre ella hum forte ataque no dia 3 em Neuilly Saint Front.

No dia 4 o Imperador chegou a Fismes. Fizeraõ-se alguns prisioneiros, e tomaraõ-se alguns carros de bagagem.

A cidade de Soissons tinha 20 peças de artilheria, e estava em estado de se poder defender. Os Duques de Ragusa e Treviso se dirigiaõ para esta cidade, a fim de passar o Aisne, entretanto que o Imperador marchava para Mezy. O exercito do inimigo estava na mais perigosa situaçãõ, porem o General Commandante de Soissons, por huma cobardia inexplicavel abandonou este lugar no dia 3 ao 4 da tarde por huma capitulaçãõ, á qual da o titulo de honroza, visto o inimigo ter-lhe concedido o deixar a cidade com as suas tropas e artilheria, e retirar-se com estas para Villers Cotterets.

Quando o inimigo se julgava inteiramente perdido eisque he informado que a ponte de Soissons estava em seo poder, e não tinha sido destruida.

O General Commandante, e os Membros do Conselho de defeza tem sido citados perante hum Tribunal de Inquiriçãõ. Elles parecem tanto mais culpaveis, quanto nos dias 2 e 3 elles ouviraõ a canhonada do nosso exercito, o qual se a-prõximava á Soissons; e hum batalhaõ do Vistula, que se achava na cidade, e que a deixou com lagrimas, tinha dado as maiores provas de intrepidez.

O General Corbineau Ajudante de Campo do Imperador, e o General de Cavallaria Laferriere tinhaõ marchado para Rheims, no qual lugar entraraõ no dia 5 as quatro da manham flanqueando o corpo do inimigo composto de quatro batalhoens, o qual cobria a cidade, e cujas tropas ficaraõ todas prisioneiras. Assenhoreamo-nos de tudo que estava em Rheims.

No dia 5, o Imperador dormio em Berg-au-Bac. O General Nansouty forçou hum passo do inimigo pela ponte de Brery, derrotou huma divizaõ de cavallaria que o defendia,

tomou 2 peças de artilheria, e 300 soldados de cavallo, entre os quaes se acha o Coronel Prince Gagarin, que commandava huma brigada.

O exercito inimigo estava dividido em duas porções. As oito divizoens Russianas de Sacken e de Winzingerode tinham tomado huma posição nas alturas de Craone, e os corpos Prussianos nas alturas de Laon.

No dia 6 o Imperador dormio em Corbani. As alturas de Craone foram atacadas e tomadas por dois batalhoens das guardas. O official de artilheria Caraman, o qual ainda que moço tem com tudo muita experiencia flanqueou a direita do inimigo á testa de hum batalhaõ. O Principe de Moskwa marchou para a granja de Urtubre. O inimigo retirou-se e se postou em huma altura que tinha sido reconhecida no dia 7 ao romper do dia. Isto deu origem a batalha de Craone.

A posição do inimigo era forte; elle tinha os seus flancos e frente defendidos por desfiladeiros. Elle meramente defendia hum passo da largura de 100 toezas, o qual unia a sua posição a elevada planice de Craone.

O Duque de Belluno marchou com duas divizoens das novas guardas para o Abbadia de Vaucler, á qual o inimigo tinha lançado fogo. O Duque arrojou o inimigo deste lugar, e passou o desfiladeiro que o inimigo defendia com 60 peças de artilheria: o mesmo desfiladeiro o General Drouet passou com varias battarias. Durante estas operaçoens o Principe de Moskwa passou o desfiladeiro da esquerda, e desembocou pela direita do inimigo. A canhonada foi mui activa por espaço de huma hora. O General Grouchy desembocou com a sua cavallaria. O General Nansouty passou com duas divizoens de cavallaria o desfiladeiro da direita. Passado este, e arrojado o inimigo da sua posição, elle foi perseguido por espaço de quatro legoas, e canhonado por 80 peças de artilheria com metralha, o que lhe causou hum grande detrimento. A planice elevada pela qual elle se retirou tendo igualmente desfiladeiros na esquerda, e direita, a nossa cavallaria não poude subir a attaca-lo.

O Imperador mudou o seo Quartel General para Bray.

No dia seguinte nos perseguimos o inimigo ate o desfiladeiro de Urcel, e no mesmo dia entrámos em Soissons, onde o inimigo tinha deixado a equipagem de huma ponte.

As nossas armas cobrirão-se de gloria na batalha de Craone. O inimigo perdeu seis Generaes, e 5 para 6,000 homens. A nossa perda anda por 800 entre mortos e feridos.

O Duque de Belluno foi ferido por huma bala. O Gene-

ral Grouchy, e o General Laferriere, official de cavallaria de grande distincção foraõ tambem feridos quando desembocaraõ á testa das suas tropas.

O General Belliard tem tomado o commando da cavallaria.

Em todas estas operaçoens o inimigo tem perdido de 10 ate 12,000 homens, e 30 peças de artilheria.

O Imperador intenta manobrar com o seo exercito sobre Aisne.

Paris, 14 de Março.

A Imperatriz e Rainha recebeu as seguintes noticias dos exercitos ate 12 do corrente.

No dia depois da batalha de Craone o inimigo foi perseguido pelo Principe de Moskwa ate a aldea de Etonville. O General Woronzow com 7 ou 8000 homens defendia esta posição, a qual se não podia tomar senão com summa difficuldade. O Barão Gourgault, official de grande merecimento, partio de Chavignon as onze da noite com dois batalhoens da Antiga Guarda, flanqueou a posição e se dirigio para Chivi. Chegou neste lugar a huma hora da manhã e immediatamente atacou o inimigo á baioneta. Os Russos foraõ despertados com os gritos de *Viva o Imperador*, e perseguidos ate Laon. O Principe de Moskwa desembocou pelo desfiladeiro.

No dia 9 ao romper do dia reconhecemos o inimigo, o qual se tinha unido aos corpos Prussianos. Taõ forte era a sua posição, que não podia ser atacada. Nos tomamos huma posição,

O Duque de Ragusa, que tinha dormido no dia 8 em Corbono, appareceu ás duas da tarde em Veslud, derrotou a guarda avançada do inimigo, atacou e tomou a aldea de Althies, e durante todo este dia foi feliz em todo que emprehendeo. As seis horas e meia tomou huma posição. As sete a cavallaria do inimigo atacou vigorosamente hum parque de reserva do Duque de Reggio. O Duque de Ragusa partio immediatamente a defende-lo, porem o inimigo conseguiu levar 15 peças de artilheria: salvou-se porem quasi tudo que era particular.

No mesmo dia o General Charpentier com a sua divizaõ da nova guarda tomou a aldea de Clacy. No dia seguinte

o inimigo atacou sete vezes esta aldea e foi sete vezes rechaçado. O General Charpentier perdeu 500 prisioneiros. O inimigo deixou as avenidas juncadas de mortos. O Quartel General do Imperador estava em Chavignon nos dias 9 e 10.

S.M. julgando que era impossivel atacar as alturas de Laon, fixou o seu Quartel General no dia 11 em Soissons. O Duque de Ragusa occupou no mesmo dia Berg au Bac.

O General Corbineau elogia a boa conducta dos habitantes de Rheims.

No dia 7 as onze da manhã o General St. Priest commandando huma divizaõ Russiana appareceu defronte de Rheims, e entimou o rendimento do lugar. O General Corbineau replicou com descargas de artilheria. O General Defrance chegou neste tempo com as suas divizoens das Guardas de Honra; immediatamente atacou e rechaçou o inimigo. O General St. Priest lançou fogo a duas grandes manufacturas e a 50 cazas situadas fora da cidade, conducta esta digna de hum traidor. Se tem sempre observado que traidores são os mais acerbos inimigos da sua patria.

Soissons tem soffrido muito. Os habitantes se tem havido da maneira a mais louvavel. O regimento do Vistula que formava a guarniçaõ he merecedor dos maiores elogios; e o mesmo regimento não tem expressoens adequadas com que possa descrever a bella conducta dos habitantes. S. M. tem presenteado a este bravo corpo com 30 decoraçoens da Legião de Honra.

O plano da campanha do inimigo parece ter sido o cahir subitamente sobre Paris. Desprezando todas as praças fortes de Flandres, e observando meramente Bergen-op-Zoom e Antwerpia com tropas quasi a metade inferiores em numero ás guarniçoens destes lugares, o inimigo penetrou ate Avesnes. Sem attender ás praças de Ardennes, Meziere, Recroi, Philipperville, Givet, Charlemont, Montmedy, Maestricht, Venloo, Juliers, elle passou por caminhos impracticaveis a fim de chegar em Avesnes e Rethel. Estas praças se communicão, não são observadas, e as guarniçoens ameação muito a retaguarda do inimigo. Em quanto o General St. Priest queimava Rheims, seo iramaõ foi preso pelos habitantes, e enviado para Charlemont. Desprezando todas as praças do Meuse o inimigo se avançou por Bare St. Dizier. A guarniçaõ de Verdun tem datado avançadas ate St. Mihiel. Perto de Bar hum General Russiano, que se demorou alguns momentos com quinze homens depois de partirem as suas tropas, foi morto com a sua escolta pelos paisanos, em vingança das atrocidades que elle tinha cometido. Metz faz

sortidas ate Nancy ; Strasburg, e outros lugares de Alsace sendo observados meramente por pequenas partidas tem as suas entradas e sahidas livres e recebem provizoens em abundancia. As tropas da guarniçaõ de Mentz fazem avançadas ate Spires. Os departamentos tendo-se apressado em completar os corpos de batalhoens, que estaõ em todas estas praças, nas quaes elles saõ armados, bastecidos e exercitados, pode-se com propriedade dizer que o inimigo tem varios exercitos na sua retaguarda. A sua situaçaõ cada vez se torna mais perigosa. Consta por cartas que se tem interceptado, que os regimentos de Cossacos, cuja força era de 250 homens, tem perdido 120 sem nunca terem estado em acçaõ, mas so meramente pelas hostilidades dos paizanos.

O Duque de Castiglione manobra sobre o Rhone, no departamento do Aisne, e na Franche Comte. Os Generaes Desaix e Marchand tem expellido o inimigo de Saboia. Quinze mil homens estaõ passando os Alpes a fim de reforçar o Duque de Castiglione.

O Vice Rei tem obtido grandes successos em Borghello, e tem arrojado o inimigo para o Adige.

O General Grenier que partio de Placencia do dia 2 de Março, derrotou o inimigo em Parma, e o perseguio ate alem do Taro.

As tropas Francezas que occupavaõ Roma, Civita Vecchia, e Tuscania estaõ entrando o Piamonte para passar os Alpes.

A exasperaçaõ do povo se augmenta continuamente em proporçaõ das atrocidades cometidas por esses bandos de barbaros mais barbaros ainda que o seo clima, que deshonraõ a especie humana, e que naõ tem em vista honra ou gloria militar, mas somente pilhagens e crimes.

As conferencias de Lusigny para hum armisticio naõ tiveraõ o exito desejado. Naõ se pode concordar sobre a linha de demarcaçaõ. Tinhamos convido sobre os pontos de occupaçaõ na direcçaõ do Norte, e Leste, porem o inimigo naõ so desejava estender a sua linha sobre o Saone, e o Rhone, mas tambem incluir a Saboia nesta linha. Nos replicámos a esta injusta pretensaõ prepondo o adoptar sobre esta linha o *status quo*, e deixar ao Duque de Castiglione e ao Conde Bubna a decisaõ deste ponto sobre a linha dos seus postos avançados. Esta proposta foi rejeitada. Vimo nos por consequente obrigados a naõ fazer hum Armisticio so de duas semanas, do qual resultariaõ mais inconvenientes que vantagens. Alem disso o Imperador julgou que seria injusto o por huma numerosa populaçaõ debaixo do jugo oppressivo, do qual ja tinha sido libertada : nem quiz igualmente abandonar as nossas communaçoens com a Italia, as quaes •

inimigo frequentemente mas debalde intentou interceptar, quando as nossas tropas ainda não estavaõ unidas.

O tempo tem sido constantemente mui frio; os *bicouacs* tem sido mui penozos nesta estaçãõ; porem o inimigo tem igualmente sofrido. Mesmo consta que o inimigo tem mui-tos doente, entretanto que o nosso numero he limitado.

Paris, 16 de Março.

S. M. a Imperatriz e Rainha recebeu as seguintes noticias dos exercitos ate 14 do corrente.

O General St. Priest, commandando em chefe os oito corpos Russianos, por varios dias se tinha postado em Chalons-sur-Marne, tendo huma guarda avançada em Sillery. Este corpo, composto de tres divizoens, o qual deveria formar 18 regimentos e 36 batalhoens, não tinha actual-mente mais que 8 regimentos ou 16 batalhoens, fazendo huma força de 5 para 6000 homens.

O General Jagao commandando a ultima coluna da reserva Prussiana, e tendo debaixo das suas ordens quatro regimentos do Landwehr da Pomerania Prussiana e outras provincias formando 16 batalhoens, ou 7000 homens, os quaes tinhaõ sido empregados nos cercos de Torgau e Wittemberg, unio-se ao corpo do General St. Priest, cuja força avultava entãõ de 15 para 16,000 homens, incluindo a cavallaria, e artilheria.

O General St. Priest determinou surprender Rheims, na qual cidade estava postado o General Corbineau, á testa da guarda nacional, e tres batalhoens da leva em massa, com 100 soldados de cavallo, e 8 peças de artilheria. O General Corbineau tinha mandado a divizaõ de cavallaria do General Defrance para Chalons-sur-Vesle, duas legoas distante da cidade.

No dia 12 as 5 da manhã o General St. Priest se apresentou nas diferentes portas da cidade. Elle fez o seo principal ataque contra a porta de Laon, a qual elle conseguiu forçar em consequencia do seo maior numero de tropas. O General Corbineau effeitou a sua retirada com tres batalhoens da leva em massa, e 700 soldados de cavallo, e partio para Chalons-sur-Vesle. A guarda nacional, e os habitantes se houveraõ excellentemente nesta occasiaõ.

No dia 13 as quatro da tarde o Imperador estava nas alturas do *Wend Mill* huma legoa distante de Rheims. O

Duque da Ragusa formava a guarda avançada. O General de divizaõ Merlin atacou, cercou, e tomou varios batalhoens de *Landwehr* Prussiano. O General Sebastiani commandando duas divizoens de cavallaria se avançou para a cidade. Cem peças de artilheria eraõ manobradas de ambas as partes. O inimigo rodeava as alturas em frente de Rheims.

Em quanto se fazia o ataque concertaraõ-se as pontes de St. Brice a fim de flanquear a cidade. O General DeFrance fez hum bello ataque com as guardas de Honra, que se cobrião de gloria, particularmente o General Conde Segur commandando o terceiro regimento, o qual carregou sobre o inimigo, o arrojou para os arrebaldes, tomando-lhe 1000 soldados e a sua artilheria.

Entretanto o General Conde Krasinski tendo interceptado a communicaçãõ de Rheims para Bery-au Bac, o inimigo abandonou a cidade, fugindo em desordem por todos os lados. Os frutos deste dia que naõ nos custou 100 homens foraõ 22 peças de artilheria, 5000 prisioneiros, e 100 carros de artilheria e bagagens.

A mesma bateria de artilheria ligeira, que matou o General Moreau diante de Dresda, ferio mortalmente o General St. Priest o qual veio á testa de Tartaros para assolar o nosso bello paiz.

O Imperador entrou em Rheims a humia hora damanham, no meio de aclamaçoens dos habitantes daquella grande cidade, e tem ahi estabelecido o seo Quartel General. O inimigo se retira para Chalons, Rethel e Laon: elle he perseguido em todas as direcçoens.

O decimo regimento de hussares, como tambem o terceiro regimento das Guardas de Honra se distinguiraõ particularmente. O General Conde Segur tem sido severamente ferido, com tudo a sua vida naõ esta em perigo.

Paris, 22 de Março, 1814.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha e Regente recebeu as seguintes noticias da situaçãõ dos exercitos athe 20 de Março.

O General Russiano Wittgenstein, com o seo corpo de exercito, estava em Villenoxe; lançou pontes sobre o Senna, e marchou para Provins.

O Duque de Tarentum tinha reunido as suas tropas naquella cidade. No dia 16 o inimigo esteve manobrando para lhe flanquear a esquerda. O Duque de Reggio empregou a sua artilharia, e todo aquelle dia se passou a canhonear. Os movimentos do inimigo manifestaraõ-se com direcção para Provins e Nangis.

Por outro lado o Principe Schwartzenberg, o Imperador Alexandre, e o Rei de Prussia estavaõ em Arcis sur Aube.

O Corpo do Principe Real de Wirtemberg tinha-se movido para Villers aux Corneilles.

O General Platow com os seos 3,000 barbaros tinha-se derigido para Fere Champenoise e Sezanne.

O Imperador d'Austria chegou taõbem a Troyes, vindo de Chaumont.

O Principe de Moskwa entrou em Chalons sur Marne a 16.

O Imperador dormio a 17 em Epernay; a 18, em Fere Champenoise; e a 19, em Plancy.

O General Sebastiani á frente da cavallaria cahio sobre o General Platow em Fere Champenoise, derrotou-o, e o perseguiu athe Aube, fazendo lhe alguns prizioneiros.

A 19 depois do meio dia, o Imperador passou o Aube em Plancy. As cinco da tarde atravessou o Senna em hum Vão, e rodeou Mery, que estava occupada.

As 7 horas da noite o General Letort com os Caçadores da guarda chegou á aldea de Chatres, cortando assim a estrada de Nogent para Troyes; porem o inimigo ja estava em retirada. Com tudo o General Letort ainda deo com hum parque de pontoens, que tinhaõ servido para a ponte de Pont-sur-Seine, tomou os todos, e cem carros de bagagens, e alguns prizioneiros.

No dia 17, o General Wrede retrogradou rapidamente para Arcis sur Aube. Em a noite do mesmo dia o Imperador da Russia se retirou para Troyes. A 18 os Soberanos alliados evacuaõ Troyes, e partiraõ á toda a pressa para Bar sur Aube.

S. M. o Imperador chegou a Arcis sur Aube no dia 20 de manham.

Milão, 14 de Fevereiro de 1814.

O Senado havendo deliberado sobre a Proclamação do Principe Vice-Rei ao Povo de Italia, resolveo apresentar a S. A. I. a seguinte mensagem.—

“ Principe,—Vós fallastes ao Povo de Italia, e todos os que são fieis ao seo Soberano, ao seo paiz e a sua honra, ouviraõ a vossa voz como hum sinal de reuniaõ. Em quanto houve paz, vós destes com hum zelo paternal todas as melhores providencias para occorrer ás suas necessidades, e lhe abristes todos os mananciaes da prosperidade publica. Veio depois a guerra, e entãõ pegastes nas armas para nos defender. Pelo espaço de tres mezes vós tendes sabido oppor tal resistencia as forças do inimigo, que a maior parte do nosso territorio, protegido pelas vossas poderozas armas, permaneceu tranquillo no meio do incendio geral que devora o resto da Europa. Esta tranquillidade naõ seria pois nunca perturbada sem hum acontecimento, sem igual na historia das naçoens. Porem vós triumphareis ainda de todas as maquinaçoens e de todas as intrigas. A Providencia detesta a ingrãtidadã, e vingã a hospitalidade violada. A estrella de Napoleãõ ainda brilha com grande lustre; e se vós, Principe, permanecerdes com nosco, quem ha que possa reccar que a victoria nos abandone?

“ Principe! em vossas maõs estaõ depositados os destinos deste bello Reino; e todo o povo sera docil e pronto em responder ao vosso chamamento. A vossa voz, penetrando athe as fileiras inimigas, inflamarã com novo ardor a todos os Italianos, que estaõ cercados pelo inimigo, e aquem elle procura seduzir com estultas promessas. Nós todos juramos unir-nos com vosco; nas vossas maõs pomos os nossos coraçõens, os nossos bens, e as nossas pessoas; e o nosso juramento he inviolavel e sagrado. Ah! e quem naõ terá summa gloria em seguir como guia aquelle, á quem athe os inimigos respeitã pelo seo valor invencivel; á hum Principe, cujas virtudes só bastaõ para honrar o seo seculo; e a hum heroe, que só tem escolhido por deviza estas sublimes e immortaes palavras;—Honra e Fidelidade!—

Milão, Palacio do Senado,
10 de Fevereiro, 1814.

EXERCITO DE ITALIA.—ORDEM DO DIA.

Annunciando-se por diversas vias que o inimigo fazia movimentos, S. A. R. o Principe Vice-Rei ordenou, que fortes corpos o fossem reconhecer em toda a linha no dia 10 de Março. O corpo, que sahio de Montzanbano, encontrou-se com o inimigo nas alturas vezinhas. O que marchou de Goito, composto de dois batalhoens e 80 cavallos, commandados pelo General Jeanin, repelio os primeiros postos do inimigo, e penetrou athe Roverbella, aonde a reta-guarda inimiga mostrava querer fazer alguma rezistencia. Nesta cidade nós fizemos 67 prizioneiros, e entre elles 4 officiaes.

O Corpo que sahio de Mantua na direcção de Castiglione, era commandado pelo General Galenberti, que repelio o inimigo junto de Castiglione. Alli houve hum vivo fogo de mosquetaria de parte á parte. O corpo, as ordens do General Paolucci, que marchou de Governo, perseguiu o inimigo, que nunca cessou de retirar-se diante delle athe Ostiglia. Neste dia perdeo o inimigo 300 homens, e lhe tomamos 100 prizioneiros entre os quaes havia quatro officiaes. Nos não tivemos ácima de 80 feridos.

O objecto do movimento retrogrado do inimigo era o concentrar as suas forças em Verona, com medo de ser atacado por nos em todos os pontos da linha; e só conservou dois corpos mais adiantados, hum perto de Villa-franca, e outro de Castel-Nuovo. O nosso exercito permanece por hora sobre o Mincio; e como o inimigo abandonasse os intrincheiramentos que tinha feito em Berguetto, foraõ entãõ occupados pelos nossos postos avançados.

O Marechal Bellegarde entrou em Verona antes de hontem as 11 horas da manham, e os granadeiros entrãõ as 3 da tarde. Todas as baggagens e rezervas do exercito Austriaco estaõ em S. Miguel, e S. Martinho.

O General de Divizaõ, Chefe do Estado-Maior.

VIGNOLE, Conde do Imperio.

Quartel-General de Mantua,
11 de Março, 1814.

Tarbes, 10 de Março, 1814.

O Duque de Dalmacia fez seguinte Proclamação mui energia ao seo Exercito:—

Soldados.—Vós hides entrar em novos combates, e não

tereis descanso, ou em huma guerra offensiva ou defensiva, athe que o exercito inimigo, formado de taõ extraordinarios elementos, seja de todo aniquilado ou evacue o territorio do Imperio. Por hora elle naõ repara nos perigos que o cercaõ, nem nos males a que está exposto, mas o tempo mostrará a este exercito assim como ao General que o comanda, que impunemente se naõ pode invadir o nosso territorio, nem impunemente se insulta a honra dos Francezes.

Soldados! O General que commanda o exercito contra o qual todos os dias combatemos, tem ouzado convidar-vos e aos vossos compatriotas para a sedição e para a revolta. Falla-nos de paz, e semea a discordia em toda a parte. Demos-lhe pois os nossos agradecimentos por nos ter revelado os seos projectos! Por esta forma elle concorre para que mais se engrosse o nosso exercito, e para que em torno das Aguias Imperiaes se venhaõ juntar todos aquelles, que athe agora seduzidos por enganozas apparencias, tinhaõ por hum momento podido accreditar que elle fazia a guerra lealmente.

Elle ha tido o atrevimento de insultar a honra nacional, assim como abaixeza de excitar os Francezes a quebrar os seos juramentos, e a serem desleaes ao seo Imperador. Taes offensas só com o sangue se podem desagrarar! Eia pois— As armas! He precizo que estes clamores resoem por todo o Sul da França! Sim naõ ha hum unico Francez que naõ deva vingar-se, ou entaõ abjurar o seo paiz, e ser logo contado entre os inimigos da sua patria. Poucoõ dias haõ de correr que em fim naõ aprendaõ á sua custa quantos tem accreditado na sinceridade dos Inglezes, que elles naõ tem outro objecto mais do que subjuga-los e a batelos. Estes espiritos pusilanimos que calculaõ quaesquer mais pequenos sacrificios que saõ necessarios para a salvaçaõ do seo paiz, veraõ, que os Inglezes naõ tem outro objecto nesta guerra senaõ arruinar a França e reduzir os Francezes a huma servidaõ tal como a em que gemem os Portuguezes, os Sicilianos e outros povos que soffrem o seo jugo.

A historia do passado nos faz ainda recordar desses Anti-Francezes que preferiraõ hum socego transitorio á salvaçaõ da grande familia. Mas elles viraõ como os Inglezes fize-raõ morrer os Francezes pelas maons dos Francezes em Quiberon; e viraõ mais, com os Inglezes á frente de todas as conspiraçoes, a frente dos destruidores de todos os principios e de todos os estabelecimentos de grandeza e de industria, chegáraõ a satisfazer a sua ambiçaõ e a sua insaciavel avareza. Há por ventura hum só ponto do globo, conhecido aos Inglezes, em que estes naõ tenhaõ feito destruir, ou por seducçaõ ou por violencia, todas as manufacturas ou

produçõens que lhes faziaõ sombra? Tal seriaõ os destinos dos estabelecimentos Francezes se Inglaterra lograsse os seos intentos.

Soldados! Olhemos com opprobrio e geral execraçãõ á todos os Francezes que por qualquer forma que seja favorecerem os insidiosos projectos do inimigo; e ainda mesmo aquelles, que por hum momento sujeitos, naõ procurarem todos os meios de offende-lo. Com igual opprobrio os olhemos taobem, e nem os consideremos como Francezes á todos os que podendo pegar em armas se dispensarem por qualquer pretexto de o fazerem. Desde hoje se devem quebrar todos os laços que elles tinhaõ com nosco; e ja devemos anticipar a inexoravel historia, que deve transmittir seos nomes com execraçãõ á posteridade.

Quanto a nós, o nosso dever ja está marcado: *Honra e fidelidade*, eis aqui a nossa unica deviza. Combater athe a ultima extremidade os inimigos do nosso Augusto Imperador, que saõ os mesmos de nossa amada França; respeitadas as pessoas e as propriedades; compadecer-nos das desgraças daquelles que momentaneamente estaõ sujeitos ao inimigo, e cuidar em brevemente os soccorrer; obediencia e disciplina; odio implacavel á todos os traidores, e aos inimigos do nome Francez; e guerra interminavel contra os que nos querem devidir para melhor nos subjugar, assim como contra esses desgraçados que dezertaõ das bandeiras Imperiaes para se alistarem debaixo de outros estandartes: eis aqui mais amplamente declaradas todas as nossas obrigaçoens.

Naõ esqueçamos taobem nunca esses quinze annos de gloria, e de innumeraveis triumphos que tanto tem illustrado a nossa patria. Contemplemos nos esforços prodigiosos do nosso grande Imperador, e nas grandes victorias com que tem eternizado o nome Francez: desta sorte nós seremos dignos d'elle, e deixaremos sem mancha a posteridade a grande herança que nós deixaraõ nossos pais. Em huma palavra, sejamos Francezes, e morramos antes com as armas na maõ do que sobre viver á nossa deshonra.

O Marechal do Imperio, Tenente General do Imperador,

DUQUE DE DALMACIA.

Quartel-General, 8 de Março, 1814.

PROCLAMAÇÃO

De S. Ex. o Marechal Duque de Ragusa aos Habitantes dos Departamentos invadidos.

“Gloriosos successos acabaõ de coroar as armas Francezas. Mais de cem regimentos Russianos e Prussianos tem sido batidos, aniquilados, e destruidos nas batalhas de Champ-Aubert, Montmirail, Chateau-Thierry, e Vauchamp: 20,000 prizioneiros, 180 peças de artilharia, 2 Generaes em chefe mortos, ou mortalmente feridos, são os trofeos destes dias. O Imperador em pessoa vai perseguindo o inimigo, e não descansara em quanto o não destruir completamente. He pois este agora o momento favoravel para todos os Francezes correrem as armas, e apressarem por todos os modos possiveis a liberdade do seo paiz.

“Chegou o momento em que nada deve retardar os vossos esforços, porque taobem não podemos ter occasiaõ mais favoravel do que esta para fazer-mos arrependen á esses estrangeiros de terem ouzado macular o territorio Francez.

“Correi ás armas!—Aprizionai todos os pequenos destacamentos, e todos os soldados que encontrardes separados dos seus corpos: privai o inimigo de todas as subsistencias, e destrui todas as pontes, que possaõ favorecer-lhe a retirada.

“Vos tendes armas; porem os que ainda as não tiverem as acharaõ de sobejo nos campos de batalha abandonados pelo inimigo. Os Francezes, que por nascimento são generozos e bravos não devem passar pela vergonha de soffrerem hum dominio estrangeiro. Agora pois, eu vo-lo torno a repetir, o momento favoravel para a liberdade e para a vingança está chegado.

“Deos protege a França: he este hum adagio da nossa monarchia, fundado sobre o valor, energia, e amor da patria, que sempre tem distinguido todos os Francezes.

O Marechal DUQUE DE RAGUSA.

Quartel-General d'Estoges, 15 de
Fevereiro, 1814.

FRANÇA OCCUPADA PELOS ALLIADOS.

Quartel-General do Conde Woronzow em Rethel, na Champagne, a 6 Legoas N. E. de Rheims, 26 de Fevereiro de 1814.

PROCLAMAÇÃO.

Francezes! Habitantes dos Departamentos de Arcennes, do Aisne, e do Marne! Entrando em o vosso territorio com o meo corpo de exercito que pertence ao Exercito do Principe da Coroa da Suecia, tenho sabido com magoa que influidos pelos commandantes das pequenas fortalezas vezinhas, e por effeito de falsas informações, algumas das vossas *Communs* se tem armado contra nós, e perdendo o caracter de habitantes pacificos, se tem convertido em bandos armados. Em consequencia disto pois, todo o habitante que for apahado com armas, e que não sendo soldado atacar os viajantes ou tropas dispersas, recuzando assim obedecer as auctoridades militares, será punido como ladraão de estrada.

Francezes obedecei a voz daquelle que só quer a vossa felicidade. O Real Commandante do exercito a que eu pertenço he Francez como vós sois; e o deveis por consequente olhar como o fiador da nossa sinceridade. Não he contra vós que temos pegado em armas, he tão somente contra o vosso Imperador, que procurando sacrificar-vos, pertende conservar a Europa em huma eterna agitação. Os Russos nunca aqui terião vindo, se huma louca e detestavel ambição não tivesse feito marchar vossos irmaons athe Moscow. Achando-nos porem agora no vosso territorio, faremos tudo quanto podermos para mitigar as calamidades da guerra.

Habitantes de França! Vós me vereis sempre pronto á assistir-vos e proteger-vos, assim como á punir qualquer que vos queira maltratar. Vinde ter comigo, procurai os commandantes Russianos, e se vos administrara toda a justiça requerida. Hé preciso com tudo viver como habitantes pacificos, ser obedientes e quietos, e só assim podereis estar seguros. Toda a *Commune* e toda a aldea, que depois deste avizo, não lhe obedecer, e rezistir ás tropas alliadas, será por tanto destruida, as suas cazas arruinadas, e os habitantes havidos como traidores e ladroens.

Conde VON-WORONZOW.

Commandante de hum Corpo de Exercito
Russiano.

PROCLAMAÇÃO

Do Conde do Artois, antes de sahir de Bazilea.

Carlos Filippe de França, Filho de França, Monsieur, Conde de Artois, Irmao d'El Rei, e Tenente-General do Reino.

A' todos os Francezes, saude.

Francezes! O dia da vossa redempção está chegado: o irmao do vosso Rei ja está no meio de vós. Elle vem fazer tremolar de novo a antiga bandeira das *Lizes* no coração da França, e annunciar-vos a volta da felicidade e da paz, e a restauração das leis, e da liberdade publica debaixo de hum governo protector. Acabaraõ-se as conquistas,—a guerra,—e os tributos onerosos! A' vista das palavras do vosso Soberano, e do vosso Pai todas as vossas desgraças se devem diminuir pela esperanza, os vossos erros ficar esquecidos, e a vossa reuniao acabar todas as antigas dissencoes; porque so assim podeis viver em segurança.

Anciozo por comprir as promessas, que ja vos fez e que hoje vos renova solemnemente, o vosso Rei pertende pelo seo amor e benevolencia tornar grandemente felis este momento, em que vendo-se no meio dos seos vassallos, elle se torna taobem a ver nos braços de seos filhes.—*Viva o Rei.*—

Haarlem Courant, 12 de Março, 1814.

ORDEM DO DIA

Do Principe Schwartzberg.

“Soldados!—O exercito ja está no interior da França, e em hum paiz em que as vozes do povo exprimem a sua alegria com a nossa chegada. Devemos pois só olhar como inimigos os que pagarem em armas contra nós.

“Com grande desgosto tenho sabido, que alguns soldados que se tem escapado de vista dos seos chefes tem offendido alguns habitantes pacificos. Esta desobediencia ás ordens formaes que eu lei na entrada do exercito em França, me obriga agora a renova-las, e a faze-las mais severas. Contando de hoje para diante, todo o soldado que for roubar ou commeter qualquer outro excesso, sera sem mais nada conduzido por ante hum concelho de guerra, e punido de morte, conforme a letra da lei.

Todos os commandantes dos corpos de exercito ficão responsáveis por esta ordem e pela sua publicação. E só por esta forma poderá haver huma estriccta disciplina, que he hum dos primeiros deveres dos briozos soldados.

Os habitantes de França devem só olhar-nos como guerreiros, que pelejamos pelo repouzo da Europa. Hé preciso pois não manchar os louros que tendes ganhado; e só assim ganhareis a estimação do mundo, porque o mundo vos sera deve dordas delicias da paz.”

CARTA,

Em que se refere como os Bourbons tem sido recebidos em França.

Vessoul, 22 de Fevereiro, 1814.

“ Nos deixamos Bazilea, domingo 19, e chegamos ao Franco Condado. Em todas as cidades e aldeas de França temos sido recebidos com aclamaçoens de todo o povo, e com os gritos de—Viva El Rei Luiz XVIII. e vivaõ os Bourbons.—

“ O povò esta encantado com o nosso querido Principe, que mostra grande affabilidade e condescendencia. Os velhos, as mulheres, e as crianças beijaõ-lhe as maõs e os vestidos. Em todos os semblantes se via retratada a felicidade; e toda agente se enternecia tanto com o bom modo de Monsieur, que derramavaõ infinitas lagrimas de alegria.

“ Os velhos diziaõ: agora ja morreremos contentes, por que tivemos a boa fortuna de ver a restituicão dos nossos antigos monarchas, que nunca tem sahido dos nossos coraçõens.

“ Outros acrescentavaõ: nos vos damos os nossos coraçõens, porque o monstro so isto nos deixou. Em a nossa chegada a Vessoul, toda a povoacão, que he mais de 5,000 pessoas, veio sahir-nos ao encontro. Rogaraõ-nos entaõ, que nos quizessemos apear, porque queriaõ contemplar bem de perto o seo Principe.

“ De todas as partes chegaõ os nobres, certificando-nos, que os paizanos das suas communs estaõ prontos a obedecer-lhes, e querem marchar em favor do seo legitimo Soberano.

“ Huma pessoa, ha pouco vinda da Alsacia, pede licença para formar huma legião com o laço branco.

“Todas as praças dezejaõ entregar-se a Luis XVIII; e toda a França esta pronta a levantar se. Se houver quem tente excitar difficuldades, entaõ se vera como a França quer absolutamente ser livre.

“No primeiro dia em que Monsieur entrou em França, andamos 30 legoas pelos territorios dos seos Augustos antepassados. Hum Anjo, que tivesse vindo do Ceo, não teria certamente sido mais bem recebido pelo povo.”

PROCLAMAÇÃO EM NOME D'EL-REY.

O Duque de Angouleme ao Exercito Francez.

“Soldados! Ja cheguei—ja estou em França—e nesta França taõ cara ao meo coração. Venho quebrar o vossos ferros, e venho apresentar-vos o branco estandarte, aquelle estandarte sem mancha, que vossos pais em outro tempo seguirão com transporte. Juntai-vos em roda delle, valorozos Francezes, e marchemos todos a derrubar a tirannia.

“Generaes, Officiaes, e Soldados, que vierdes alistar-vos debaixo das bandeiras das antigas lizes, eu, em nome d'El Rei meo tio, que me incumbio de vos manifestar as suas paternaes intençoens, vos affianço as vossas gradaçoens, os vossos soldos, e ainda as recompensas proporcionadas á fidelidade dos vossos serviços.

“Soldados Francezes! Eu sou o neto de Henrique IV. —Eü sou o marido de huma Princeza que não tem igual no mundo nas suas infelicidades, e que ainda assim mesmó nada mais a pode consolar do que ver a França felis. Sim, eu sou hum Principe que, á imitação do meo Rei, tenho esquecido todas as minhas proprias desgraças só para cuidar das vossas, e vir lançar-me em vossos braços!

“Soldados! As minhas esperanças não ficarão frustradas! Eu sou o filho dos Vossos Reis, e vos sois Francezes . . .

LUIS ANTONIO.

Por Ordem de S. A. R.

O Conde Estevão de Damas.

S. Joao da Luz, 11 de Fevereiro,
de 1814.

PROCLAMAÇÃO.

O Maire de Bourdeaux aos seus Concidadãos.

Habitantes de Bourdeaux.—O paternal Magistrado da vossa cidade foi designado pelas circumstancias mais felizes para ser o interprete dos vossos dezejões athe agora reprimidos, e o orgão dos vossos sentimentos, e receber em vosso nome o Sobrinho e o genro de Luis XVI., cuja presença tem convertido em alliados todas essas irritadas naçoens, que athe quase ás vossas portas marchavaõ como inimigas.

Povo de Bourdeaux ! as multiplicadas proclamaçoens que pelo meio da imprensa as vossas anciozas pennas ja tem feito circular, vos devem ter desenganado de quaes são as intençoens do vosso Rei, e os planos dos alliados.

Naõ he para sugeitar as vossas provincias á hum jugo estrangeiro que agora aqui apparecem os Inglezes, Hespanhoes, e Portuguezes. Elles se tem reunido no Sul assim como outros povos se tem reunido em o Norte ; para destruirem o flagello das naçoens, e por em seo lugar hum Monarca, o Pai do seo Povo. Hé pais só por meio delle que nõs poderemos a pagar os resentimentos de huma nação vizinha, sobre a qual nos fomos precipitar pelo mais perfido e inaudito despotismo.

Se eu naõ estivesse convencido de que a presença dos Bourbons, conduzidos pelos generozos alliados, só he capaz de acabar com todas as vossas calamidades, eu nunca teria desamparado a vossa cidade, e inclinaria a minha cabeça em silencio para soffrer hum jugo temporario. Nunca eu teria posto este laço, que he o agoiro de hum governo sem mancha, se naõ estivesse certo de que todas as classes de cidadaõs hiaõ gozar com elle de todas as fortunas, que os progressos do espirito humano nos promettem.

As maõs dos Bourbons naõ estaõ maculadas com o sangue Francez ; e hé nellas que trazem o testamento de Luis XVI., que manda—*esquecer todo o resentimento.*—Por toda a parte ja tem proclamado, e o provaõ taobem, que a tolerancia he o primeiro de todos os seus dezejões. Persuadidos de que os Ministros das religioens, diferentes da sua, tem lamentado a sorte dos Reis e dos Pontifices, promettem igual protecção á toda a crença, que invoca hum Deos de paz e de reconciliação.

Lamentando os horriveis estragos da tirannia, filha de huma licenciosidade anarquica, esquecem todos os erros causados pelas illuzoens da liberdade. Mui longe de quererem que tornem a sentir estes estragos aquelles, que taõ cruel-

mente punidos corrêrão a traz desse fantasma enganador, vem pelo contrario restaurar a verdadeira liberdade, que só pode constituir o povo e o Monarca em huma completa armonia. Assustado com a facilidade que tem mostrado os Francezes em sancionar tributos que sempre são os apoios do despotismo, o Principe será o primeiro a indagar com os Vossos Representantes, qual seja o modo mais legal de impôr as taxaçoens, e qual a sua melhor distribuiçaõ, a fim de que o povo não fique arruinado.

Estas breves, mais conçoladoras palavras, que o marido da filha de Luis XVI. vos derigio—Acabaraõ-se os tiranos! —acabou-se a guerra!—acabaraõ-se as conscripçoens!—acabaraõ-se os tributos oppressores!—tem ja grandemente conçolado as vossas familias.

Ja por duas vezes S. M. proclamou a face da Europa, que o bem do Estado fazia com que elle ratificasse as vendas, que por innumeraveis transmutaçoens envolvem hoje tantas familias interessadas na sua garantia.

Povo de Bourdeaux! Eu tenho recebido todas as seguranças de que S. M. esta na firme determinação de favorecer a industria, e renovar entre nos aquella imparcial liberdade de commercio anterior a 1789, com a qual todas as classes laboriozas tanto tem prosperado. Os vossos campos recobra-rão as suas perdas; as colonias, por tantos annos separadas da Mai Patria, vos seraõ restituídas; e os mares, athe agora inuteis para vos, tornaraõ atrazer aos vossos portos as bandeiras amigas. O artista laboriozo não continuara a viver na ociozidade; e o marinheiro, restituído a sua nobre profissão, novamente correrá os mares, para comprar o des-canço dos seos ultimos annos, e deixar a seos filhos a sua taõ util experiéncia.

O espozo da filha de Luis XVI. ja esta dentro dos vossos muros e brevemente vos communicará os sentimentos que o animão assim como os do Monarca de que elle he interprete, e aquem elle reprezenta.

A esperança dos dias de felicidade que elle nos promete, tem vigorizado as minhas forças.

Eu não preciso de vos inculcar a concordia. Não tendem os nossos dezejões todos ao mesmo fim—a destruiçaõ da tirania, que nos todos taõbem temos igualmente soffrido? Mas para isto he preciso que todos concorraõ com a mesma ordem e com o mesmo vigor. Amsterdaõ não esperou pela presença dos seos libertadores, para se declarar e restabe-lecer o seo antigo governo, o unico, e so capaz de restaurar o seo commercio e a sua prosperidade. Ao patriotismo dos negociantes devo o Stadhouder o seo restabelecimento, e a

pronta creação de hum exercito para defender a liberdade da Hollanda.

Vos sereis os primeiros em dar este exemplo á França; e a gloria e vantagens que deste procedimento rezultarão a vossa cidade, devem faze-la mui famoza e felis entre todas as outras cidades.

Tudo pois nos convida a esperar, que a tão excessivas calamidades hajaõ de succeder os tempos suspirados do fim das rivalidades das naçoens. E quem sabe, se para o grande Capitaõ, que ja tem merecido o titulo do *Libertador das naçoens* esta rezervado o marcar com o seo nome gloriozo huma tal epocha, tão felismente portentoza?

Concidadãos! Taes tem sido os meos motivos, e taes são as esperanças que tem derigido os meos passos; estando pronto sendo necessario, para sacrificar a minha vida por vos. Sim, Deos he testemunha, que eu nunca tive em vista senão a felicidade da vossa Patria!

Viva El Rei:

O Maire, LYNCH.

*Bourdeaux, na Casa da Camera,
a 12 de Março, 1814.*

PROCLAMAÇÃO. 1

O Principe da Coroa da Suecia ao Povo Francez.

“ FRANCEZES!

“ Por ordem do meo Rei eu peguei nas armas para defender os direitos do povo Sueco. Depois de ter vingado os insultos, que elle tem soffrido, e haver concorrido para a liberdade da Allemanha, eu passei o Rheno.

“ Agora que torno a ver este rio, nas margens do qual por tantas vezes e com tanta felicidade tenho combatido por vos, julgo-me precisado a declarar-vos os meos sentimentos.

“ O Governo, debaixo de que viveis, tem continuamente tido em vista o tratar-vos com desprezo, a fim de aviltar-vos: he ja tempo porem, que tal estado de couzas acabe.

“ Todos os povos illuminados exprimem os seos dezejos pela felicidade da França, mas querem ao mesmo tempo que esse de ser o flagello do mundo.

“ Os monarchas alliados não se tem unido para fazer guerra ao povo, porem para forçar o vosso governo a reconhecer a independencia dos outros Estados. Este pois he o seo intento e o seo alvo ; e eu fico por fiador da inteireza dos seos sentimentos.

“ Filho adoptivo de Carlos XIII., e colocado pela escolha de hum povo livre aos pes do throno dos Gustavos, eu não posso desde hoje em diante ter outras ambiçoens senão as de segurar a felicidade dos habitantes da Peninsula Scandinavia. Depois disto, a nada mais posso com tanto gosto aspirar doque concorrer para o restabelecimento da futura felicidade dos meos antigos concidadaõs.

*Dada no meo Quartel-General de Colonia,
a 12 de Fevereiro, 1814.*

(Assignado)

CARLOS JOAÕ.”

EXERCITO COMBINADO DO NORTE D'ALLEMANHA.

Liege, 11 de Março, 1814.

ESTADO-MAIOR-GENERAL.

Tive a honra de informar a S. A. R., o Principe da Coroa, do que me escrevestes em data de 8 do corrente, queixando-vos das desordens acontecidas em St. Truye, e particularmente dos ataques, que pessoas mal intencionadas tem excitado contra os compradores dos bens nacionaes. S. A. R. me ordena, Senhor, o dizer-vos que a sua vontade he, que os compradores sejaõ protegidos, e que façaes citar perante os Tribunaes e punir todos aquelles que fomentarem estas perturbaçoens. O interesse de todos requer, que as pessoas, que tem comprado debaixo da garantia da confiança geral, não soffraõ risco nem perdas na fruição das suas propriedades. As potencias alliadas não se tem unido para esbulhar da sua posse os proprietarios das terras, mas taõ somente para obterem huma paz, conforme á justiça, e fundada nas bases dos Direitos das Naçoens.

Por ordem de S. A. R.

R. SPARRE,

Sub-Chefe do Estado-Maior General.

*Quartel-General de Luik,
10 de Março, 1814.*

Bruxellas, 17 de Março, 1814.

PROCLAMAÇÃO

Por Ordem d'El Rei.

O Marquez de Chambannez, Primeiro Ajudante de Campo do Rei, e seo Plenipotenciario nas provincias do Norte.

“ FRANCEZES !

“ O momento da Vossa liberdade está chegado. O vosso Rei acompanhado pela filha de Luis XVI., e seguido pelo Principe de Condé e o Pai do Duque de Enghien, está quaze a apparecer no meio de vos. Monsieur, o irmão de Luis XVIII., e seos illustres filhos ja o tem precedido no Est, Sul, e Ouest da França ; e todos elles vem dar a conhecer as vistas paternaes do Vosso Rei, e affiançar-vos em seo nome a restauração da felicidade e da paz debaixo de hum governo, que será o protector das Leis e da liberdade publica.

Os gritos de *Viva El Rei*, taõ caros á nossos Pais, ja por toda a parte se ouvem, e retumbaõ em todos os coraçõens. A bandeira branca tremola sobre as vossas cidades, e faz conhecer aos habitantes approximidade da ordem, o restabelecimento do commercio, a segurança das familias, e a uniaõ de todos os Francezes.

Ja não temos que temer a guerra, nem a conscripção, nem a enormidade dos onerosos tributos : todo o que fazia a miseria da nação deve cessar com a existencia do tirano.

O Rei positivamente assegura ás Guardas Imperiaes, á todos os Generaes, Officiaes, Subalternos, e particulares, que tomarem a sua cauza, a continuação das suas graduaçoens, paga, e emolumentos ; e á todos os Magistrados, ou sejaõ administrativos ou Judiciaes, declara a conservação dos seos postos ; porque dezeja recompensar honrozamente á todos os que o servirem. A religiaõ será restaurada no seo lustre, e á propriedade se daraõ as seguranças devidas. Nada haverá que possa perturbar a uniaõ de todos os Francezes ; e o Rei, juntamente com a sua familia, dando, o exemplo dos sacrificios, porá em completa harmonia os direitos e dezejos de todos.

Francezes ! tal he a contra-revolução que he preciso fazer-se para vosso bem e para o socego do mundo. Toda a Europa está ancioza pela restauração dos legitimos Sobe-

ranos ; e sereis vos a unica nação, que dezeje continuar a viver debaixo da mais infame tirania? *Viva El Rei!*

Bravos Flamengos—Habitantes do Artois e Picardia—aceitai as expressoens de respeito com que está penetrado aquelle, que tem hoje a fortuna de vos declarar os dezejos e as vistas do Rei.”

O Marquez de Chabannes.

PROCLAMAÇÃO

Do Field Marechal, Principe de Schwartzberg.

“ FRANCEZES !

“ Vos correis as armas, e o vosso governo favorece estas medidas que excitaõ os habitantes dos Departamentos contra os exercitos alliados. Quer assim illudir vos com enganozas promessas, que bem mostraõ a fraqueza de quem recorre á ellas.

“ Sois obrigados a soffrer a prezença de numerozos exercitos, porem a culpa so he do vosso governo, que taõbem só pode por termo ás vossas miserias. Que elle assigne a paz, que a Europa lhe offerece, e vos ficaes logo tranquilllos.

“ Os Alliados não querem conquistar a França, mas taõbem não querem fazer a paz sem condiçoens que segurem á França e a Europa hum socego permanente. Os sacrificios, que agora fizerdes saõ momentaneos, mas o bem que deve resultar desta uniaõ das naçoens ha de ser de longa duraçaõ. Francezes! a vossa existencia, e nacional independencia, deve ficar taõ solidamente estabelecida como a nossa ; e o vosso sangue não se tornara a derramar por cauzas que nada valem para os vossos interesses.

“ A paz só pode a fastar do territorio Francez os exercitos alliados. Novos batalhoens cobrem as estradas da Allemanha, da Belgica, da Hespanha e da Italia—Francezes! Levantai as vozes a favor da paz da Europa, esta paz, que he o unico objecto das Potencias alliadas, e a unica couza que mais deveis dezejar. Pedi ao vosso Governo a restauraçã das vossas colonias, a abertura dos vossos portos, e a liberdao do vosso commercio. Estas saõ as vantagens que nós vos offerecemos. Tudo quanto fazeis para sustentar a guerra, he em vosso detrimento ; e toda a oppoziçaõ que

nos fizerdes ou pelo vosso proprio instincto, ou seduzidos por outros, vai expor-vos a huma destruição inevitavel.

O Marechal, Principe de SCHWARTZENBERG,
General em Chefe do Grande exercito Alliado.

Quartel-General de Troyes,
10 de Março, 1814.

PROCLAMAÇÃO

Do Marechal Blucher aos Francezes.

“ FRANCEZES !

“ A vossa conservação me obriga ainda a falar-vos huma vez.

“ Procuraõ illudir-vos com proclamaçoens, e fazer-vos crer que nós não temos outro fim se não o de assolar e dividir a França. E a isto ainda acrescentaõ mentiras sobre pretendidas victorias, que as tropas Francezas tem ganhado.

“ Basta só que vos lembreis do que tem feito os nossos Soberanos, e do que tem feito o vosso ; doque se passou na Allemanha, na Hespanha, na Italia, na Suissa, e na Hollanda, e ver que os nossos exercitos saõ agora taõ numerosos e taõ bellos ; para ficar conhecendo quaõ torpemente vos enganaõ.

“ Se quereis julgar com a certo dos successos da guerra não tendes mais do que perguntar aos habitantes de Laon o que se passou a 9 e a 10 deste mez, nós quaes dias o exercito Francez, commandado pelo Imperador Napoleaõ em pessoa, foi completamente derrotado junto dos muros daquella cidade. Sim, perguntai-lhe se não viraõ fugir aquelle exercito diante das nossas tropas victoriosas, e senaõ viraõ os trofeos da nossa victoria, que consistiraõ em 50 peças de artilharia, caixoes immensos, e alguns mil prizioneiros ? E tudo isto só foi executado por huma parte do meo exercito, em quanto a outra entrava em S. Quentino, aonde tomou 45 peças de bronze, e em quanto o grande exercito, depois, de haver derrotado no dia 3 e 4 junto de Troyes o corpo que se lhe oppoz, se avançava direito a vossa capital.

“ Não vos deixeis pois cegar a tal ponto, que absolutamente acrediteis nas promessas, enganos, e instigaçoens de hum governo, cujo unico fim hé fazer-vos pegar em armas

contra nós, e prolongar a guerra a custa das ultimas gotas do vosso sangue e da propriedade de vos todos.

“ Os nossos soldados tem commettido excessos: mas estes procedem de motivos de vingança; porque muitos dos seos Camaradas tem sido assassinados pelos habitantes. Eu os tenho com tudo reprimido, e alguns mesmos tenho feito punir com a pena de morte. Mas ficai advertidos, que o meio mais efficaz de prevenir estes excessos da tropa he estar cada hum tranquillo em sua caza; não fechar as portas, porque isto excita a arromba-las; e mais que tudo não ter communicaçoes algumas com os nossos inimigos, nem pegar em armas contra nós.

“ Athe agora não tenho castigado as crueldades, que algumas cidades ou aldeas tem commettido contra alguns correios e soldados, extraviados do exercito alliado, porque esperava que a minha mesma moderação as fizesse entrar nos seos deveres. Porem sou forçado a informar-vos, que de hoje por diante vou tomar as medidas mais fortes.—Todas as cidades e aldeas, cujos habitantes pegarem em armas contra as nossas tropas, ou se oppozerem ás nossas operaçoes, serão irremediavelmente queimadas,—apezar de ser bem dolorozo para o meo coração castigar assim os innocentes com os culpados.

“ Nós, o que mais dezejamos, eu vo-lo torno a repetir, hé a paz e o repouzo da Europa. Quando as negociaçoes de Chatillon se vierem a publicar, então ficareis convencidos que he só o Vosso Soberano, apezar de tudo quanto voz diz, o unico que continuamente lhe suscita novos obstaculos. No em tanto só vos quero lembrar o celebre Discurso que hum Frances, (Mr. Raynouard) derigio ao vosso corpo legislativo, para que reguleis por elle as vossas opinioens.

“ De resto só vos digo:—Que todas as naçoens da Europa combatem por hum unico fim.—O successo não pode ser duvidozo. Huma maior rezistencia, e mesmo algumas vantagens, se estas voz podem conçoalar, para nada mais servirão do que para vos fazer ainda mais desgraçados do que ereis athe agora.”

*No meo Quartel-General de Laon,
a 13 de Março, 1814.*

VON BLUCHER.

H E S P A N H A.

Madrid, 3 de Fevereiro, 1814.

No Conciso deste dia se lê a Nota seguinte e o Tratado a ella immediato.

Nota.—Em virtude de que ja tinhamos publicado separadamente, e sem ordem a maior parte deste taõ decantado Tratado, e que se tinha feito geral o seo contendo, expressamos no numero antecedente os nossos desejos de que se publicasse, por considerar-mos ja inutil este segredo politico. Hoje nos achamos com este famoso Tratado sem sabermos quem no-lo remette para sua publicação. He tal seu contendo, taes as circumstancias, e requisitos, que ainda ignorando o canal por onde nos foi derigido, não achamos inconveniente publica-lo como inteiramente authentico. O original que recebemos está escrito em Francez.

Tratado de Paz, e Amizade entre El Rei Fernando VII. e Bonaparte.

S. M. Catholica, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rheno, e Mediador da Confederação Suissa, igualmente animados do desejo de fazerem cessar as hostilidades, e de concluir hum Tratado de Paz definitivo entre as duas Potencias, nomeraõ Plenipotenciarios para este fim a saber.

S. M. D. Fernando, a D. Joze Miguel de Carbajal, Duque de S. Carlos, Conde del Puerto, Graõ Mestre das Postas das Indias (correio Mór das Indias) Grande de Hespanha da primeira classe, Mordomo Mór de S. M. C., Tenente General dos Exercitos, Gentil Homem da Camera, com exercicio, Graõ Cruz, e Commendador de diversas ordens, &c. &c. &c.

S. M. o Imperador e Rei a Mr. Antonio Renato Carlos Mathurin, Conde de Laforest, Membro do seo Concelho de Estado, Graõ Official da Legião de Honra, Graõ Cruz da Ordem Imperial da Reuniaõ, &c. &c. &c.

Os quaes depois de trocarem seos plenos poderes respectivos, convierão nos seguintes artigos.

Art. 1. Haverá para o futuro, e desde a data da ratificação deste Tratado, Paz, e Amizade entre S. M. Fernando VII. e seos successores, e S. M. o Imperador e Rei e seos successores.

2. Cessaraõ todas as hostilidades por mar e por terra entre as duas naçoens; a saber em suas possessoens continentaes da Europa, logo depois das ratificaçoens deste Tratado; quinze dias depois, nos mares que banhaõ as costas da Europa, e Africa desta parte do Equador; quarenta depois, nos mares de Africa, e America da outra parte do Equador; e tres mezes depois nos paizes e mares situados a Leste do Cabo da Boa Esperança.

3. S. M. o Imperador dos Francczes, Rei de Italia, reconhece a D. Fernando, e seus successores, segundo a ordem de successaõ estabelecida pelas Leis fundamentaes de Hespanha, como Rei de Hespanha, e das Indias.

4. S. M. o Imperador e Rei reconhece a integridade do territorio de Hespanha tal qual existia antes de guerra actual.

5. As Provincias e Praças presentemente occupadas pelas tropas Francezas seraõ entregues, no estado em que se acharem, aos Governadores, e ás tropas Hespanholas que por El Rei forem enviadas.

6. S. M. El Rei Fernando se obriga pela sua parte a manter a integridade do territorio de Hespanha, Ilhas, Praças, e Presidios adjacentes, especialmente Mahon, e Ceuta. Obriga-se tambem a fazer evacuar as Provincias, Praças, e territorios occupados pelos Governadores e exercito Britannico.

7. Far-se-ha huma convençaõ militar entre hum Commissario Francez, e outro Hespanhol, para que seja simultanea a evacuaçaõ das Provincias Hespanholas ou occupadas pelos Francezes ou pelos Inglezes.

8. S. M. C., e S. M. o Imperador e Rei se obrigaõ reciprocamente a manter a independencia de seos direitos maritimos, do modo que foraõ estipulados no Tratado de Urecht, e como as duas naçoens as tinhaõ mantido ate o anno de 1792.

9. Todos os Hespanhoes addictos ao Rei Jose, que o serviraõ nos empregos civis ou militares, e que o acompanharaõ, voltarão as suas honras, direitos, e prerogativas de que gozavaõ: todos os bens de que tiverem sido privados, lhes seraõ restituídos. Os que quizerem ficar fora da Hespanha teraõ o prazo de 10 annos para venderem seus bens, e tomarem todas as medidas necessarias ao seo novo domicilio.

Ser-lhes-haõ conservados seus direitos as successoens, que lhes poderem pertencer, e poderaõ desfructar os seus bens, e dispor delles, sem estarem sujeitos ao direito do fisco ou de retractação, ou qualquer outro direito.

10. Todos os bens moveis, ou immoveis, pertencentes em Hespanha á Francezes, ou Italianos, lhe seraõ restituídos no estado em que os desfrutavaõ antes da guerra. Todas as propriedades sequestradas ou confiscadas em França ou em Italia aos Hespanhoens antes da guerra, tambem lhe seraõ restituídas. Por ambas as partes se nomeáraõ commissarios, que regularaõ todas as questoes contenciosas, que se suscitarem, ou sobrevierem entre Francezes, Italianos, ou Hespanhoens tanto por discussões de interesses anteriores á guerra, como pelos que tiverem havido depõs della.

11. Seraõ restituídos os prisioneiros feitos por ambas as partes, ou estejaõ nos depositos, ou em qualquer outra paragem, ou tenhaõ ja tomado partido menos que, logo depois da paz, declarem perante hum commissario da sua nação, que querem continuar no serviço da Potencia que servem.

12. A guarnição de Pamplona, os prisioneiros de Cadiz, da Corunha, das Ilhas do Mediterraneo, e os de qualquer outro deposito, que tiverem sido entregues aos Inglezes, igualmente se restituiraõ, ou estejaõ na Hespanha, ou tenhaõ sido enviados para a America.

13. S. M. Fernando VII. obriga-se igualmente a fazer pagar ao Rei Carlos IV., e á Rainha sua esposa a somma annual de 30 milhoens de reales, que será exactamente paga aos quarteis de tres em tres mezes. Pela morte do Rei receberá a Rainha, pelo estado de Viuva, dous milhoens de Francos. Todos os Hespanhoens que estiverem ao seo serviço, teraõ a liberdade de residir fora do territorio Hespanhol todo o tempo que S. S. M. M. julgarem conveniente.

14. Concluir-se-ha hum Tratado de commercio entre ambas as Potencias; e entretanto ficaraõ as suas relações mercantis no mesmo pe, em que estavaõ antes da guerra de 1792.

15. A ratificação deste Tratado se verificará em Paris no termo de hum mez ou antes se for possivel.

Feito e assignado em Valencey aos
11 de Dezembro de 1813.

O DUQUE DE S. CARLOS.

O CONDE DE LAFOREST.

Nos abaixo assignados, Plenipotenciarios nomeados respectivamente para negociar, e firmar huma paz entre Hespanha e França, temos formado o presente protocolo da nossa ultima conferencia, no momento de firmar o Tratado para fazer constar que foi ouvido por huma e outra parte a saber :

1. Que os plenos poderes dados ao Plenipotenciario Hespanhol, em forma de carta authografa, por falta de Chancelaria, foraõ apresentados com a condiçaõ de se lhes substituir, quando se verificar a troca das ratificaçoens, se esta se verificar, outros poderes revestidos das formulas usadas em Hespanha.

2. Que se o termo de 30 dias estipulado na art. 15 do Tratado para a troca das ratificaçoens, naõ for bastante, por cauza de algum impedimento real ou verdadeiro, fica reservado o proceder-se á esta troca nos 15 dias seguintes, ou antes se poder ser.

Feito e assignado em Valencey aos
11 de Dezembro de 1813.

O DUQUE DE S. CARLOS.

O CONDE DE LAFOREST.

CARTA

Authografa de Fernando VII. ao Duque de S. Carlos.

Duque de S. Carlos, meu primo. Desejando que cessem as hostilidades, e concorrer para o restabelecimento de huma paz solida e duravel entre a Hespanha e a França, e havendo-me feito proposiçoens de paz o Imperador dos Francezes e Rei da Italia, vos dou, pela intima confiança que tenho na vossa fidelidade, pleno, e absoluto poder, e incumbencia especial para que em nosso nome trateis, concluaes, e firmeis com o Plenipotenciario nomeado para este effeito por S. M. I. e R. o Imperador dos Francezes e Rei da Italia, os Tratados, Artigos, ajustes, os outros quaesquer actos que julgardes convenientes; promittindo cumprir e executar pontualmente tudo o que por vós, como Plenipotenciario, prometterdes, e firmardes em virtude deste poder, e de fazer expedir as ratificaçoens em boa forma, a fim de que se troquem no termo que se ajustar. Em Valencey aos 4 de Dezembro de 1813.

FERNANDO.

Ao Duque de S. Carlos.

Napoleão Imperador dos Francezes, &c. &c. Dá iguaes poderes a Laforest, com a differença unica de declarar que he para tratar com o encarregado do principe das Asturias, e não com o do Rei Fernando.

Madrid, 4 de Fevereiro.

A Regencia do Reino houve por bem expedir o seguinte Decreto.

D. Fernando VII. por graça de Deos, e pela Constituição da Monarquia Hespanhola, Rei das Hespanhas, e em sua auzencia e captiveiro, a Regencia do Reino, nomeada pelas Cortes Geraes e Extraordinarias, a todos os que as presentes virem e entenderem, sabei: que as Cortes decretarão o seguinte.

Desejando as Cortes dar na crise actual da Europa hum testemunho publico e solemne de perseverança inalteravel aos inimigos, de franqueza, e boa fe aos Alliados, e de amor e confiança a esta Nação heroica e destruir igualmente de hum golpe quantos estratagemas, e ardis possa intentar Napoleão na situação apertada em que se acha, para introduzir em Hespanha sua perniciosa influencia, deixar ameaçada a nossa independencia, alterar as nossas relações com as potencias amigas, ou semear a discordia nesta Nação magnanima, unida em defeza dos seos direitos, e de seu legitimo Rei o Senhor D. Fernando VII., determináraõ decretar, e decretaõ;

I. Conforme o theor do Decreto dado pelas Cortes Geraes e Extraordinarias no 1 de Janeiro de 1811, que de novo circulará pelos generaes e authoridades, que o Governo julgar conveniente, não se reconhecerá por livre El Rei, e por tanto não se lhe prestara obediencia ate que no seio do Congresso Nacional preste o juramento prescripto no artigo 173 da Constituição.

II. Apenas os generaes dos exercitos que occupão as provincias das fronteiras souberem com probabilidade a proxima vinda d'El Rei, expedirão hum expresso, ganhando horas, para fazer sabedor o governo das noticias que tiverem adquirido a respeito da dita vinda, acompanhamento dé El Rei, tropas nacionaes ou estrangeiras, que se dirigirem

com S. M. para a fronteira, e quaesquer outras circumstancias que poderem averiguar, concernentes a taõ grave assumpto; e deverá o governo passar immediatamente estas noticias ao conhecimento das Cortes.

III. A Regencia disporá tudo o que for conveniente, e dará aos generaes as instrucçoens e ordens necessarias para que ao chegar El Rei a fronteira receba copia deste Decreto, e huma carta de Regencia, com a solemnidade devida, que instrua S. M. de estado da Nação, dos seos heroicos sacrificios, e das resoluçoens tomadas pelas Cortes para segurar a independencia nacional, e a liberdade do Monarca.

IV. Não se permittira que entre El Rei com força alguma armada; e no caso que esta inténtasse penetrar pelas nossas fronteiras ou linhas dos nossos exercitos, será rechaçada conforme as leis da guerra.

V. Se a força armada que acompanhar El Rei for de Hespanhoens os Generaes em Chefe observaraõ as instrucçoens que tiverem do Governo, dirigidas a conciliar o allivio dos que tiverem padecido a desgraçada sorte de prisioneiros com a ordem e segurança do estado.

VI. O General do exercito que tiver a honra de receber El Rei, lhe dará do seo mesmo exercito a tropa correspondente a sua alta dignidade, e honras devidas á sua Real Pessoa.

VII. Não se consentirá que acompanhe a El Rei nenhum estrangeiro, nem ainda na qualidade de domestico ou creado.

VIII. Não se permittirá que acompanhem a El Rei, nem em seo serviço, nem de maneira alguma, os Hespanhoens que tiverem obtido de Napoleaõ, ou de seo irmaõ Jose, emprego, pensão ou condecoração de qualquer classe que seja, nem os que tiverem seguido os Francezes na sua retirada.

IX. Confia-se ao zelo da Regencia o assignalar a derrota que houver de seguir El Rei ate chegar a esta capital, a fim de que no acompanhamento, serviço, honras que se lhe fizerem no caminho, e na sua entrada nesta corte, e outros artigos concernentes a este particular, receba S. M. demonstraçoens de honra, e respeito, devidas á sua dignidade Suprema, e ao amor que lhe professa a Nação.

X. Authoriza-se por este Decreto o Presidente da Regencia para que em constando a entrada d'El Rei no territorio Hespanhol, sabia a receber, S. M. ate o encontrar, e o acompanhe á capital com a correspondente comitiva.

XI. O Presidente da Regencia apresentará a S. M. hum exemplar da constituição Politica da Monarquia, para que

instruido nella S. M. possa prestar com plena deliberação e vontade cumprida, o juramento que a Constituição prescreve.

XII. Quando chegar El Rei á capital, vira em direitura ao Congresso a prestar o dito juramento, guardando-se neste acto as ceremonias e solemnidades ordenadas no regulamento Interior de Cortes.

XIII. Logo que El Rei prestar o juramento prescripto na constituição, trinta individuos do Congresso, entre elles dois Secretarios; acompanharão, S. M. a palacio, onde formada a Regencia com a devida cerimonia, entregará o Governo á S. M., conforme a Constituição, e o artigo 11 do Decreto de 4 de Setembro de 1813. A Deputação voltará para o Congresso a dar conta de o ter assim executado; ficando no Arquivo das Cortes o correspondente documento.

XIV. No mesmo dia daraõ as Cortes hum Decreto com a solemnidade devida, para que chegue á noticia da nação inteira o acto solemne pelo qual, o em virtude de juramento prestado foi El Rei collocado constitucionalmente no seo throno. Este Decreto, depois de lido nas Cortes, se porá nas mãos d'El Rei por huma deputação igual á precedente, para que se publique com as mesmas formalidades que todos os outros, na conformidade do estabelecido no artigo 140 do regulamento interior de Cortes.

Assim o tenha entendido a Regencia do Reino para seu cumprimento; e o fará imprimir, publicar, e circular. Feito em Madrid aos 2 de Fevereiro de 1814. Antonio Joaquim Peres, Vice-Presidente. Pedro de Alcantara da Costa, Deputado Secretario. Antonio Diaz, Deputado Secretario. Para a Regencia do Reino.

Cadiz, 26 de Fevereiro, 1814.

A 3 do Corrente se assignou em Napoles entre os Plenipotenciarios. W. C. Bentinck, commandante em chefe das Forças Britanicas no Mediterraneo, e o Duque de Gallo, Ministros dos Negocios Estrangeiros do Rei de Napoles, a Convenção seguinte:—

Art. I. Desde hoje cessaraõ todas as hostilidades por mar e por terra entre as forças Inglezas e Napolitanas, que estaõ nas ilhas do Mediterraneo, e do Adriatico, ou outras quaesquer, commandadas por Officiaes Inglezes.

2. Durante o Armisticio haverá commercio livre entre a Gram Bretanha, o Reino de Napoles e as Ilhas ja mencionadas, com tanto que não seja de fazendas prohibidas, e se conforme com os regulamentos ja estabelecidos pelos respectivos governos, ou outros agora novamente estipulados.

3. Se por qualquer motivo cessar este Armisticio, as hostilidades não começaraõ antes de passarem 3 mezes, depois da notificação feita por qualquer das partes.

4. Immediatamente se concluirá huma convenção militar entre o General, ou officiaes superiores dos exercitos Austriacos, Inglezes e Napolitanos, para se determinar hum plano de operaçoens, conforme o qual as respectivas tropas bajaõ de commum acordo operar na Italia.

P O R T U G A L.

Extracto de hum officio de Sua Excellencia o Marechal General Duque da Victoria, dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Fozjaz, do seo Quartel General de S. Joaõ da Luz em data de 16 de Janeiro de 1814.

Desde que o exercito passou o Niye, no dia 9 de Dezembro, tinha tido o General Mina tres batalhoens das Tropas do seo commando em Ridney, na esquerda daquelle Rio, St. Etienne, e Baygorry, em observação aos movimentos que o inimigo poderia fazer de S. Jean Pie Port.

Os habitantes de Baygorry fizeraõ-se notaveis na ultima guerra, pela opposição ás tropas Hespanholas, e são unicos individuos que na presente tem manifestado alguma disposição para se opporem aos Alliados.

O General D'Arisepe com a cooperação dos habitantes de Ridney, e Baygorry com a Divizaõ do General Paris do exercito da Catalunha, e com as Tropas que elle pode re-

unir pertencentes á guarnição de S. Jean Pic Port, moveo-se no dia 12 do corrente contra as Tropas da Divisão do General Mina, e o obrigou a retirar-se para o Valle de las Alduides: desde então não tem havido movimento naquella lado.

As ultimas participações que recebi da Catalunha chegam até á data de 31 de Dezembro, e até aquelle periodo não havia alteração alguma nas posições, que occupavam ás nossas Tropas.

A Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias, apesar dos muitos esforços que tem feito para propagar a Vacinação por todo o Reino com aquella generalidade e proveito que he preciso haver em hum objecto de tanto interesse publico, vê com muita magoa que não contando as crianças mortas de bexigas enterradas nos Conventos, nem os que parecem nos Hospitales, he extraordinario o numero dos que tem morrido, principalmente nos ultimos tres mezes, nesta Capital, e pelas Provincias, segundo os Mappas remettidos á Junta da Saude: de maneira que em algumas Villas tem passado de duzentas pessoas as sacrificadas á morte por este tão terrivel mal, e muitos de idade já crescida, e que servião de apoio, e consolação ás suas familias, que choraõ hoje sem remedio a sua perda. Porem ao mesmo tempo que prantea a falta de tantos individuos, sabe com satisfação, que o Vaccinados encaraõ impune-mente este pestifero contagio sem delle serem atacados, e isto so á custa de terem soffrido huma muito innocente operação, que nunca produz o mais pequeno damno, quando he feita com discernimento.

A vista pois deste quadro comparativo he para lamentar que ainda possaõ haver espiritos, que por capricho, ou por interesses particulares pertendaõ tornar illusoria este unico antidoto dado pela providencia para livrar a especie humana de hum mal, que não poupa idade, nem sexo. Por cujo motivo fugir de abraçar hum bem, abonado pela pluralidade dos homens sabios, apoiado pelo Governo de todas as Nações civilizadas, verificado por experiencias incontestaveis, e repetidas em differentes climas, e por muitos annos he tanto mais criminozo, quanto o resultado de o não abraçar são mortes, deformidades, doenças incuraveis, privações em fim de membros uteis á Sociedade, que ou-

trora por hum meio taõ simples como o da Vaccinaçãõ existiriaõ ainda, augmentando o Corpo da Naçaõ, e concorrendo para a felecidade social nos diversos ramos de utilidade publica. Pelo que he hoje hum dever sagrado, imposto aos chefes de familia, o vaccinar as pessoas que estiverem debaixo da sua immediata vigilancia, e obrigaçãõ; pois que alias tornaõ-se responsaveis pelos funestos effeitos, que possaõ seguir-se do mortifero mal das bexigas: e os Reverendos Parochos, á quem tanto pertence cuidar na felicidade dos seos Parochianos, naõ ficaõ menos sujeitos á esta responsabilidade, quando naõ empreguem todos os meios de persuadir a necessidade da Vaccinaçãõ, fazendo-lhes conhecer, que devem abraçar aquelle bem, que lhes affiança a existencia dos seos filhos, amigos, e parentes; o qual so pode ser julgado como nocivo ou inutil pelas pessoas mal intencionadas e ignorantes.—O Secretario actual da Instituaçãõ Vaccinica—Francisco Elias Rodrigues da Silveira.

EDITAL.

O Principe Regente Nosso Senhor por seo Real Decreto de 7 de Abril do anno proximo passado de 1813, foi servido extinguir a Junta da Liquidaçãõ dos fundos da Companhia Geral de Pernambuco e Paraiba, ordenando que pela maior parte dos Accionistas se nomeem dois Administradores, os quaes vencendo somente a Commissão Mercantil, cuidaraõ em apurar, liquidar, cobrar, e entregar os fundos da extincta companhia; podendo requerer ao Mesmo Senhor, pelo expediente da Real Junta do Commercio, as providencias que parecerem necessarias, a fim de que os interessados nesta negociaçãõ arrecadem, o mais breve que for possivel, os seos cabedaes, cujo termo se tem alongado demasiadamente; e recebendo os novos Administradores, em forma legal, os capitaes, fazendas, generos, e mercadorias existentes; assim como os livros, papeis, e clarezas pertencentes á esta Administraçãõ. Para cumprimento desta Real Resoluçãõ, cuja execuçãõ fora comettida á sobredita Real Junta, convoca o Tribunal a todos os Accionistas habilitados para votar, e existentes nesta Capital, e Provincias do Reino, para que ate o dia vinte e hum do proximo mez de Março, remettaõ infallivelmente á Sua Secretaria os seos votos para a eleiçãõ dos referidos dois Administradores, dirigidos em carta fechada ao Deputado Secretario, Joze Accursio das Neves; escrevendo no reverso da mesma carta as seguintes

palavras.—Voto para a nomeação dos Administradores da extincta Companhia de Pernambuco e Paraíba;—a fim de que abertos todos perante o Tribunal, no dia seguinte se haja de verificar a mesma eleição pela pluralidade absoluta, como esta determinado: e para que os mesmos Accionistas votantes tenhaõ noticia e certeza de todas as pessoas interessadas na Companhia, e do numero de acçoens que nella conservaõ; acharaõ na mesma Secretaria relaçoens impressas, que lhe seraõ francamente dadas, juntamente com a copia do Real Decreto de 7 de Abril do anno próximo passado, logo que alli as pedirem por si, ou pelas pessoas de seus procuradores. E para que chegue á noticia de todos, se mandou affixar o presente Edital, e imprimir na Gazeta de Lisboa, a fim de circular por todo o Reino. Dado em Lisboa aos 25 de Janeiro de 1814.

JOZE ACCURSIO DAS NEVES.

Extracto de hum officio de Sua Excellencia o Marechal General Duque da Victoria, dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, do seo Quartel-General de S. Joaõ da Luz em data de 23 de Janeiro de 1814.

O inimigo retirou na manham de 21 todos os postos avançados, que tinha diante do campo entrincheirado de Bayona entre o Adour, e a esquerda do Nive; e ao mesmo tempo as tropas, que no meo ultimo despacho participei a Vossa Excellencia se haviaõ posto em movimento sobre Bidaray, e Baygorry, marcharaõ dalli apparentemente para o centro do Exercito, o qual tem sido consideravelmente reforçado.

Noticia alguma tenho recebido da Catalunha depois do meo ultimo officio.

Extracto de hum officio de Sua Excellencia o Marechal General Duque da Victoria, dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Quartel-General de S. Joaõ da Luz, em data de 30 de Janeiro de 1814.

Naõ tem occorrido coiza de maior importancia depois do meo officio de 23 do corrente.

O inimigo no decurso desta semana fez diferentes ataques contra os nõsso piquetes no *Joyeuse* e *Aran*, os quaes tiveraõ o mesmo exito que usualmente ataques de semel-

hante natureza costumaõ ter, isto he, ficarem os dois partidos de posse do terreno que antes occupavaõ, e com pouca perda de hum e outro lado. Em hum dos referidos ataques, perto de *Macaye*, no dia 26, conduziraõ-se as tropas do General *Morillo* admiravelmente bem; e nesta occaziaõ mostrou o inimigo maiores forças do que ordinariamente costumava.

As ultimas participaçoes que tenho recebido da *Catalunha* saõ de data de 20 do corrente, e por ellas foi informado que o Tenente General *Clinton* de concerto com o General *Copons*, fez hum movimento com a divisaõ do General *Sarsfield*, pertencente ao 2. Exercito, e com hum destacamento *Anglo-Siciliano*, do corpo do seo commando, ao mesmo tempo que o General *Copons* se pôz em movimento com huma Brigada de Infantaria do General *Manso*, e outras tropas, com o objecto de procurar cortar alguns destacamentos do inimigo no *Llobregat*, nas vizinhanças de *Molins del Rey*. O maõ estado das estradas impedio que esta empreza tivesse o bom successo que se tinha traçado, e o inimigo pôde conseguir o retirar-se.

Quartel-General de Ustaritz, 24 de Janeiro de 1814.

ORDEM DO DIA.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Marquez de *Campo Maior*, experimento hum novo prazer em publicar ao Exercito os dois extractos que abaixo seguem, pelos agradecimentos, e approvaçaõ que encerraõ de suas Excellencias os Senhores Governadores do Reino, e por patentearem os beneficos sentimentos paternaes de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, e os cuidados de Suas Excellencias para com o exercito.

Extracto de hum officio dirigido por Sua Excellencia o Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, a Sua Excellencia o Senhor Marechal, em 7 do corrente.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor,

Accuso a recepçaõ do officio que Vossa Excellencia me dirigio em data de 20 de Dezembro proximo passado, acompanhando o Mappa dos mortos, feridos, extraviados, e prizioneiros, que teve o exercito Portuguez nas differentes

acçoens, que houve desde o dia 9 do mesmo mez, o que tudo fiz presente aos Governadores do Reino, que não poderaõ deixar de reconhecer nos referidos ultimos successos Militares novas provas decisivas de valor, e disciplina das Tropas Alliadas, e em que o Exercito *Portuguez* outra vez se tem taõ assignaladamente distinguido; e em conformidade das Ordens de S. A. R. dezejaõ os Governadores do Reino, que Vossa Excellencia, no Augusto Nome do mesmo Senhor, haja de dar ao Exercito os justos louvores, de que se faz crêdor nesta nova occasiaõ.”

Extracto de outro officio dirigido por Sua Excellencia o Senhor D. Miguel Pereira Forjaz, a Sua Excellencia o Senhor Marechal, em 10 do corrente.

“ Illustrissimo e Excellentissimo Senhor,

Recebi, e levei immediatamente á presença dos Governadores do Reino o officio que Vossa Excellencia me dirigio, em data de 27 de Dezembro proximo passado, com a Ordem do Dia 25, e mais documentos, que vinhaõ inclusos, que os mesmos Governadores mandáraõ publicar logo para conhecimento, e satisfação do publico, sobre o brilhante comportamento das valorozas Tropas *Portuguezas*, e propondo-se os Governadores do Reino a fazer sem demora presente tudo o referido a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, não ficaraõ sem premio os bons serviços de taõ benemeritas tropas, merecendo em especial a maior contemplação as familias dos que gloriosamente acabaraõ a vida cubertos de gloria no campo da honra.”

Ajudante General—MOZINHO.

DECRETO.

Tendo consideração a que os serviços feitos pelos magistrados, empregados nas Repartiçoens civis dos exercitos, e pelos Auditores, são nas actuaes circumstancias para elles muito pezados e incomodos, e de grande importancia para a causa publica, pelo fornecimento de viveres e transportes, necessario a subsistencia e marcha das minhas Tropas, e pela manutenção da disciplina e boa ordem que se consegue pela pronta averiguação e castigo de delictos comettidos; não merecendo menos contemplação que os praticados nos lugares ordinarios da magistratura: hei por bem ordenar, que

os magistrados empregados nos Lugares de inspectores dos transportes, e nos de Commissarios e auditores do meo exercito de Portugal, tenhaõ no fim de cada triennio os accessos que lhes competirem nos lugares a que estiverem a caber athe a Relaçã e Caza do Porto, quando nelles concorrerem as circumstancias de aptidaõ, e bom desempenho dos seos deveres no serviço do mesmo exercito, sem vexame dos povos. A meza do Dezembargo do Paço o tenha assim entendido, e o faça executar com os Despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 26 de Novembro de 1813. Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.

EDITAL.

Com avizo da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da guerra, de 14 do corrente mez e anno, foi remetida a Real Junta do commercio, para se fazer publica huma copia da circular, que aos Ministros das Potencias Estrangeiras, rezidente sem Londres, se expedio pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros daquella Corte, a qual traduzida he na forma seguinte:—O abaixo assignado, hum dos principaes Secretarios de Estado de S. M., recebeo ordem de S. A. R. o Principe Regente para fazer saber, que em consequencia dos successos que tem acompanhado as armas de S. M., diversos portos e lugares em França tem sido e podem ser postos em occupação militar, ou debaixo da protecção de S. M.; e julgando-se conveniente, que os mesmos sejaõ abertos ao commercio de todas as naçoens que não estiverem em guerra com S. M. ou com alguma das Potencias alliadas; S. A. R. foi servido ordenar em Nome e da parte de S. M., que todos os sobreditos postos e lugares, logo que for declarado pelo commandante das forças de S. M. naquellas partes estarem de tal forma debaixo da protecção de S. M. que os vassallos Britanicos possaõ nelles commerciar com segurança, seraõ immediatamente desembaraçados do bloqueio a que athe entaõ estavaõ sujeitos como parte da França; e que será permitido aos vassallos de S. M., e as outras pessoas acima ditas, commerciar alli segundo os regulamentos que forem impostos pelo commandante das forças de S. M. naquellas partes: O abaixo assignado roga, &c.—Bathurst, Secretaria dos Negocios estrangeiros 14 de Janeiro de 1814.—E para constar se mandáraõ affixar editaes.—Lisboa, 18 de Fevereiro de 1814.

JOZE ACURCIO DAS NEVES.

INGLATERRA.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 7 de Março de 1814.

Os despachos de que damos as seguintes copias e extractos, foram recebidos nesta Secretaria dirigidos por Sir Ch. W. Stewart, e Lord Burghersh — Hum despacho de Sir C. W. Stewart datado de Chatillon-sur-Seine, 2 de Março.

MY LORD,

Eu tenho a honra de remittir á V. S. cinco boletins que tenho recebido do Coronel Lowe, respectivos ás operaçoens do exercito do Marechal Blucher ate o dia 28 de Fevereiro. Eu sou com grande sinceridade e estima,

Vosso, &c.

CH. STEWART, Tenente General.

Ao Visconde Castlereagh, &c.

I. *Boletin do Coronel Lowe, datado do Quartel General do exercito de Silesia, Arcis-sur-Aube, 20 de Fevereiro.*

SENHOR,

Este exercito, em consequencia de informaçoens que recebeu do grande exercito, tomou huma direcção de marcha differente do que mencionei no meo boletin de 18 do presento mez. Todo elle se unio e *bivouacou* a noite passada no aldea de Sommessous. Hoje faz alto em Arcis-sur-Aube, e a manhã provavelmente marchará para Mery, onde for-

mará o flanco direito do grande exercito, o qual suppoem se esta collocado dentro ou perto de Troyes. O General Gneisenau parte hoje para Troyes a fim de convencionar operaçoens com o grande exercito.

Eu tenho a honra de, &c.

H. LOWE, Coronel.

Ao Tenente General Sir C. Stewart.

2. *Boletin datado de Drauss, St. Basle, 21 de Fevereiro.*

SENHOR,

Hontem o exercito effeituou a sua marcha sobre Mery ; a villa ja estava occupada pelo General Conde Wittgenstein, o qual reconhecendo a possessão do inimigo achou que este tinha huma força consideravel de frente delle entre Charres e Merrigny. Chegando o Marechal Blucher, se retirou o seo corpo, e tomou a direcção da estrada de Chandrigny. Os postos que elle deixou em frente deste lugar apenas tinham sido rendidos por este exercito ás oitos da manham, quando o inimigo commeo hum ataque. Não tendo o Marechal Blucher intenção de proseguir immediatamente operaçoens algumas na margem esquerda do rio ordenou que sem perda de tempo se lançasse fogo á ponte sobre o Sena que divide a villa em duas partes, e que se tomassem as medidas necessarias para se defender a parte áquem do rio. Em quanto o Marechal Blucher superintendia as preparativos para este effeito, observou-se que a villa, ou por casualidade, ou sobrepensado, ardia em trez diferentes partes. Visto o vento estar mui rijo, não se pôde extinguir as chamas. Por tanto era impossivel effeituvar o projecto de defender a villa com hum corpo consideravel de infantaria. A penas se podiaõ empregar alguns caçadores. O inimigo, que não tinha obstaculo algum além do rio, avançou rapidamente. Tinha-se lançado fogo á ponte, porem so parte della tinha sido destruida. Desde das nove horas ate as duas houve huma constante fuzilaria ; porem o fogo esprou taõ rapidamente, que não se pôde apoiar por mais tempo o pequeno destacamento que tinha defendido a villa, e o inimigo conseguiu effeituvar a passagem pela restante parte da ponte. Em quanto isto occurria na villa, o Marechal Blucher formou o seo exercito em duas linhas em huma vasta

planice aquem do rio, tendo a sua cavallaria em reserva; e estava deste modo preparado a rechaçar efficaçmente o inimigo se este ousasse ataca-lo: porem esta habil disposiçã acobardou o inimigo. Tres dos seus batalhoens tinhaõ atravessado a ponte, e extendendo-se ao longo da margem esquerda do rio principiaraõ hum fogo mui activo com o apparente intuito de cobrir o movimento das tropas que marchavaõ do rio para co-operar com elles, quando as tropas do Marechal Blucher os atacaraõ os arrojaraõ para dentro da villa, e os obrigaraõ a repassar a ponte, deixando em nosso poder varios prisioneiros e feridos: e ao por do sol ambos os exercitos mantinhaõ os seus respectivos lados da villa.

Segundo os prisioneiros os corpos do inimigo nesta acçã foraõ o 7. e 9. commandados pelo Marechal Oudinot; alem de hum mui grande corpo de cavallaria.

Entre as duas e as tres horas de tarde, em quanto o Marechal Blucher estava reconhecendo a posiçã do inimigo na villa, foi ferido na perna com huma bala de espingarda: a qual atravessou a bota, mas felizmente não occasionou mal consideravel. O Coronel Valentine do Estado Maior foi ferido no mesmo momento. O Principe Schouvaloff, junior, General dos Cossacos foi igualmente ferido neste dia. Com tudo a perda foi mui limitada não constando mais que de 220 mortos e feridos. O Marechal Blucher esta noite *bivouacou* com o seu exercito na posiçã que tomou de manham.

Eu tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

Ao Tenente General, Sir C. Stewart, &c.

P. S. 23 de Fevereiro, 9 da manham.—O inimigo permanece no outro lado do rio, porem apparentemente sem grandes forças. As nossas tropas tem completamente destruido a ponte sobre o Sena.

H. LOWE, Coronel.

3. *Boletin do Coronel Lowe datado de Drauss, St. Basle, 23 de Fevereiro.*

SIR,

Tem-se observado hoje em quaze todo o dia a marcha de tropas inimigas para Troyes, consistindo em cavallaria, infantaria, artilharia e bagagens. Toda esta força se suppoem

passar de 10,000 homens, dos quaes cinco saõ de Cavalharia, com huma quantidade consideravel de artilharia.

Por huma carta recebida de Morains em data de hontem, parece que o General Nariskchin, que pertence ao corpo do General Winzingerode, occupa Epernay, e deita partidas athe Dormans. A mesma carta diz, que o corpo do General Winzingerode se esperava em Rheims naquelle mesmo dia ou no outro, e que o de Bulow se julgava taõ bem perto. Soissons foi reocupada pelo inimigo na sahida do General Winzingerode. O inimigo tem igualmente, como refere a mesma carta hum corpo em Chateau Thierry de observação ao General Winzingerode. O inimigo occupou taõbem Sezanne.

O corpo Prussiano de Lutzow esta em Conautray e devia avançar para Fere Champenoise.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

4. *Boletin do Coronel Lowe, datado de Anglure a 24 de Fevereiro, 1814.*

SIR,

O Field Marechal Blucher lançou esta manham tres pontos sobre o Aube perto de Beaudemont, e por ellas fez passar todo o seo exercito, marchando toda a noite sem ser percebido pelo inimigo, que está de frente em Mery. Esta noite deve *bivouacar* nesta cidade e suas vezinhaças, e provavelmente de manham cedo se moverá para Sezanne. Algumas noticias referem ter-se visto o inimigo em força, que se supoem á cima de 10,000 homens, marchar de Sezanne para Chalons, commandado pelo Marechal Marmont; e em consequencia disto se calculou o movimento de que acabo de fallar.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

5. *Boletin do Coronel Lowe, datado de Ferré, sous Jouarre, a 27 de Feveciro.*

SIR,

Pelo meo ultimo despacho de 25; vos informei da retirada do Marechal Marmont de Sezanne, e como este exercito o perseguia na intenção de o picar athe Ferté Gaucher. Mas ao chegar a qui o Marechal Blucher soube que o inimigo havia tomado a direcção de Rebais, para onde o foi seguindo, e alli fez alto de noite. O Marechal Marmont continuou a sua marcha para para Ferté sous Jouarre; e os paizanos dizem que fugia em dezordem, e que as tropas se lhe escondião pelos bosques. Em Rebais soube-se com tudo, que o Marechal Mortier marchava com a nova guarda de Chateau Thierry, aonde havia estado de observação ao General Winzingerode, e que se hia juntar com o Marechal Marmont, montando assim estas forças juntas de 16, a 20,000 homens. Era pois huma operação mui delicada o passar o Marne na presença de huma tal força, acrescendo ainda a grande probabilidade, de que Bonaparte ao saber destes movimentos do exercito da Silezia, destacaria taõbem algumas forças para a sua retaguarda. Fizeraõ-se por consequencia as seguintes disposiçoens. O Corpo do General Barão Sacken, e o General Conde Langeron derigiraõ as suas marchas para Coulomiers e Chailly, e hoje de manham deviaõ a diantar-se athe Meaux. Os corpos do General de Yorck e do General Kleist, depois de haverem feito alto de noite em Rebais e suas vezinhanças, tiveraõ ordem para marchar esta manham para Ferté-sous-Jouarre. O General Korf com huma divizaõ de 3,000 cavallos, formava a retaguarda em Ferte Gaucher. As demonstraçoens para Meaux tiveraõ todo o bom effeito. Os dois Marechaes Francezes, que se haviaõ reunido em Ferte-sous-Jouarre, precipitadamente abandonáraõ a cidade, deixando livre o rio naquelle sitio para se lhe lançarem as pontes necessarias. Alguma gente passou logo em botes, e entrou na cidade. Mas ainda quando o inimigo se tivesse conservado neste ponto a passagem sempre se teria feito em Meaux ou Friport, e suas vezinhanças, porque todas as disposiçoens estavaõ feitas para isto.

As duas pontes ja com effeito estaõ lançadas, e o exercito entra a passa-las. As disposiçoens para a manham devem fazer-se segundo as noticias que esta noite se receberem.

No em tanto sabemos, que os Generaes Winzingerode e e Bulow fizeraõ a sua junccão, e que agora devem estar em Soissons. O General Winzingerode destacou 2,000 cavallos para Arcis sur-Aube.

A guarda avançada do corpo do General Baraõ Sacken ocupou os suburbios de Meaux na margem esquerda do rio. Diz se, que o inimigo abandonára taõbem a margem do rio de fronte de Friport, e que o General Baraõ Sacken tem agora lá o seo Quartel-General. Fortes reconhecimentos de cavallaria se tem feito em todos os pontos da retaguarda.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

6. *Boletin do Coronel Lowe, datado de Ferte-sous-Jouarre, a 28 de Fevereiro.*

SIR,

A passagem do Marne exêcutou-se sem obstaculo nem dificuldade; e grande parte das tropas ja estaõ desta banda do rio, podendo-se livremente communicar com a outra.

Pelas ultimas noticias, o General Winzingerode estava em Rheims, e mandou para diante hum corpo athe Chateau Thierry, que ja está occupada pelos Alliados. O General Kleist está em Lagg sur Ourq.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

Tenente-General, Hon. Sir C. Stewart, K. B.

Extracto de hum Despacho do Lord Burghersh para Visconde Castlereagh, datado de Troyes, a 21 de Fevereiro, 1814.

Depois que tive a honra de escrever a V. S., o General Wittgenstein deixou a posição de Nogent, e de Pont-sur-Seinne. O inimigo, aproveitando-se do abandono destes lugares, avançou hum corpo athe St. Hilaire, aonde tem estado em posição todo este dia. Occupou taõbem Trainel.

Em consequencia destes movimentos, o Principe Schwartzenberg mandou esta manham reconhecer o inimigo por toda a sua cavallaria, reforçada com a do Marechal Blucher. Estes corpos tomáraõ as direcções de Trainel, St. Hilaire e Nogent.

O Marechal Blucher depois de chegar a Mery, tem ordenado que os movimentos da sua cavallaria se fizessem desde aqui athe Nogent.

Temos recebido a noticia de que o exercito Francez, reunido em Liaõ começou as suas operaçoens offensivas. As tropas de que elle se compoem, e que são commandadas pelo Marechal Augereau chegaõ a 25,000 homens ; ja tem avançado athe Macon e Bouig.

O Principe Schwartzenberg determinou mandar contra elle o corpo do general Bianchi. Os differentes corpos Austriacos que ja estão nas Vezinhanças de Dijon seraõ taõ bem postos as ordens do General Bianchi.

O primeiro corpo de rezerva do Principe de Hesse, que ja vem marchando para Bazilea, será incorporado ao mesmo exercito.

Colombe, 26 de Fevereiro.

MY LORD,

O Principe Schwartzenberg determinou hoje que os corpos dos Generaes Wrede e Wittgenstein tomassem á manham a estrada de Vandoeuvres ; e que os corpos do Principe Real de Wurtemberg e do General Giulay tomassem a estrada entre Bar-sur-Seine e Chatillon.

O inimigo avançou esta noite para Bar sur-Aube, e occupou estacidade, por que o General Wrede dali se retirou.

O Principe Schwartzenberg lhe ordenou depois que a retomasse ; e eu tenho a satisfacção de dizer que isto se fez sem perda da parte dos Bavaros. O inimigo foi arrojado da cidade á ponta de baioneta, e com huma perda consideravel.

As guardas Russianas, e as rezervas ja estão perto de Langres.

O Corpo do Principe Mauricio Lichtenstein derigio-se para Dijon, aonde se junctará ao exercito do General Bianchi.

Tenho a honra de ser, &c.

BURGHESH, Tenent. Cor. do Regim. 63.

P. S. O Corpo do General Wrede está hoje em Bar-sur-Aube : o do General Wittgenstein, defronte de Colombe ; o do General Giulay, em Arcembaros ; e o do Principe Real de Wurtemberg, em Montsaons.

BURGHESH.

Despacho do Lord Burghersh, datado das alturas em frente de Bovancourt, a 27 de Fevereiro, 1814.

MY LORD,

Ja hontem tive a honra de vos informar, que depois que o inimigo tomou Bar-sur-Aube, foi retomada pelo General Wrede; com tudo os Francezes a tornárao a entrar, e só os suburbios estaõ em poder dos Bavaros.

Participei a V. S. as intençoens que tinha o Principe Schwartzenberg, de atacar hoje o inimigo na estrada de Vandœuvre, e agora tenho a satisfacção de participar tão bem a victoria.

No principio da manham, o Principe Schwartzenberg achou o inimigo de posse de Bar-sur-Aube, havendo feito passar huma consideravel coluna pelas alturas na direcção de Levigni, com o intento de envolver o corpo do General Wrede, que estava postado na retaguarda de Bar-sur-Aube.

O Corpo do General Wittgenstein tinha-se reunido, como dice, de frente da Colombe. O Principe Schwartzenberg o fez passar entaõ para a retaguarda do General Wrede, e o mandou atacar o inimigo que marchava para Levigny, sobre a direita do General Wrede.

O General Wittgenstein chegou ás alturas para onde se derigia, quasi ao meio dia; e o trabalho que teve em manter a pozição foi assas difficil.

Por muitas vezes o Principe Schwartzenberg derigio pessoalmente os ataques das tropas Russianas; e em huma dellas tenho o desgosto de dizer, que ficou ferido, ainda que supponho, levemente. Com tudo pode ao menos consolar-se de ter ficado com toda a gloria deste dia.

As tropas Francezas foraõ desalojadas com grande perda de todas as suas poziçoens sobre o Aube. O Conde Pahlen lhes fez o maior damno possivel na passagem da ponte de Dulancourt.

O General Wrede estabeleceo as suas guardas avançadas em Spoes, na antiga estrada de Vandœuvre.

Parece que as forças inimigas que entráraõ na accão deste dia, foraõ as do Marechal Victor, do Marechal Oudinot, e parte das do Marechal Macdonald. A sua perda deve ser de 2 á 3,000 homens. O seo desalento torna-se mais completo depois de se terem gabado de tantas victorias.

O inimigo será a manham perseguido na direcção de Vandœuvre.

O Principe Real de Wurtemberg, e o General Giulay estaõ perto de Bar-sur-Seine, e atacaraõ a manham aquelle posto.

Eu tenho a honra de ser, &c. —BURGHESH.

Extracto de outro Despacho de Lord Burghersh datado de

Colombe, 1 de Março, 1814.

Depois da tomada de Bar a 27, e de todas as posições do inimigo naquella parte do Aube, o Principe Schwartzberg, perseguio os Francezes na passagem do rio, e estabeleceu postos avançados de Cavallaria junto de Magny na esquerda, e de Val Surenay na direita.

Em a noite de 27 mandou dizer o Principe Real de Wirtemberg, que o corpo do Marechal Macdonald, havia tomado posições em Chairevaux e la Ferte sur Aube.

Apezar disto, o Principe Schwartzberg ordenou ao Principe Real, que continuasse nos seus movimentos para Bar-sur-Seine, e que atacasse o inimigo em qualquer parte que o achasse.

Athe receber noticias destas operações, não quis o Principe Schwartzberg, arriscar a infantaria dos corpos, que tinham pelejado a batalha de 27, na passagem do Aube.

Este obstaculo foi com tudo removido, e o Principe Real ponde desalojar os Francezes das suas posições.

O corpo do General Giulay, que estava debaixo das suas ordens atacou, e entrou a cidade de la Ferte. O Principe Real a poderou-se de Clairvaux.

Depois destes successos, os dois corpos avançarão para Pontette e St. Usage, aonde o inimigo occupava huma posição fortissima, e que abandonou com a chegada dos alliados.

O Quartel General do Principe Real estava hontem em Champignole, a deve ter avançado hoje para Bar-sur-Seine. O resultado das suas operações por aquella parte ainda não he conhecido.

Por huma carta do General Tettenborn, datada de 27 de Vertus, sabe-se que fôra atacado naquella dia por 4,000 homens das guardas de Bonaparte em Fere Champenoise, e que em consequencia se retirára dali para Vertus. Buonaparte estava em Arcis, e hum corpo consideravel do seu exercito marchava para Sezanne.

A vista destas noticias, o Principe Schwartzberg determinou fazer adiantar athe Vandœuvre os corpos dos Generaes Wittgenstein e Wrede. So a manham he que alli devem chegar, e depois avançarão para Troyes,

Se os corpos do Principe Real, e do General Giulay poderem hoje tomar posições em Bar-sur-Seine, então marcharão pela esquerda do Senna para taõbem operarem em Troyes.

Esqueceo-me dizes a V. S. no meo ultimo despacho, que o Forte da Salines se rendeo aos Alliados.

O corpo do General St. Priest, chegou a Vitry-sur-Marne, e o General Iago estava em Joinville com ordem de se lhe vir juntar.

Acabaõ de chegar noticias do General Frimont, que mostraõ o bem successo que teve em hum ataque de cavallaria que hoje fez contra a reta guarda do inimigo perto de Vandœuvre. O General Frimont levou o inimigo athe alem da cidade, e depois estabeleceo alli o seo Quartel General.

SECRETARIA DE GUERRA, *Março 11, de 1814.*

Extracto de hum Despacho do Marquez Lord Wellington, datado de

S. João da Luz, 20 de Fevereiro, 1814.

Em conformidade das intençoens que tinha, e ja communiquei a V. S. no meo ultimo despacho, puz no dia 14 em movimento a la direita do exercito, commandade pelo Tenente General Sir R. Hill, o qual fez retroceder os piquetes do inimigo do rio Joyeuse, e atacou as suas posiçoens de Hellete, aonde o General Harispe se retirou com perda para St. Martin. Hum destacamento do General Mina, que estava no Valle de Bastan avançou no mesmo dia para Baygorry e Bidarry; e como a communicacão do inimigo com St. Jean Pied-de-Port, estava cortada por Sir R. Hill, as tropas Hespanholas, acima mencionadas, ficarão sitiando aquelle Forte.

Na manham de 15, Sir R. Hill continuou a perseguir o inimigo, que se retirou para huma forte posiçãõ de frente de Garris, aonde o General Harispe foi reforçado por huma divizaõ do General Paris, e por outras tropas do centro do inimigo.

A divizaõ Hespanhola de Morillo, depois de haver repellido os postos avançados inimigos, teve ordem de marchar para S. Palais, por hum monte paralelo á posiçãõ do inimigo, em ordem a flanquear lhe a esquerda, e cortar-lhe a retirada por aquella estrada, em quanto a 2. divizaõ, commandada por Sir W. Stewart, o atacava pela frente. Estas tropas fizeram hum brilhantissimo ataque, e levarão a grande posiçãõ do inimigo, cauzando lhe grande perda. A acçãõ durou athe a noite, depois das differentes tentativas que fez o inimigo para retomar a posiçãõ, principalmente por duas vezes, em que foi briozamente recebido e rechaçado pelo

regimento 39, commandado pelo Coronel O'Callaghan, e pela Brigada do Major General Pringle.

O Major General e o Tenente Coronel Bruce, foram desgraçadamente feridos.

Nós tomámos 10 officiaes e quasi 200 soldados.

Depois de hum movimento semelhante pela direita, os nossos postos estavaõ a 15 á noite junto do rio Bidouze, e o inimigo passou o rio de noite em St. Palais, destruindo as pontes, que apezar disso foraõ logo reparadas, e ja no dia 16 por ellas poderem passar as tropas de Sir R. Hill. No dia 17 o inimigo foi obrigado a retirar-se por Gave de Mouleon, e não obstante ter pretendido destruir a ponte de Arriverette, não teve tempo para isso. Como taõbem se descobrisse hum váo acima da ponte, o regimento 92 do Tenente Coronel Cameron, auxiliado pelo fogo da artilharia a cavallo do Capitaõ Beane, passou por elle, e foi fazer hum fortissimo ataque contra dois batalhoens de infantaria Franceza, que estavaõ postados em huma aldea, aonde foraõ expulsos com perda consideravel. O inimigo retirou-se de noite atravez de Gave de Oleron, e foi tomar huma forte posição nas vezinhanças de Sauveterre, aonde foi reforçado por outras tropas.

A 18, as nossos postos ja estavaõ em Gave de Oleron.

Tenho sumo prazer em participar a V. S. que em todos estes ataques as tropas se portáraõ bizarramente; e que o mesmo posso dizer das Hespanholas do General Morillo no dia 15.

Depois de 14 o inimigo tem consideravelmente diminuido a sua força em Baiona.

Não tenho noticias da Catalunha, e só hoje recebi a participação do commandante de Pamplona, que me annuncio ter-se vendido por capitulação ao General Mina, o Forte de Jaco, em 17 do corrente. Não sei ainda as particularidades, e só que naquella fortaleza haviaõ 84 peças de bronze.

SECRETARIA DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, 11 de Março.

Copia de hum Despacho, enviado por Lord Burghersh, datado de

Troyes, a 4 de Março, 1814.

MY LORD,

Troyes está outra vez em poder dos alliados. A derrota que hontem soffreo o inimigo, sendo desalojado de todas as

posições que defendem a cidade, deo-nos a posse della sem difficuldade.

No meo ultimo despacho ja partecipei a V. S. que em consequencia dos bem sucedidos ataques com a reta guarda do inimigo, o General Frimont tinha o seo Quartel General em Vandœuvre.

O Principe Real de Wurtemberg, tem continuado nos seos progressos contra o corpo do Marechal Macdonald, e entrou em Bar-sur-Seine no 1 do corrente, perseguindo ainda depois no dia 2 o inimigo athe Maison Blanche.

O Principe Schwartzenberg determinou fazer o seo ataque no dia 3. Assim ordenou ao General Wittgenstein de marchar para Piney, cortar a esquerda do inimigo na aldea de Laubrael, e de ameaçar a sua communicação com Troyes, tomando a direcção de St. Parre.

O General Wrede devia esperar pelos movimentos do General Wittgenstein, atacar depois a ponte de la Guillotiere e marchar para a frente do inimigo.

O Principe Real tinha ordem para atacar taõbem ao mesmo tempo a posição do inimigo em la Maison Blanche.

O longo caminho que tinha para fazer o corpo do General Wittgenstein, não o deixou chegar ao flanco do inimigo antes das 3 horas da tarde.

O Principe Eugenio de Wurtemburgh, que commanda huma divizaõ, começou immediatamente o ataque, marchando ao longo das alturas para Labraessel, levando diante de si o inimigo, e por fim tomando por força aquella aldea.

O General Wittgenstein auxilliou este ataque com toda a artilharia do seo corpo. Ao mesmo tempo o Conde Pahlen pela direita entrou a ameaçar a retaguarda do inimigo.

Nesta occaziaõ o Principe Schwartzenberg mandou que 5 batalhoens Bavaros passassem o Barea nas vezinhanças de Courteranges, tomassem posição nos bosques da direita do rio, e se pozessem em communicação com os Russianos em Laubrassel. Este movimento foi prontissimamente executado. O General Wrede atacou entaõ a ponte de la Guillotiere, expulsou della o inimigo com perda, e desta sorte se fez senhor de toda a sua posição.

O Marechal Macdonald, ameaçado por todos os lados entrou a retirar-se pela estrada de Troyes. Differentes ataques de cavallaria, e todos muito bem sucedidos, mandou entaõ fazer contra elle o General Wittgenstein. Os resultados desta acção foraõ 54 officiaes e 3,000 soldados prisioneiros, com 10 peças de artilharia. O inimigo foi perseguido athe a aldea de S. Parre, aonde só ficou a sua retaguarda, por que todas as mais forças entráraõ de noite na cidade.

As nove horas da manhã o General Wrede avançou contra o inimigo que se retirou; e sendo-lhe intimado que entregasse a cidade, capitulou, dando se-lhe huma hora para evacua-la.

A penas findou o tempo estipulado, o Principe Schwartzberg ordenou que toda a cavallaria, o perseguisse pela estrada de Nogent.

Os Cossacos e os Bavaros fizeraõ diferentes bellissimos ataques; e o Principe Schwartzberg, os conduzio elle mesmo em pessoa com muito vigor e bizarria.

Fizeraõ-se ainda alguns prisioneiros, e o inimigo foi perseguido ainda para alem de Greys.

O Principe Real tomou a posição de la Maison Blanche com muito pouco custo. O seo corpo está nas vezinhanças deste lugar, e a sua cavallaria toma a estrada de Sens.

Hé para mim huma couza mui agradavel o ter que referir a V. S. os successos das tropas comandadas pelo Principe Schwartzberg.

Apezar de todas as privaçoens, por ser impossivel ter armazens, e da rapidez de todos estes movimentos, todos os officiaes e soldados mostráraõ huma heroica constancia. Nas aççoens destes ultimos dias o Principe Marechal manifestou o quanto estava satisfeito com o comportamento do exercito.

Os Generaes Wittgenstein e Wrede particularmente receberaõ os seos agradecimentos. O Principe Eugenio de Wurtemberg foi igualmente elogiado não só pelo brio que mostrou nestas ultimas aççoens, mas pelo muito que sempre se tem distinguido em todas.

V. S. ja deve estar informado de que o Quartel General do Marechal Blucher, estava a 26 de Fevereiro em la Ferte; depois disso não tem havido mais noticias delle. Para conservar communicações com aquelle official, e ameaçar a retaguarda de Buonaparte, que agora o persegue, o Principe Schwartzberg, ordenou ao Conde Platoff que marchasse para Sezanne. Nesta sua marcha ja tomou a cidade de Arcis, com a guarnição que nella havia.

Tenho a honra de ser, &c.

BURCHERSH, Tenent. Cor.
do Reg. 63.

SECRETARIA DE GUERRA, 14 de Março, de 1814.

Copias dos Despachos recebidos do Sir Thomas Graham, datados de

Calmhout, a 10 e 11 de Março de 1814.

MY LORD,

He huma ccuza bem dolorosa para mim ter que se ferir a V. S. que o ataque contra Bergen-op-Zoom, que dava tantas esperanças, foi por fim malogrado com huma perda consideravel da 1. divisão, e da Brigada do Brigadeiro General Gore.

He desnecessario dar agora as razoes que me determinárao a querer levar de assalto huma praça de tanta importancia, pois que as duas columnas, que sem quasi perda alguma poderao apossar-se das fortificaçoens, mostraõ bem a probabilidade da empreza, assim com o justificaõ o risco em hum objecto taõ interessante.

As tropas destinadas para o assalto estavaõ formadas em 4 columnas. No 1, a columna da esquerda atacou entre Antwerpia, e Water Port Gates. No 2. atacou a direita de New Gate. No 3. só foi destinado para desviar a attenção do inimigo por hum ataque falso junto de Steenbergen Gate, e depois empregar-se segundo as circumstancias o pedissem. No 4. a columna da direita atacou pela entrada do porto, que se podia vadear na mare baixa; e a hora estava por consequente marcada para as 10 horas e meia da noite do dia 8.

O Major General Cooke acompanhou a columna da esquerda. O Major General Skerrett, e o Brigadeiro General Gore, acompanhárao a columna da direita, que foi a primeira que forçou o caminho para dentro da praça. Estas duas columnas deviaõ dirigir-se ao longo das fortificaçoens athe formarem a sua junccão, e depois marcharem para desembaraçar a muralha, e auxiliar a columna do centro, ou forçar a porta chamada de Antwerpia.

Huma inesperada difficuldade na passagem do fosso, que estava gelado, havendo feito com que o Major General Cooke fosse obrigado a mudar o ponto de ataque, nisto se passou muito tempo, e a columna não poude chegar ás muralhas senaõ depois das 11 horas e meia.

Entre tanto, a lamentavel perda do Brigadeiro General Gore, e do Tenente Coronel Hon. G. Carleton, junta com a perigoza ferida do Major General Skerret, deixando sem direcção nem commando a columna da direita, esta entrou a desordenar-se, e soffreu huma perda consideravel em

mortos, feridos e prisioneiros. A columna do centro, forçada a retroceder com grande perda, em razão do terrível fogo da praça, e das feridas, tanto do seo commandante o Coronel Morrice, como do Tenente Coronel Elphinstone, do regimento 33, foi ainda posta em ordem pelo Major Buttlebury, e poudo juntar-se com o Major General Cooke, deixando a ala esquerda do 55, empregada em retirar os feridos da esplanada. Com tudo as guardas tinham sofrido tanto em toda a noite pelo fogo destruidor que se lhes fazia das cazas, fronteiras a sua posição, e com a perda do destacamento do 1. das guardas, que sendo mandadas para auxiliar o Tenente Coronel Carleton, e segurarem a porta de Antwerpia, foraõ repellidas com a perda das vidas de muitos officiaes, apezar da mais heroica resistencia.

Ao romper do dia, o inimigo tendo apontado as peças da praça, principiou o seo fogo contra as tropas que não tinham abrigo algum contra elle. A reserva da 4. columna ainda se retirou de Water-Port-Gate, seguida pelo 33; mas o primeiro regimento, debaixo de hum fogo cruzado da praça e de Water-Port, não teve remedio senão depór as armas.

O Major General Cooke desesperando entãõ de qualquer bom successo, fez retirar as guardas, que se conduziraõ o melhor que he possivel, protegidas pelos restos do regimento 69, e da ala direita do 55, que repetidas vezes, repellio o inimigo á bayoneta, sendo commando pelo Major-general em pessoa. O General, que por fim vio á impossibilidade de salvar estes fracos batalhoens, julgou como hum briozo soldado que se devia sacrificar para salvamento das vidas de homens taõ valentes; e assim rendeo-se juntamente com elles.

Eu dezejaria mencionar ja as brilhantes acçoens de todos esses officiaes que tiveraõ occaziaõ de distinguir-se, porem ainda me não foi possivel ter as informações necessarias.

O Major-general Cooke faz os maiores elogios á todos os officiaes e soldados que estiveraõ perto delle, particularmente mencionando o Coronel Lord Proby: os Tenentes-coroneis Rooke, commandante das guardas, Mercer do 3 das guardas, e commandante das companhias ligeiras da brigada; e os Majores Muttlebury e Hog do 69, e do 65. Ao mesmo tempo lamenta o quanto perdeu o serviço com a morte dos distinctos officiaes, Tenente-coronel Clifton do 1. das guardas, e o Tenente coronel o Hon. T. Macdonald do 1. regimento. Estes officiaes morrêraõ assim como muitos outros na Porta de Antwerpia, mostrando a maior intrepidez, aonde foi obrigado a render-se com o seo destacamento o Tenente-coronel Jones.

V. S. pode acreditar-me, que ainda que seja impossivel não sentir o mau exito que teve esta empreza, com tudo o que eu mais sinceramente sintó he a perda de tão valerosos camaradas.

Tenho a honra de ser, &c.

THOMAS GRAHAM.

MY LORD,

Tenho a honra de participar a V. S. que o General Bizanet, Governador de Bergen-op-Zoom, permitio que o Tenente-coronel Jones, me trouxesse huma carta do General Cooke, em consequencia da qual eu mandei hontem de manham o meo Ajudante de Campo, o Major Stanhope, munido de plenos poderes para concluir hum ajuste relativo á troca de prisioneiros, e de que remeto huma copia. Em consequencia deste ajuste, todos á excepção dos feridos sahirão hontem de Bergen-op-Zoom, para serem embarcados para Inglaterra logo que a navegação do rio for praticavel. Espero que este meo procedimento, em que está implicada a minha honra, será inteiramente approvado, e que com toda a brevidade possivel se dará liberdade aos prisioneiros Francezes, segundo as gradaçoens competentes.

Naõ posso omitir o quanto estou satisfeito com o zello infatigavel do Tenente-coronel Jones a respeito dos prisioneiros, e obrigação em que lhe estou neste ponto assim como ao Major Stanhope. Taõbem folgo muito de fazer aqui a justiça devida aos procedimentos do General Bizanet, o qual como generoso e verdadeiro militar, logo desde principio tratou os prisioneiros o melhor que era possivel.

Elle mandou-me o nome de hum official prizioneiro em Inglaterra, e que foi em outro tempo seo Ajudante de Campo; e assim eu espero que, como obsequio feito á aquelle General, o official seja immediatamente livre sem alguma troca.

O Major Stanhope, que melhor doque ninguem pode informar a Vossa Senhoria de todas estas particularidades, he por isso mesmo o portador dos meos despachos, e neste cazo me julgo dispensado de dizer mais alguma couza.

Tenho a honra de ser, &c.

THOMAS GRAHAM.

Convenção para a troca dos Prizioneiros.

Hoje 10 de Março, o Tenente-coronel Jones, e o Tenente-coronel Stanhope, Ajudante de Campo do General Comm-

dante das forças Britanicas; e Messrs. Hugot de Neufville, Major, e Le Clere, Tenente-coronel dos Engenheiros Francezes, havendo sido nomeados pelos seus respectivos generaes para concordarem nas condiçoens de huma troca de prizioneiros, as quaes condiçoens deviaõ ser depois approvadas pelos ditos generaes commandantes;

Os officiaes Britanicos propozeraõ:—

Artigo 1. Haverá suspensaõ d'armas por tres dias, a contar de hoje ao meio dia, a fim de se poderem fazer os arranjos necessarios para a execuçaõ da troca de prizioneiros.—Resposta, concedido.

2. Todos os prizioneiros de guerra, feridos, e outros, pertencentes ás forças de S. M. seraõ restituídos, dando a sua palavra de honra de naõ servirem contra a França ou seus alliados na Europa athe serem regularmente trocados.—Resposta, concedido.

3. Todos os Francezes prizioneiros de guerra, feridos, e outros, seraõ libertados na mesma proporçaõ do numero restituído a S. M. B. conforme o artigo precedente.—Resposta, concedido.

4. Como alguns Officiaes e Soldados de S. M. estaõ gravemente feridos, poderãõ ficar dentro da praça de Bergen-op Zoom, e com elles dois medicos ou cirurgioens, junto com as pessoas necessarias para os tratarem.—Resposta, concedido.

5. Destinar-se há huma caza para hospital dos Inglezes feridos; e a os officiaes Inglezes se permitirá o viverem nas cazas particulares, á sua custa.—Resposta, concedido.

6. Quando alguns ou todos os feridos estiverem curados, receberãõ transportes do Governador de Bergen-op-Zoom para hirem athe os postos avançados Inglezes; e os medicos, e mais pessoas de serviço poderaõ taõbem retirar-se quando os seus serviços ja naõ forem precisos.—Resposta, concedido.

7. Ao official general comandante das tropas Britanicas será permitido o nomear hum commissario para que possa trazer para dentro da praça de Bergen-op-Zoom tudo o que for preciso para os doentes, e desta forma possa taõbem entrar e sahir livremente.—Resposta, Todas as couzas precisas seraõ conduzidas em hum dia determinado de cada semana, entre as 10 horas da manham e as 2 datarde. Seraõ depois depositadas dentro de alcance da artilharia, e dalli se hiraõ levando para aguarniçaõ.

8. As tropas de ambas as naçoens conservarãõ, em quanto durar a suspensaõ de hostilidades, as mesmas posiçoens que agora occupaõ.—Resposta, concedido.

9. Hum official Inglez terá licença para ficar dentro da praça de Bergen-op-Zoom em quanto estiverem suspensas as hostilidades, a fim de se regular a execução destes diferentes ajustes.—Resposta; concedido.

10. Os Officiaes Inglezes conservarão as suas espadas.—Resposta, concedido.

11. Será permitido a entrada dos carros dentro da cidade para conduzirem os feridos.—Resposta; concedido.

Artigos-propostos pelos Francezes.

12. O Governador de Bergen-op-Zoom poderá mandar hum official Francez com despachos ao governador de Antwerpia, para lhe participar o resultado desta convenção.—Resposta, concedido. E será acompanhado por hum official Inglez do Quartel General athé os postos avançados Francezes diante de Antwerpia.

13. Deverá fazer-se hum mapa de todos os officiaes e soldados de S. M. B. que agora estão prizioneiros de guerra em Bergen-op-Zoom, o qual mapa se anexará a este Tratado de troca.—Resposta, concedido.

14. Outro mapa semelhante se fará de todos os officiaes e soldados Francezes que foraõ prizioneiros em a noite de 8 para 9 do corrente, os quaes seraõ immediatamente restituídos.—Resposta, concedido.

15. Estas mapas conterão os nomes dos prizioneiros conforme as suas graduacoens e patentes, e delles se tirarão duplicatos.—Resposta, concedido.

Concluida, para ser aprovada pelo General Bizanet, commandante en chefe de Bergen-op-Zoom, e pelo Major General Cooke, o official superior dos prizioneiros de guerra nesta praça, que se acha munido com os plenos poderes do General Graham.

(Assignados)

LESLIE GROVE JONES, Tenent. Coron.
JAS. HAMILTON STANHOPE, Major, e
Adjudante de Campo do General em
Chefe.

Approvado por mim, GEORGE COOK,
Major General.

LE CLERE, Commandante de Batalhaõ
de Engenheiros.

HUGOT DE NEUFVILLE, Major da Praça
Approvado. General BIZANET.

SECRETARIA DE GUERRA.

Copia de hum Despacho do Coronel Lowe, derigido ao
Conde Bathurst.

*Quartel General do Marechal Blucher,
Laon, 11 de Março, 1814.*

MY LORD,

Como as minhas communicações com o Tenente General, Sir Charles Stewart devem ter agora alguma demora, tenho a honra de enviar a V. S. hum duplicato da relação que lhe dei dos acontecimentos passados nestas vezinhanças, e nestes tres dias. Ao mesmo tempo julgo necessario dar a V. S. o seguinte resumo dos movimentos que tem precedido, supondo que os meos ultimos despachos ainda não tenham chegado.

O exercito da Silezia effeituou a sua junção com os corpos dos Generaes Winzingerode e Bulow em Soissons em a noite de 3 do corrente; e no dia seguinte o Field Marechal Blucher, a quem se conferio todo o commando, tomou posição sobre huma extensa planicie elevada, que fica na esquerda e retaguarda de Soissons, e apoiou a sua direita na aldeia de Laffaux, e a sua esquerda nas Vezinhanças de Craone. Buonaparte com todas as suas guardas, com os corpos dos Marechaes Marmont e Mortier, e com hum corpo consideravel de cavallaria tinha seguido o exercito da Silezia na sua marcha desde o Marne athe o Aisne.

A. 5, Elle tentou hum ataque para retomar Soissons, que estava defendida por 10,000 Russianos da infantaria do corpo do General Conde Langeron, agora commandados pelo general Rudzewich. A cidade que fica da outra parte do Aisne, oposta ao ponto que occupava o exercito, he cercada por hum muro arruinado e hum fosso em muitas partes vadeavel.

O inimigo atacou logo ao romper do dia, ganhou grande parte dos suburbios, e por duas vezes taõbem atacou em

differentes partes a mesma cidade, empregando fortes columnas, que pareciaõ formar as duas divisoens separadas de Marmont, e Mortier. Mas por ambas as vezes foi repellido com grande mortandade, conservando sempre a posse da maior parte dos suburbios, de que destelhou todas as cazas, e donde fez hum constante fogo sobre as tropas, que lhe estavaõ fronteiras sobre os muros da cidade athe que a noite poz termo á contenda. A infantaria Russiana igualmente se manteve na outra parte dos suburbios, e só poucas cazas dividiraõ, durante á noite, os combatentes. Os Russos pederaõ mais de mil homens entre mortos e feridos; mas a perda do inimigo deve ser muito mais consideravel, pois que as suas tropas estavaõ mais expostas.

Na manham de 6 o inimigo deo o negocio por acabado, e retirou-se. Em quanto isto se passava em Soissons, Buonaparte em pessoa fez hum movimento pela sua direita, e na mesma manham de 6 effeituou a passagem de todo o seo exercito para outro lado do Aisne em Bery-le-Bac, de sorte que as duas horas da tarde ja estava atacando a esquerda da posiçaõ que o Field Marechal occupava perto de Craone. Ao mesmo tempo se viaõ marchar fortes columnas para Laon pelo caminho de Corteny. O Field-Marechal Blucher immediatamente ordenou as seguintes disposicoens. Derigio hum corpo de 10,000 cavallos, commandados pelo general Winzingerode para a estrada de Chrevigny a Presle; e elle mesmo se foi postar na linha das communicacoens do inimigo a travez da estrada que vai de Corbany para Laon. O General Bulow com 20,000 homens foi mandado occupar Laon. Os corpos dos Generaes D'Yorck, Kleist, e Sacken tiveraõ ordem de se inclinarem para a infantaria do General Winzingerode, que sustentava a extremidade da posiçaõ junto das aldeas de St. Martin e Craone. O inimigo chegou athe dentro do bosque de Corbeny, e fez avançar corpos de tropas ligueiras, que apezar de serem auxilliados por artilharia, foraõ repellidos, e o fogo cessou com a noite.

Na manham de 7 soube-se que o inimigo havia desistido da sua marcha para Laon; mas ao mesmo tempo as suas posiçoens não eraõ bem conhecidas. A fim de estar preparado para o que podesse acontecer, o Feld Marechal Blucher mandou que os corpos dos Generaes D'Yorck e Kleist passassem o rio Delete na direcçaõ de Presle e Leully para sustentarem o movimento do General Winzingerode, e juntos com o corpo do General Bulow atacarem a direita do inimigo, no cazo que elle avançasse contra a posiçaõ occupada pela infantaria do General Winzingerode junto de Craone. O General Baraõ Sacken teve avizo para reforçar este ultimo, e procurar envolver a esquerda do inimigo, se elle fizesse

algum ataque pelo outro lado. Suppondo que fosse carregado por forças mui superiores, devia retirar-se pela estrada de Laon, e unir a si a guarnição de Soissons.

As 11 horas de manham o inimigo entrou a atacar com todas as suas forças, calculadas em mais de 60,000 homens, o ponto em que estava a infantaria do General Winzingerode. O Feld Marechal Blucher immediatamente marchou para o lugar em que devia estar formada a Cavallaria, a fim de poder dirigir as operaçoens por aquelle lado. Com tudo difficuldades imprevisitas haviaõ embaraçado a marcha da cavallaria durante a noite, e soube-se que não tinha passado alem de Presle. A infantaria do General Kleist, que tinha marchado de manham, chegou a Feticia; porem como somente a guarda avançada da cavallaria tinha apparecido, foi impossivel tentar com bom effeito o movimento que o Feld Marechal havia projectado contra a direita do inimigo. No em tanto, o corpo postado perto de Craone estava exposto ao mais forte e violento ataque. O General Conde Strogonoff commandava na auzença do General Winzingerode. O General Conde Woronzoff mandava a infantaria. O fogo de artilharia era tremendissimo, e assim mesmo em todos os pontos se rezistia ao inimigo com hum espirito e rezolução inexplicaveis, e dignos dos maiores elogios. O aperto porem era tal, que o General Baraõ Sacken aquem estava incumbida toda esta acção, á final vio-se obrigado a executar parte das disposiçoens que havia feito para a retirada das tropas empenhadas no combate de Laon. Isto porem se executou com huma ordem admiravel. Ainda que o fogo do inimigo nos desmontou 14 peças de artilharia, nem huma só, ou carro ficou a traz. Os prizioneiros tomados não possuão de 50 ou 60, e os mortos e os feridos se computaõ em quaze 2,000 homens. O filho do Conde Strogonoff morreo logo no principio da acção, e era ja Tenente General. Tres Generaes Russianos foraõ feridos, e o Conde Woronzoff teve 5 officiaes do seo Estado Maior, ou mortos ou feridos. O inimigo teve taõ-bem 4 Generaes feridos; Victor, Grouchy, La Salle, e Charpentras. A sua perda, por effeito da nossa bellissima artilharia, deve ter sido mui grande. As tropas effeituáraõ a sua junccão de noite e na manham seguinte com o resto do exercito, e depois executáraõ as novas operaçoens que saõ o objecto da relação incluza.

Depois de 42 dias este exercito, que tem sido o principal objecto da desinquietação e ataques do inimigo, anda sempre em continuaes marchas ou combates; e sem fallar nas grandes batalhas, apenas só dois dias tem havido, em que a sua vanguarda ou retaguarda não se tem achado seriamente empenhada com o inimigo. Bonaparte está-se agora retirando

diante delle; mas se hé para tomar novas posiçoens, ou para accudir a outra parte, em que a sua presença seja mais necessaria, he o que por hora não se pode decidir. Mui poucas informaçoens temos recebido dos movimentos do Grande Exercito Alliado depois que Bonaparte deixou de o estar observando de perto.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

*Laon, Quartel General do Marechal Blucher,
10 de Março de 1814.*

SIR,

Bonaparte com toda a sua força atacou o Feld Marechal Blucher hontem na posição desta cidade, e foi repellido com a perda de 45 peças de artilharia, carros, bagagens, e prizioneiros, cujo numero ainda se não tem podido calcular, porque a ala esquerda do exercito do Feld Marechal ainda o está perseguindo.

A cidade de Laon está situada em huma elevado *plateau* que tem em roda grandes declives que vão parar em huma extensa campina. A cidade occupa grande parte do dito *plateau*, e o resto he preenchido por hum velho castello, e por diferentes moinhos de vento, formados sobre paredes mui altas. O exercito do General Bulow occupava esta posição; o resto do exercito do Feld Marechal estava postado embaixo na planície, á direita e a esquerda da Cidade, com a frente para Soissons, e com toda a cavallaria de reserva na sua reta-guarda.

O inimigo, antes de romper o dia, começou o seo ataque, e protegido por huma espeça nevoa, que não deixava ver os seus movimentos, alcançou tomar posse das aldeas de Semilly e Ardon, colocadas debaixo da cidade, e que se podem considerar como suburbios. O fogo de musquetaria chegava athe os muros da cidade, e continuou sem intervallo athe as 11 horas, quando a nevoa começou a dissipar se.

Por este mesmo tempo vio-se que o inimigo estava com grande força a trás das aldeas de Semilly e Leuilly, e com algumas columnas de infantaria e cavallaria sobre a calçada de Soissons. Com igual força occupava taobem a aldea de Ardon. Mas em hum instante foi repellido de Semilly; e o Feld Marechal Blucher, assim que poudo observar as posiçoens do inimigo, mandou que a cavallaria da retaguarda avançasse, e flanqueasse a sua esquerda. O General Wo-

ronzoff, que estava na direita da posição do Feld-Marechal, avançou ao mesmo tempo com a sua infantaria, e mandou adiantar para os postos inimigos dois batalhoens, que auxiliáram a carga da cavallaria, e se conservaram firmes arrostando sempre a esquerda do inimigo athe que a cavallaria avançasse.

Na mesma occasião o Feld Marechal dirigio a marcha de huma parte do corpo de Bulow contra a aldea de Ardou, da qual o inimigo, depois de ter soffrido o fogo por espaço de meia hora, foi compelido a retirar-se.

Quando a cavallaria fazia huma marcha circular em torno da retaguarda e eraõ ja quase 2 horas da tarde, vio-se que o inimigo fazia avançar huma columna de 16 batalhoens de infantaria, com cavallaria e artilharia, pela calçada de Rheims. O General d'Yorck marchou a obstar-lhe, e foi logo auxiliado pelo General Sacken.

Foi alli que a batalha se tornou mais geral e deciziva. O inimigo abriu huma formidavel bateria que ao menos consistia em 40 ou 50 peças, e avançou como quem ja contava com a victoria. Formou huma columna de ataque e principiou a mover-se a *passo de carga* athe a aldea de Alchies, quando o Principe Guilherme da Prussia, que ao mesmo tempo marchava para a dita aldea, o encontrou no meio do caminho, e o derrotou.

Então principiou logo a sua retirada, que acabou em huma verdadeira fugida. Oito peças de artilharia com os cavallos, e todas as pertencas, foram logo tomadas, e successivamente mais vinte e duas.

Foi perseguido athe Corbeny, deixando pelo caminho bagagens e prizioneiros, cujas particularidades ainda não chegáram, porque entrou a ser perseguido de noite, e o continua ainda a ser.

Na direita não se conseguiram vantagens particulares alem da expulsão do inimigo das aldeas, que de manham havia tomado. O General Conde Woronzoff ainda ao anoitecer o atacou fortemente, mas encontrou grandes massas inimigas, e o terreno não deixava manobrar a cavallaria.

A prontidão com que o General Conde Woronzoff dirigio o ataque de manham, e o valor incrível com que as suas tropas atacáram, fizeram admirar á toda a gente.

A perda do inimigo não se pode de sorte alguma calcular, mas eu mesmo ja tenho visto chegar algumas centenas de prizioneiros.

P. S. 10 horas da manham. Os prizioneiros dizem que Bonaparte está ainda em frente de Laon, rezolvido a continuar ainda hoje o ataque.

O fogo de artilharia e mosquetaria he ja mui violento na direcção de Semilly, e Leuilly.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

P. S. Laon, 10 da manham, 11 de Março, 1814.—O ataque continuou hontem por todo o dia. A planicie em baixo da cidade de Laon he cortada de aldeas e bosques, que deraõ occasiaõ aos mais obstinados combates. Hum bosque que está nas vezinhanças de Clacy na direita da posição, foi tomado e retomado 4 ou 5 vezes, e ficou por fim em poder das tropas alliadas. A infantaria do Corpo do General Winzingerode, commandada pelo General Conde Woronzoff, foi a que ali combateo. O inimigo manteve-se no centro e na esquerda da posição; e quaze huma hora antes do sol posto, fez avançar hum corpo de Caçadores, auxilliado por dois batalhoens e atacou a aldea de Similly, que está debaixo dos muros da cidade. Com tudo hum batalhaõ Prussiano, do Corpo do General Bulow, dirigio-se para a estrada, e auxilliado pelo fogo das tropas dos flancos, obrigou o inimigo a retirar-se em desordem e com perda.

Esta foi a ultima operação daquelle dia. Os fogos dos seos *bivouacs* viraõ-se a noite occupar huma linha mui extensa; mas de manham observou-se que se havia retirado, e em consequencia a cavallaria da guarda avançada o está neste momento perseguindo athe Chavignon pela estrada de Soissons.

Assim pelo espaço de dois dias, em ataques successivos, sempre o inimigo experimentou confusão e derrotas. Todos os esforços que fez foraõ baldados, e recuaraõ diante desta formidavel posição.

A auzencia dos corpos D'Yorck, Kleist, e Sacken, que de manham estavaõ perseguindo o resto das tropas, que tinhaõ vindo de Rheims, e que não poderaõ ser chamados á tempo, impediraõ que hontem se não fizesse operação alguma offensiva. Mas por outra parte, estes mesmos corpos tiveraõ os milhores successos que se podiaõ esperar, porque tomaraõ 3 para 4,000 prizioneiros, alem de huma grande quantidade de baggagens, e muniçoens, e 45 peças de artilharia.

Naõ se sabe ainda quaes devem ser as futuras operaçoens deste exercito, mas quanto á mim, julgo que seraõ offensivas.

Tenho a honra de ser, &c.

H. LOWE, Coronel.

REPARTIÇÃO DA GUERRA.

Downing-Street, 20 de Março, 1814.

O Major Freemantle chegou a esta secretaria com despachos do Marquez de Wellington, dirigidos ao Conde Bathurst, dos quaes damos as seguintes copias.

St. Sever, 1 de Março de 1814.

MY LORD,

Eu voltei para Garris a 21, e ordenei que a 6, e a divisão ligeira deixassem o bloqueio de Bayona, e o General Don Manuel Freire deixasse os acantonamentos do seu corpo junto a Irun, e estivesse prompto para marchar, logo que a esquerda do inimigo atravessasse o Adour.

Achei os pontoens ajuntados em Garris, que nos dias seguintes foraõ conduzidos pelo Gave de Mouleou; e chegarão entretanto as tropas do centro do exercito.

A 24 o Tenente General Rowland Hill passou o Gave d'Oleron em Villenave com as divisoes ligeira, 2 e divisoes Portuguezas do commando do Major General Charles Baron Alten, Tenente General Sir William Stewart, e Marechal de Campo Frederico Lecor; em quanto o Tenente General Sir Henry Clinton passava com a 6 divisão entre Montfort e Laas, e o Tenente General Sir Thomas Picton, com a 2 divisão, dava demonstraçoens de querer atacar a posição do inimigo na estrada de Sauveterre, o que induzio o inimigo a fazer saltar a ponte.

O Marechal de Campo Don Poble Murillo se approximou dos postos do inimigo perto de Navarrens, e bloqueou aquelle lugar.

O Feld-Marchal Sir William Beresford igualmente, havendo ficado, depois do movimento de Sir Rowland Hill a 14 e 15, com as divisoes 4 e 7, e a brigada do Coronel Vivian, de observação sobre o baixo Bidouze, atacou o inimigo a 28 nos seus postos fortificados em Sta. Aingues, e Oyergave, sobre a esquerda do Gave de Pau, e o obrigou a retirar-se para dentro da cabeça de ponte em Peyrehorade.

Logo que se effeituou a passagem do Gave d'Oleron, Sir Rowland Hill, e Sir Henry Clinton marcharão para Orthies, pela estrada que guia de Sauveterre áquelle villa; e o inimigo se retirou durante a noite de Sauveterre atravessando o Gave de Pau, e ajuntando o seu exercito perto de Orthies, a 25, depois de ter destruido as pontes daquelle rio.

A direita do exercito, e a do centro se ajuntaraõ de fronte d'Orthies; o Tenente General Sir S. Cotton, com a brigada de cavallaria de Lord E. Somerset, e a 3 divizaõ ao commando do Tenente General Sir T. Picton, estava junto á destruida ponte de Bereus; e o Feld-Marechal Sir W. Beresford com a 4 e 7 divisoens, debaixo do Tenente General Sir L. Cole, e o Major General Walker, e brigada do Coronel Vivian, perto da junçaõ do Gave de Pau, com o Gave d'Oleron.

Tendo partido as tropas oppostas ao Marechal no dia 25, elle atravessou o Gave de Pau abaixo da junçaõ do Gave d'Oleron, na manham de 26, e marchou pela estrada de Peyrehorade para Orthies, sobre a esquerda do inimigo. Logo que elle chegou, o Tenente General Sir S. Cotton passou com a cavallaria, e o Tenente General Sir Thomas Picton com a 3 divisaõ, abaixo da ponte de Bereus, e eu dirigi as divisoens 6, e ligeira para o mesmo ponto, em quanto o Tenente General Sir Rowland Hill occupava as alturas fronteiras a Orthies, e a estrada que vai para Sauveterre.

As divisoens 6, e ligeira passaraõ na manham de 27 ao romper do dia, e nos achamos o inimigo n'huma forte posicaõ junto d'Orthies, com a sua direita sobre as alturas que ficaõ na estrada de Dux, ocupando a aldea de St. Boes, e a sua esquerda nas alturas por cima d'Orthies, e aquelle villa, defronte da passagem do rio atravessada por Sir Rowland Hill.

A direcçaõ das alturas em que o inimigo havia postado o seu exercito, o obrigava a retirar o seu centro, em quanto a força da posicaõ dava extraordinarias vantagens aos flancos.

Eu ordenei ao Marechal Sir W. Beresford, que volteasse a direita do inimigo, e a attacassee com a 4 divisaõ do commando do Tenente General Sir Lowry Cole, e a 7 divisaõ debaixo do Major General Walker, e brigada de cavallaria do Coronel Vivian, em quanto o Tenente General Sir Thomas Picton marchava pela estrada de Peyrehorade para Orthies, e atacava as alturas, em que se apoiava o centro, e a esquerda do inimigo, com as divisoens 3 e 6, sustentadas por Sir S. Cotton com a brigada de cavallaria de Lord E. Somerset. O Major General Charles Baron Alten, com a divisaõ ligeira, entreteve a communicacaõ, e esteve de reserva entre os dous ataques. Pedi igualmente ao Tenente General Sir Rowland Hill, que passasse o Gave, volteasse a esquerda do inimigo, e a attacassee.

O Marechal Sir W. Beresford levou a aldea de St. Boes com a 4 divisaõ, ao commando do Tenente General Sir L. Cole, depois de huma obstinada resistencia da parte do inimigo; mas o terreno era taõ estreito, que as tropas naõ

poderaõ desenvolver-se para attacar as alturas, não obstante as repetidas tentativas do Major General Ross, e brigada Portugueza ao commando do Brigadeiro General Vasconcellos; e não era possivel voltar o inimigo pela sua direita, sem extender excessivamente a nossa linha.

Alterei por tanto o plano do ataque, e fiz avançar immediatamente a 3 e 6 divisões; e puchei a brigada do Coronel Barnard da divisãõ ligeira, para attacar a esquerda da altura, em que se apoiava a direita do inimigo.

Este ataque, feito pelo regimento 52, debaixo do Coronel Colborne, e sustido na direita pelas brigadas do Major General, e Coronel Kean do 3 divisãõ, e pelos ataques simultaneos sobre a esquerda pela brigada do Major General Anson da 4 divisãõ, e sobre a direita pelo Tenente General Sir T. Picton, com o resto da 3 divisãõ, e 6 divisãõ do commando do Tenente General Sir H. Clinton, dezaloujou o inimigo das alturas, e nos deo a victoria.

Entretanto Sir Rowland Hill tinha forçado a passagem do Gave sobre Orthies, e vendo o estado d'acção, marchou immediatamente com a segunda divisãõ de infantaria do commando do Tenente General Sir W. Stewart, e a brigada de cavallaria do Major General Fane, em direitura pela estrada d'Orthies para St. Sever; apertando deste modo a esquerda do inimigo.

O inimigo retirou-se ao principio em boa ordem, tirando toda a vantagem das muitas favoraveis posiçoens, que o paiz lhe dava. A perda todavia, que experimentou nos continuos ataques das nossas tropas, e o perigo com que o ameaçavaõ os movimentos de Sir Rowland Hill, bem depressa acceleraõ os seos movimentos, e a retirada convertendo-se a final em fugida, lançou as suas tropas na maior confuzaõ.

O Tenente General Sir S. Cotton aproveitou-se da unica occaziaõ que se lhe apresentou, de carregar com a brigada do Major General Lord E. Somerset, sobre a vizinhança de Soult de Navailles, para onde o inimigo fora repellido por Sir Rowland Hill. O regimento 7 de Hussares se distinguio nesta occaziaõ, e tomou muitos prisioneiros.

Nos continuamos no alcance do inimigo ate ao anoitecer; e fiz alto com o exercito nas vezinhanças de Soult de Navailles.

Não posso avaliar precisamente a perda do inimigo: tomamos seis peças d'artilharia, e grande quantidade de prisioneiros, cujo numero ainda não posso relatar.—Todo este paiz esta juncado de seos mortos. Seu exercito estava na maior confuzaõ, quando o vi passar pelas alturas junto a Soult de Navailles, e muitos soldados tinhaõ largado as suas armas. A deserçaõ foi depois immensa.

Nos seguimos o inimigo ate este lugar no dia depois ; e hoje passamos o Adour. O Marechal Sir W. Beresford, com a divizaõ ligeira, e brigada do Coronel Vivian marchou sobre Mont de Marran ; onde tomou hum grandissimo arna em de provisoens.

O Tenente General Sir Rowland Hill marchou sobre Aire ; e os postos avançados do centro estaõ em Casares.

O inimigo segundo as apparencias se retirou sobre Agen, e deixou dezempedida a estrada direita de Bourdeaux.

Em quanto as operaçoens, de que acima dei conta, se proseguiaõ sobre a direita do exercito, o Tenente General Sir John Hope, de concerto com o Vice-Almirante Penrose, se aproveitou da occaziaõ, que se offereceo, a 23 de Fevereiro, para passar o Adour abaixo de Bayona, e tomar posse de ambas as margens do rio na embocadura. Os vasos destinados para formar a ponte, naõ poderaõ entrar senaõ a 24, dia em que se executou aquella difficil, e naquella parte do anno perigoza operaçaõ com huma especie de intrepidez e saber, que raras vezes se igualaõ.

O Tenente General Sir John Hope faz particular mençaõ do Capitaõ O'Reilly e Tenente Cheshire, e do Tenentes Douglas e Collins, da Real Marinha, assim como do Tenente Debenham, agente de transportes ; e eu sou infinitamente devedor ao Vice Almirante Penrose pelo cordial soccorro que me prestou em preparar este plano, e pela sua co-operaçaõ em o executar com o Tenente General Sir J. Hope.

O inimigo concebendo, que os meios de atravessar o rio á disposiçaõ daquelle General, isto he, jangadas feitas de pontoens, o naõ habilitariaõ a passar hum grande força no decurso do 23, atacou o corpo, que foi mandado adiante naquella tarde, o qual constava de 600 homens das guardas da 2 brigada, debaixo do commando do Major General o Illustre Edward Stopford, que immediatamente repellio o inimigo ; e a brigada dos fogueiteiros foi de grande uzo nesta occaziaõ.

Tres canhoneiras do inimigo foraõ destruidas esse dia, e huma Fregata ancorada no Adour recebeo grande prejuizo do fogo de huma batteria de obuzes de 18, e foi obrigada a remontar o rio ate a vezinhança da ponte.

O Tenente General Sir John Hope investio a cidadella de Bayona a 25, e o Tenente General Dom Manuel Freire avançou com o quarto exercito Hespanhol, em consequencia das ordens que lhe deixei. A 27 completa a ponte, o Tenente General Sir J. Hope julgou conveniente atacar a cidadella de Bayona mais apertadamente, que d'antes tinha feito ; e atacou a aldea de St. Etienne, a qual levou tomado huma peça de artilharia e alguns prisioneiros ao inimigo ;

seos postos avançados estão agora a 900 jardas das obras exteriores da praça.

O resultado das operações que tenho circumstanciado a Vossa Senhoria he, que Bayona, e St. Jean Pied de Port estão investidas, que o exercito tendo passado o Adour, esta de posse de todas as grandes communicações por meio do rio, depois de ter batido o inimigo, e tomado seos armazaens.

Vossa Senhoria terá observado com satisfação o habil socorro, que recebi nestas operações do Marechal Sir W. Beresford, do Tenente General Sir R. Hill, de Sir S. Cotton, e de todos os officiaes generaes, officiaes e soldados em serviço actual debaixo das suas ordens respectivas.

Naõ me he possível exprimir assaz a idea que faço do seu merito, e o quanto o paiz lhes esta devedor por seu zelo, habilidade, e pelo estado em que o exercito agora se acha.

Todos os soldados se distinguiraõ, tanto Portuguezes, como Inglezes. A 4 divisaõ, debaixo do Tenente General Sir Lowry Cole, no ataque de St. Boes, e subsequentes tentativas para levar a direita das alturas; a 3, a 6, e a divisaõ ligeira debaixo do commando do Tenente General Sir Thomas Picton, Sir H. Clinton, e Major-General Charles Baron Alten, no ataque do inimigo postado nas alturas; e a 7 divisaõ debaixo do Major General Walker nos diversos ataques em a retirada do inimigo se comportaraõ igualmente bem.—He digna de todo o elogio a carga do regimento 7 de Hussares debaixo do Lord E. Somerset.

A conducta do corpo d'artilheria em todo este tempo mereceo a minha completa approvaçãõ. Sou igualmente devedor ao Quartel-General Sir George Murray, e Ajudante General Sir E. Pakenham, pelo auxilio que me prestaraõ, e o Lord Fitzroy Somerset, e officiaes do meu estado maior, assim como ao Marechal de Campo Don Miguel Alava.

As ultimas noticias que recebi da Catalunha saõ de 20. Os commandantes Francezes das guarniçoens de Lherida, Mequinenza, e Mauzon, foraõ induzidos a evacuar aquellas praças, por ordens, que lhes mandou o Baraõ d'Eroles, debaixo do sinete de Suchet, que elle poude alcançar.

As tropas que compunhaõ estas guarniçoens tendo-se juntado, foraõ depois cercadas no passo de Martorell, na sua marcha para as fronteiras de França, pelo destacamento de hum corpo Anglo-Siciliano; e outro do primeiro exercito Hespanhol. O Tenente General Copons lhes permittio capitular, mas ainda não recebi d'elle relação alguma a este respeito, nem sei qual foi o resultado.

Esperava-se na Catalunha, que o Marechal Suchet evacuassee immediatamente aquella provincia; e ouço que vai juntar-se com o Marechal Soult.

Não recebi ainda as relaçoens circumstanciadas da capitulação de Jaca.

Incluza remetto a lista dos mortos e feridos durante as ultimas operaçoens.

Envio este despacho pelo meu Ajudante de Campo o Major Freemantle, que peço licença de recommendar a protecção de vossa Senhoria.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

WELLINGTON.

REPARTIÇÃO DA GUERRA.

Downing-Street, 22 de Março de 1814.

Os despachos, de que damos os extractos seguintes, e se receberão hoje, são dirigidos ao Conde Bathurst, datados de Aire, aos 13 e 14 de Março de 1814.

O tempo excessivamente mau, e violentas chuvas que tem cahido no principio deste mez, tendo enchido extraordinariamente os rios, e tornado difficil e tedioso o reparar as numerosas pontes, que o inimigo destruiu na sua retirada, e estando interrompidas as communicaçoens de varias partes do exercito entre si, fui obrigado a fazer alto.

Depois d'acção com o Ten. Gen. Sir Rowland Hill no dia 2, o inimigo se retirou por ambas as margens do Adour para Tarbes, provavelmente na vista de unir-se com os destacamentos do exercito de Suchet, que deixou a Catalunha na ultima semana de Fevereiro.

Entretanto mandei a 6 hum destacamento tomar posse de Pau; e outro a 8 debaixo do Marechal Sir William Beresford, tomar posse de Bourdeaux.

Tenho o gosto de informar a Vossa Senhoria, que o Marechal chegou la hontem (tendo-se retirado a sua pequena guarnição em a noite precedente a travez do Garona), e que estamos de posse desta importante cidade.

O Ten. Gen. Don Manuel Freire se reunio hoje ao exercito, com aquella parte do quarto exercito que esta debaixo

de seu immediato commando ; e espero que a brigada de cavaleria do Major General Ponsonby se reunirá com elle a manham.

Acabo de ouvir do Major General Fane, que commanda os postos avançados do Ten. Gen. Sir R. Hill, que o inimigo tinha hoje ajuntado huma força consideravel nas vezinhanças de Couchez, e portanto concluo que elle tem sido reforçado pelo destacamento do exercito da Catalunha, que dizem, monta a 10,000 homens.

Nada importante tem occorrido no bloqueio de Bayona, ou em Catalunha, depois do ultimo despacho que dirigi a Vossa Senhoria.

Aire,

14 de Março, 1814.

Incluzo remetto a carta particular, que me escreveu Sir William Beresford depois da sua chegada a Bourdeaux, da qual vereis que o Maire, e o povo da Cidade adoptou a Co-carda Branca, e se declarou pela caza de Bourbon.

A carta particular de Sir William Beresford, a que se refere o despacho de Lord Wellington, he datada de Bourdeaux a 12 de Março de 1814.

Ella diz, em substancia, que elle entrara na cidade aquelle dia, que perto d'ella fora encontrado pelas authoridades civiz, e populaçãõ do lugar, e recebido na cidade com todas as demonstraçoens de alegria.

Os magistrados, e guardas da cidade tiraraõ as aguias e outras insignias, e espontaneamente lhes substituirãõ a Co-carda Branca, que foi universalmente adoptada pelo povo de Bourdeaux.

Acharãõ-se na cidade 80 peças de artilharia, e 100 caixas de armas escondidas se tem ja manifestado.

PARLAMENTO IMPERIAL.

CAMARA DOS LORDS.

Quinta Feira, 24 de Março, 1814.

O Bispo de Waterford tomou o Juramento e o seu lugar—

 AGRADECIMENTOS A LORD WELLINGTON.

O Conde Bathurst se ergueo, conforme ao que havia exposto, para propor os Agradecimentos da Camera ao Marquez de Wellington, por occaziaõ da Victoria d'Orthies, que era quanto a elle, objecto daquella magnitude, que merecia a decidida approvaçãõ da Camera. A passagem do Adour apresentou de longo tempo difficuldades insuperaveis—largura do rio—chuvas da estaçãõ—grande força opponente—talentos do General, que a commandava. Passa-lo acima de Bayona era mui difficil—oppunhaõ-se vaus intranzitaveis naquelle periodo—e impossibilidade de conduzir artilharia por caminhos alagados das cheias—passa-lo abaixo de Bayona, era igualmente difficultoso; era preciso construir huma ponte de botes para huma extençãõ de 400 jãrdas; e a passagem seria contrariada pelo exercito que guarnecia o lado opposto, que tentaria obstruir lhe o caminho com madeiras fluctuantes. Apezar de tudo, Lord Wellington determinou passa-lo abaixo de Bayona. Mas ou o passasse abaixo ou acima era preciso manobrar para expellir o inimigo na direita, cuja medida tinha a vantagem, quando se não effeituasse a passagem debaixo, de facilitar a decima. As grossas chuvas que tinhaõ cahido desde o principio de Fevereiro tinhaõ impedido os movimentos do exercito; mas tendo huma intermissãõ a 11, o exercito se occupou quatro dias em forçar o inimigo a retirar-se das suas posiçoens, o que se effeitvou sem grande perda consideravel. Feitas estas preparaçoens, 29 vazos se prenderaõ com grossas amarras de extraordinario tamanho, tendo cada huma duas ancoras, para os fixar pela esquerda, e pela direita; mas havia todo o receio, que o exercito Francez da Guarniçãõ começasse a interceptar estas obras, lançando madeiras ao rio; encadearaõ-se pois dous grandes mastos entre si; e tudo estava prompto, quando o vento estorvou que velejasse a flotilha, e Lord Wel

lington foi obrigado a recuar para o seu posto original, deixando a passagem encarregada a Sir J. Hope. Em quanto elle proseguia na sua marcha, o exercito inimigo pareceo determinado a dar batalha. O Marechal Beresford tendo achado vau, marchou para a direita da posição do inimigo; o Gen. Picton fez tambem diversoens; o Gen. Hill tinha vançado mais longe. A batalha começou pelo Marechal Beresford, que expulsou o inimigo d'aldea de St. Boes, que elle reoccupou, e de que a final foi expulso. O inimigo tinha, com tudo, a vantagem do terreno. Não obstante, Sir T. Picton teve ordens de Lord Wellington para attacar a esquerda do inimigo, em quanto outra divisaõ atacava o centro.—Por fim, o inimigo começou a retirar-se, mas em tão boa ordem, que seria duvidoso, se elle teria feito huma retirada regular, a não sobre vir Sir Rowland Hill que lhe cahio sobre a direita.—Então o inimigo deo-se toda a pressa possivel, e a sua retirada foi huma completa derrota. — A magnitude desta victoria, deve avaliar-se, considerando-se a força do inimigo que montava a 40,000, andando a nossa quasi pelo mesmo; assim huma tal victoria não podia conseguir-se sem perda consideravel. Na lista dos officiaes mortos, não havia felismente algum de patente superior. Entre os feridos haviaõ dous Officiaes Generaes, o Major-General Ross severa, e o outro ligeiramente. Houve porem outro General, cuja ferida aquelle dia, a ter tido serias consequencia, teria murchado a alegria da victoria, e teria tornado inteiramente o seu bem duvidoso. A victoria continuou por tres dias, e trouxe consigo a posse de dous armazens, por cuja conservaçã Soult julgou a proposito arriscar-se a dar battalha. Depois do 1. de Março as chuvas se renovarã, e todas as torrentes se fizeram invadeaveis, destruíraõ-se as pontes, e os caminhos tornaraõ a ser intranzitaveis. Sir John Hope atravessou o Adour n'huma flotilha, abaixo de Bayona, no dia 23 de Fevereiro; e logo que tocou a margem direita do Adour, hum destacamento de dous mil homens se poz em ordem para o attacar, o qual elle rechaçou ate o dispersar. A flotilha encontrou grandissimas difficuldades em atravessar o Adour, em razã de seu continuo marulho; não obstante formou huma ponte, por onde todos passaraõ com assombro dos habitantes, que se arrebanhavaõ para ver, o que alias não acreditariaõ. Tal era a situaçã de Soult, que preferio deixar aberta a estrada de Bourdeaux; e hum simples destacamento se mandou a tomar posse daquella cidade. A sua occupaçã era de huma grande importancia militar, pela extençã dos recursos que offerecia ao nosso exercito, e vantagem de mais prompta e segura correspondencia com este paiz.

Por quanto nos ultimos tres mezes, os nossos transportes tendo encontrado muitos perigos na entrada de outros portos, teriaõ agora naquelle hum seguro ancoradouro. Elle esperava pois ter mostrado, que esta acção, no estado actual da lucta, era acompanhada das circumstancias, que mereciaõ os agradecimentos da Camera. (*applauzo*) Elle dizia no estado actual da lucta, por que houve tempo, em que a victoria parecia estrangeira a estandartes, que não fossem Francezes; mas depois da brilhante carreira de Lord Wellington e gigantescos esforços dos alliados, quasi podemos dispensar votos de agradecimento por victorias, que outrora ardentemente sollicitariamos pela animação, que produz hum tal voto da camera. Não por que estejamos menos agradecidos pela victoria, mas porque devemos recolher a nossa gratidão em o nosso juizo, e esperar anciosamente a melhor oportunidade para desenvolver aquelle sentimento. Elle concluiu, propondo que se dessem os agradecimentos da Camera ao Feld Marechal Arthur Marquez de Wellington, e ao exercito debaixo do seu commando pelo consumada habilidade, experiencia, saber, e valor, desenvolvidos por elle na victoria d'Orthies, terminando na completa derrota do inimigo, e subsequente occupação de Bourdeaux.

CAMERA DOS COMMUNS.

(AGRADECIMENTOS A LORD WELLINGTON.)

O Chancellor do *Exchequer*, em prosequimento do mesmo objecto, propoz a Camera, que devia pela undecima vez dar os agradecimentos a Lord Wellington pelas victorias, que debaixo da sua direcção tinhaõ coroadas as armas Britannicas. Por mais agradavel que fosse a repetição de seos deveres sobre tal objecto, elle tinha sido taõbem tractado que nada mais se lhe podia accrescentar. — As façanhas deste illustre Official, que tantas vezes excitaraõ os agradecimentos da Camera, são de varia natureza. Elle os tem merecido ja por brilhantes victorias, pela redução de fortalezas, ja por obstaculos vencidos; e o que ainda he mais, por aquelle consumado saber, e intrepida perseverança em situaçoens difficeis, e circumstancias adversas. Era pois de esperar, que na presente occaziaõ, elle so tivesse que chamar a attenção da ca-

mera para objectos, dos quaes ella mais de huma vez se tinha occupado. Porem as acçoens que agora requeriaõ os seus agradecimentos, eraõ acompanhadas de circumstancias tão novas, e interessantes, que huma breve recapitulaçãõ daquellas, era para elle huma agradável tarefa; e esperava não dezagradasse a Camera. Para justamente apreciar a magnitude dos objectos, que se alcançaraõ, e difficuldades, que se venceraõ, seria preciso trazer a lembrança a natureza particular do paiz que foi a sede das operaçoens.—Para leste, do cume dos Pyreneos, não se faz senão descer ate as planicies do Languedoc. A' esquerda, o paiz que se estende ate ao Adour, alem do qual jaz essa extençãõ de terreno chamado as *Landes de Bourdeaux*, he muito alagadiço, e interceptado de profundos vales, que no inverno inundaõ rapidas torrentes. Tal paiz por conseguinte apresentava as maiores vantagens ao inimigo. Foi neste paiz que Lord Wellington determinou extender as suas operaçoens desde a baze dos Pyreneos até ás margens do Garona. Tendo cessado as chuvas, Lord Wellington vio que podia por o seu exercito em movimento, e conseguintemente a 11 de Fevereiro fez avançar a sua ala direita, que naquelle dia effeitou a passagem do Gave de Pau. Com a ala esquerda elle tentava a simultanea passagem do Adour abaixo de Bayona; mas achou-se, que em razão das chuvas, este movimento era entãõ impraticavel. Sua Senhoria vendo isto, immediatamente voltou para a sua ala direita, onde ganhou aquella brilhante victoria, que occasionou o movimento com que elle intentava rematar.—Depois de passar não menos de cinco rios, o exercito Britano se achou de frente do exercito Francez diante da villa de Orthies. A posiçãõ do inimigo era a mais vantajosa, e tal como a escolheria o mais habil commandante para operaçoens defensivas. Em tal situaçãõ, o exercito Inglez commandado por Lord Wellington, alcançou a mais esplendida victoria sobre hum dos mais peritos Generaes do Imperador dos Francezes; o qual tendo huma força de 40,000 homens em posiçãõ tal, seria inexpugnavel, se combatesse com tropas ordinarias.—(altas acclamaçoens)—O inimigo fugio em grande confuzaõ, com a perda de huma grande quantidade d'armas, e muitos prisioneiros. Entretanto, a outra divisaõ do exercito de Lord Wellington, se poz em movimento, e effeitou a passagem do Adour no dia 24 em circumstancias de tão extraordinarias difficuldades que cauzeraõ espanto aquelles mesmos que estavaõ acostumados a presenciãõ o incomparavel valor de tropas Inglezas. (acclamaçoens) A principal difficuldade veio da precizaõ de atravessar a barra do Adour.—Pela assiduidade de hum distincto Membro deste Camera, que tem feito, em outras occasioens, assignalados serviços ao

seu paiz, se effeituou esta operacão, depois de huma prova da superior bravura das nossas tropas, dada por huma brigada de 600 homens, constando de hussares Allemaens e parte das Guardas, que passaraõ primeiro, repellindo 2,000 das tropas inimigas, que os atacou, logo que os nossos atravessaraõ o rio.—(*applauzo.*)—Esta valeroza acção deo tempo a que outros botes atravessassem a barra, o que se fez com muito trabalho, e delonga; mas apenas o primeiro bote tocou a margem opposta, os outros felismente o seguiraõ, e a operacão se executou maravilhosamente. (*altas acclamaçoens*)—Estas manobras extensas, e difíceis como eraõ, formavaõ parte somente do grande plano, em que Lord Wellington operava; e eraõ o preludio da avançada daquella parte do seu exercito, que tomou posse de Bourdeaux. Immediatamente depois que o inimigo foi dezalojado das suas posiçoens, o Marechal Beresford avançou com huma divisaõ do exercito para Bourdeaux; onde as tropas Britannicas foraõ recebidas, como o tem sido geralmente em França com as maiores acclamaçoens de alegria, e foraõ saudadas com o titulo de libertadores. (*altas acclamaçoens*)—Difficultosamente se pode encontrar mais honrarias, e penhores mais certos de triumpho que os das nossas tropas, recebendo do povo da França o nome de libertadores—e n'hum tempo, em que o auxilio das nossas tropas era solicitado por quasi todas as naçoens da Europa para obterem a sua completa emancipação; fazendo a sua entrada em França como conquistadores, e ao mesmo tempo libertadores.—(*continuas acclamaçoens de ambos os lados da camara.*)—Sendo portanto inutil occupar o tempo da Camera em expremir hum sentimento, que se tinha tornado geral, elle concluiu propondo,

Que a Camera desse os agradecimentos ao Feld Marechal Nobellissimo Arthur Marquez de Wellington, pelas provas addicionaes de consumada habilidade, e distincto valor, que elle mostrou nos movimentos precedentes, e conducta na batalha de Orthies; e operaçoes que terminaraõ na occupação de Bourdeaux.

Os votos pelos Agradecimentos á Lord Wellington, foraõ levados em ambas as Camaras.—*Nem Con.*

REFLEXOENS

Sobre as Cortes da Hespanha.

Artigo (extrahido do Hespanhol) do mez passado.

A Leitura de huma collecção de gazettas, dirigidas pelos dous partidos *liberal e servil*, em que se dividem as Cortes, as quaes se publicaraõ desde 16 ate 29 de Janeiro do prezente anno, me tem feito ver que a experiencia começa a confirmar grandemente o que eu disse sobre a constituição e forma de Governo, estabelecida em Hespanha; a qual mesmo em virtude da infallibilidade politica das Cortes extraordinarias deve continuar sêm a menor alteraçãõ ate que seos erros a destruaõ, ou ella aniquile os germes de felicidade que haõ sido regados com o sangue vertido na revolução Hespanhola.

As Cortes Ordinarias abriraõ suas sessoens em Madrid no dia 16 de Janeiro; e o partido *liberal*, (como dizem as suas gazettas), se assustou ao ver a quantidade de ecclesiasticos que ha nellas, parecendo mais hum concilio que hum congresso. Com effeito, apenas se começaraõ a tractar assumptos, em que versavaõ os interesses dos dous partidos, acharaõ logo que não eraõ vaons os seos temores. Quando se veio a votos, conheceo-se immediatamente que o numero dos chamados *serviz* excedia muito o dos *liberaes*—Tractava-se de annullar a eleição dos deputados vindos de Galiza, so porque se temia, que fossem hum reforço do partido dominante. Os oradores do partido *liberal*, appelaõ para os principios do contracto social. “Os deputados da Galiza, exclamaraõ elles, foraõ eleitos antes que os Gallegos jurassem a constituição—Juraraõ-na depois:—Que absurdo! *Verificou-se por ventura o pacto social? de nenhuma sorte.—Este assegura a protecção aos contrahentes em recompensa dos direitos, que aquelles cedem. A constitui-*

ção he o diploma que da direito de eleger representantes." Trabalho baldado.—As sublimes doutrinas do orador se evaporaraõ, antes que podessem fazer impressaõ naquella tremenda chusma de homens lugubres, ensurdecidos pelos grosseiros echos do Canto chaõ. *Diploma, cessaõ de direitos.* Que entranha lingoagem? diriaõ elles. Se os Gallegos naõ tivessem jurado a constituição, se se tivessem opposto a ella; parece que haveria alguma razão de se negar a entrada a seos deputados, mas deve ficar agora aquella importante provincia sem representantes, em quanto se repetem as eleiçoens, so porque inverteo a ordem de huma formalidade? Tem acazo a constituição tal virtude para mudar a vontade, que depois de a ter jurado, se deva crer que os Gallegos se arrependeraõ da eleiçãõ que antes fizeraõ? He o *pacto social* alguma operaçãõ chymica, em que transtornada a ordem, se frustraõ os resultados? Ou era este *pacto* ou ajuste taõ novo, que sem os Gallegos nos dizerem que estavaõ promptos para comprar o seu diploma com as suas *cessoens*, naõ sabiamos se queriaõ ser cidadaons Hespanhoes, ou formar hum reino Suevo sem receio de serem obrigados a outra couza, assim como, com applauzo dos *liberaes*, se está praticando com esses insurgentes d'America, que naõ crem que o nosso *pacto* nem o nosso diploma valem metade das *cessoens*, que se lhes pedem em troco.—Por estas ou outras melhores razoens o cazo foi; que as Cortes decediraõ por huma consideravel maioria, que as eleiçoens de Galiza eraõ legitimas. O furor se apossou dos *liberaes* e seos partidarios. Tratou-se, e ate se começou a excitar o povo a porta do sol. Foraõ muzicas pelas ruas dar descantes as portas dos oradores do partido philosophico; porem o povo mostrou aquella moderaçãõ, que sendo conservada poderã salvar a Hespanha de muitos males; e a guerra ficou so limitada aos mutuos ataques dos papeis publicos, n'hum dos quaes se acha o seguinte paragrapho, digno de attençãõ.

“ Este espirito de partido (na opiniaõ do author o que havia ganhado a preponderancia nos votos) commum nos conclaves de cardeas, nos concilios, synodos provinciaes, capitulos geraes e eleiçoens quaesquer, e

que excita huns contra os outros, he formado nas Cortes actuaes, pela multidaõ dos ecclesiasticos, e de outros bons varoens, que pelo seu grande numero, se a manham se lher na cabeça propor que se torne a assar *Hespanhoes em autos da fê*, que os aldeoens re-bentem de trabalho para que se pague o voto de Santiago, que se de em terra com a constituição, que se esta-beleça hum governo absoluto, &c. *Va-se por votos . . . Talvez . . . mas caemos o que hiamos dizer.*"

Que he o que calaõ os liberaes senaõ o que mil ve-zes lhe tem dito o *Hespanhol?* — *Va-se por votos.* — Como se hade hir de outro modo, em hum corpo soberano composto de huma multidaõ de individuos? Foi a estes votos que as Cortes liberaes de Cadiz submetterã todos os Hespanhoes. — "*Va-se por votos . . . Talvez . . .*" Os descontentes deitaraõ a-baixo as Cortes, e formaraõ outras a seu gosto? Não he isso o que dizem as reticencias? Eis aqui huma horrivel disjunctiva, que não poderaõ prever essas aguias da sciencia politica, quando crearaõ o prodigio da constituição Hespanhola!

Entre obedecer, e dezobedecer ás decisõens do poder supremo, não ha no mundo outro meio senaõ huma revolução. Para evitar essa horrivel catastrophe, e a fastala, quanto for possivel á providencia humana, he que se tem inventado todas as combinaçoens e formas de governos que se conhecem no mundo. Os authores da Constituição Hespanhola desgostosos do principal problema, ou ignorando a sua importancia, poseraõ a nação no cazo que mais fervorosamente de-vem evitar os bons legisladores. Depositã todo o poder do estado em huma so camera, e aproveitando-se do illimitado despotismo que gozavaõ, durante o seu imperio em Cadiz, triumpharaõ pondo tudo ao arbitrio de votos, cuja maioria elles estavaõ certos de obter. *Votos* eraõ entã o *non plus ultra* da perfeição em formar leis. Vem outras Cortes; a maioria se manifesta contraria aos dogmas do partido liberal; e he este que agora duvida se se deve estar por *votos*.

Verdadeiramente, ao considerar os passos dos que tem dirigido as operaçoens legislativas na Hespanha, parece que ellas cabiraõ dos nuvens, vista a cegueira,

e absoluta ignorancia que mostraraõ os seos authores a respeito do character, e opinioens da naçaõ, a quem de-
raõ seu codigo. As queixas e dezesperaçaõ que agora
mostraõ ao ver a multidaõ de ecclesiasticos que ha no
congresso, saõ claras provas do que digo. Estes ho-
mens nacidos e creados na Hespanha, que tinhaõ cur-
sado as suas universidades, e vivido entre os seos povos
principaes, parece que ignoravaõ quam pequeno era o
numero dos que pensavaõ como elles, quam limitado o
circulo dos *liberaes*. Naõ sabiaõ elles que ate ha mui
poucos annos, eraõ os habitos clericaes, ou monacaes
o unico distinctiva de literatura na Hespanha? Naõ
se lembravaõ que para denotar hum pedante lhe
chamavaõ theologo de gravata? Naõ tinhaõ presente
como nas universidades e collegios de Salamanca,
Valencia, Murcia, &c. se tinhaõ metido nas encos-
pias os que haviaõ intentado introduzir, o que agora se
chama *liberalismo*? He porque os Hespanhoes naõ
querem soffrer o jugo Francez, porque tomaõ armas
para defender *a sua religiaõ e a seu rei*, que elles
imaginaõ, a naçaõ disposta a transferir seu apreço, sua
confiança, e a reputaçãõ do saber, da sobrepeliz para
pantalona, e do barrete para o chapeo. Embriagados
pelos applausos, elles figuraraõ que toda a Hes-
panha se achava com as disposiçoens dos passeantes
da rua Larga de Cadiz, e o povo das provincias como
o povo *soberano* das galerias ou salaõ das Cortes. A
illuzaõ naõ durou muito tempo. Tractou-se de novas
eleiçoens e como os legisladores, no primeiro fervor de
sua virtude, e pureza politica, estabeleceraõ que elles
naõ seriaõ reeleitos no seguinte congresso; os prose-
lytos do *liberalismo* debalde procuravaõ successores por
toda a Hespanha, entretanto que o honrado povo Hes-
panhol, (quanto lhe permitem as estropiadas formas
da eleiçaõ) convocava os unicos homens que estava
acostumado a ter por sabios. Que as Cortes ordina-
rias haviaõ provavelmente abundar no que chamaõ *ser-
vis*, todo o mundo previa, menos os patriarcãs do
liberalismo. Neste mesmo periodico se lhes annunciou
isso mesmo, como hum poderoso argumento a favor da
poder legislativo dividido em duas cameras. Porem co-
mo haviaõ elles imaginar que hum apice da sua constitui-
çaõ era errado! Foi inutil dizer que leis que se adqueriaõ

como em Loteria, por hum simplez escrutinio, se podia alterar, e annullar por *outro*. Que sendo curto o numero dos que pensão como elles em Hespanha, o partido opposto podia ser superior no seguinte congresso; e que todo o feito se podia desfazer, sem ficar outro recurso mais que huma *revolução* e a guerra civil para restabelece-lo: que se dividissem o poder legislativo em duas cameras, os passos da Legislatura ainda que mais lentos, seriaõ mais seguros e conformes ao estado da opiniaõ nacional: mas que se dessem assento na outra camera a certo e determinado numero de ecclesiasticos, poderiaõ com justiça exclui-los da outra; e deste modo evitariaõ que o congresso Hespanhol se convertesse n'hum concilio, como o he actualmente, segundo elles mesmos dizem. Nada disto estava em seos livros, tudo era tirado da imperfeita, e gothica constituição Ingleza, em a qual por hum sophisma philosophico se chama *El Rei, nosso senhor e soberano*, e se permite que bispos enchaõ hum banco inteiro da camera dos Pares.

Eisaqui pois resultados da irreflexão dos authores da constituição Hespanhola; que por desgraça não seraõ os unicos, nem os peores. Sua ambição foi distinguir-se entre os *constitucioneiros* (seja-me permittido dar este nome ao novo officio ou arte, que he muito mais mecanica que seos mestres suspeitaõ) por *liberaes* e amantes da igualdade democratica. Porem ou eu me engano muito, ou tal modificação se lhe tem dado, que a constituição Hespanhola contem todas, e as mais poderozas somentes do despotismo monarchico.

Em primeiro lugar, cortaraõ os laços mais poderozos que se conhecem entre a nação e seos representantes: quero dizer, as eleiçoens directas. Pergunte-se a cada Hespanhol, que parte tem tido na formação das Cortes, e a não serem eleitores de provincia, todos confessaraõ, que a mesma, que se a eleição se fizesse por sorte desde o seu primeiro passo.—Tendo commettido este erro transcendente, que privou as Cortes da fonte principal do influxo politico, quizeraõ a força de leis aglomerar no congresso todo o poder do estado. O tino dos legisladores, e o seu

conhecimento dos homens não alcançou mais, que o tirar ao rei o nome de Soberano, e revistir o congresso do vaõ titulo de *magestade*, e com estes atavios do throno assentaraõ que tinhaõ vinculado n'ellas o seu poder. Todavia os que tomaõ sobre si o difficil encargo de dar leis fundamentaes a hum estado, devem melhor conhecer o genero humano, e ter melhor estudado o modo de cementar o poder sobre a unica base, que pode dar-lhe firmeza,—a opiniaõ. Nisto, a constituição Hespanhola he miseravel. O congresso não tem o mais pequeno apoio, em que sustente a sua soberania. Huma assemblea não pode segurar em seu favor a vontade e o respeito de hum povo, a não ser por algum destes tres modos. 1. Pela riqueza e influxo individual de seos membros. 2. Pela *popularidade* de alguns. 3. Pelos conhecidos talentos dos que dirigem as operaçoens d'assemblea. De todas estas qualidades priva as Cortes a constituição Hespanhola. O empenho de seos authores foi que ellas se formassem segundo os principios da igualdade ideal, que, posto que dissimuladamente, era seu unico norte. So a casualidade pode nellas dar entrada aos ricos proprietarios, e efficacia do seu influxo.—Ao abrir-se humas Cortes, poderaõ apresentar-se alguns membros, que por certa facilidade em fallar, ou por seos talentos oratorios, logrem a *popularidade*, que por algum tempo tiveraõ alguns individuos que foraõ membros das extraordinarias. Ao concluir-se as sessoens, poderá dizer-se que este ou aquelle membro mostrou talentos extraordinarios na direcção dos negocios politicos ou governativos. Mas de que utilidade será isto para o influxo das Cortes, que segundo a constituição, devem ter o throno em perfeita sugeição para sempre? A opiniaõ que adquirirem humas Cortes, não serve para as futuras. Em cada nova abertura se apresentaraõ ao povo Hespanhol duzentos *Soberanos*, de quem nada mais se sabe do que os nomes. Passada a novidade do pomposo titulo de *paes da patria, e representantes da nação*; toda a lengalenga politico—philosophica, que tanta impressaõ fez na boca dos oradores de Cadiz se reduzirá a hum vaõ sussurro, de que ninguem fará cazo. Se ajuntar-mos a isto o empenho que cada

hum dos partidos deve ter em dezacreditar as Cortes vindouras, como fazem agora os *liberaes* com as *presentes*, o resultado será desprezo absoluto e geral do poder legislativo.

Entretanto o rei, despojado do titulo de *Soberano*, desse talisman, de que se apossaraõ os legisladores Gaditanos, terá a sua disposiçaõ todos os assalariados da monarchia. Todos os Hespanhoes ficaraõ n'elle os olhos, (para quando cessar qualquer emprego prescripto pela constituiçaõ, ou antes se dispensar, como aconteceo agora); e no rei começaraõ e terminaraõ todas as esperanças do reino. O rei sera conhecido e respeitado por todos sem interrupçaõ, entre tanto que os deputados, como passaros de arrabiçaõ, seraõ esquecidos sem se saber donde vieraõ, e onde se esconderaõ, passado o seu estio. O resultado deste systema em quatro ou seis annos, so pode escapar a seos illudidos authores.

Que deverá pois fazer-se nas actuaes circumstancias? Destruir a constituiçaõ? Tornar ao antigo systema? Deus livre a Hespanha de tal calamidade! Mas o certo he, que nada a levaria mais directamente a esses males, que o extravagante systema, que os authores da constituiçaõ adoptaraõ para os evitar; e o modo illegal e revolucionario com que seos amigos tractaõ de atemorizar as Cortes actuaes—Como não pertendo publicar invectivas, nas sim dar conselhos, que me parecem uteis, concluirei recommendando o que julgo de maior urgencia nas actuaes Cortes de Hespanha.

A primeira couza que devem fazer as Cortes, he impedir que as galerias tomem parte nos seos debates. He esta huma medida de tanta importancia, que d'ella depende a existencia das Cortes, e de que a Hespanha tenha hum governo livre. Seguramente o povo de Madrid merece os maiores elogios pela moderaçaõ decoro, e respeito que tem mostrado pelo governo; mas os esforços que se fazem para a mutina-lo, e fazelo imitar as scenas escandalosas de Cadiz, são mui temiveis, e requerem mais activas providencias. A phrase favorita de certos *liberaes*. "*A patria está em perigo,*" he sempre a sua exclamaçaõ, logo que

esta em perigo a sua vaidade, o que se conhece pelo menor signal de applauso, ou de reprovação de qualquer circumstante, que não tenha voto nas Cortes. Ainda mesmo as aclamaçoens dos deputados são perigozas em hum corpo novo, como o congresso da Hespanha. No Parlamento Inglez, onde as formas estão arraigadas de tempo immemorial, não ha perigo de dezordem, bem que se permita certos signaes de approvaçoão, ou disgosto aos circumstantes. Assim a voz *hear, hear* ou de aplauzo que ali se repete em occasioens extraordinarias, longe de interromper a ordem, serve de animar o que falla, dando-lhe de mais a mais tempo de respirar.—Mas a vehemencia Hespanhola em semelhantes cazos he irrefriavel; e quem pode evitar que o povo espectador tome parte nos debates. Se isto senão evitar, a Hespanha não será governada por hum congresso livre, e ficará sendo escrava da parte mais ignorante, e atrevida do povo em que se celebra o congresso. O modo de evitar este mal gravissimo, he que o prezidente mande prender ali mesmo a qualquer individuo, que aplauda dezaprove ou perturbe das galerias. Se a multidão dos culpados for tal que se não possa effectuar a prisão, o prezidente devera suspender a sessão e então poderá dizer com verdade que—*a patria esta em perigo.*

Mas estar-se-ha por hum scrutinio, se as Cortes quizerem assar Hespanhoes, impor o voto de Santiago, e todas as mais perguntas imprudentes que fazem os *liberaes*? Assim o determinou a constituição Hespanhola. Isto exige hum remedio prompto e efficaz, como tenho dito muitas vezes. Que o poder legislativo se divida em duas cameras, he do interesse dos *liberaes*, e *servis*, como veráõ, se bem reflectirem no ponto. A Hespanha não he toda da opiniaõ dos *servis*, menos ainda dos *liberaes*. Qualquer dos partidos que intente dar-lhe leis segundo as suas doutrinas, achará huma opposição consideravel. As leis dependem agora de huma sorte. Se as Cortes abundaõ em *servis*, as leis dos *liberaes* podem ser abrogadas n'hum scrutinio e *vice versa*; e a resistencia ao decreto he huma *revoluçãõ*. Para evitar este mal não ha outro recurso senão reconciliar com as leis a authoridade da opiniaõ, e

tirar-lhes toda a apparencia de ser hum triumpho de partido. Havendo duas cameras com diversos interesses, este espirito de partido se divide e perde muito de sua força. Ganhada huma lei na primeira a outra tem tempo de reflectir, qual he a verdadeira opiniaõ publica, sobre aquelle ponto, e de ver como foi recebida em a naçaõ a decizaõ da primeira camera. Huma lei, que tiver a approvaçaõ d'ambas, e o sello do Rei, he impossivel que se possa alterar taõ facilmente, nem que seja taõ contraria aos olhos do povo, que ponha o reino em perigo de huma revoluçaõ cada dia, como succede agora em Hespanha. He inutil repetir as vantagens desta forma de governo, mas he necessario que os dous partidos Hespanhoes, se persuadaõ de quanto importa a ambos que se divida o poder legislativo. A melhor occaziaõ de fazer esta util mudança na constituiçaõ Hespanhola, seria a proxima chegada do Rei. O artigo 162 da constituiçaõ da ao Rei a liberdade de convocar Cortes extraordinarias em cazos urgentes. Nenhum he mais urgente do que o actual, em que a Hespanha se ve ameaçada de huma anarquia pela ma distribuiçaõ do seu poder politico.

Em que se formem duas cameras, todos os partidos ganhaõ; muito particularmente os liberaes; pois que dando ao clero superior certo numero de votos em a camera alta, ou como lhe quizerem chamar, faraõ que seos individuos naõ sejaõ arbitros das leis, como succede nas presentes Cortes, e succederá, se as couzas continuaõ como agora. Alem disso, os authores da constituiçaõ, apezar dos gravissimos erros, que haõ commettido, e que so procederaõ do zelo excessivo pela liberdade da sua patria, deveriaõ ser membros da segunda camera, como premio de seos serviços, e ser olhados como os guardas da constituiçaõ; e ate seria util estender este privilegio a seos herdeiros, a quem podiaõ educar recordando-lhe, que ao amor da liberdade, e da constituiçaõ que a defende, deviaõ elles a exaltaçaõ da sua classe. Assim se perpetuaria huma raça de defensores das leis fundamentaes da monarchia.

Lendo os papeis publicos desta capital, vejo com dor confirmados os meos temores. No dia 3 de Fevereiro se tornou a quebrantar a inviolabilidade dos deputados dos Cortes, em Madrid, na pessoa de hum representante de Sevilha, chamado Reyna, assim como aconteceu com o deputado Valiente nas celebradas em Cadiz. Algumas expressoens sobre o poder regio irritaraõ as galerias, e apadrinhadas pelo murmurio dos deputados *liberaes*, reduziraõ a sessaõ a hum tumulto. O deputado foi prezo, e vai ser *juogado*—pelo mesmo tribunal que levantou o grito no congresso. Quem pode duvida-lo?—A feliz Hespanha vai ser victima d'anarquia, se os homens honrados não se unem para effectuarem a divizaõ de poderes, que acabo de indicar-lhes. A Hespanha esta presente-mente em poder da *populaça*. Debaixo deste nome comprehendo todos aquelles que contribuem para atterrar a authoridade pelo tumulto.

POSTSCRIPTUM I.

Suplimento a Gazeta de Londres de Sabado, 2 de
Abril, 1814.

SECRETARIA DE GUERRA.

Downing-Street, 2 de Abril, 1814.

O Conde Bathurst acaba de receber hum officio do Lord Castlereagh, pelo qual sua Senhoria annuncia, que as Negociaçoens, que athe agora tem havido em Chatillon entre os Plenipotenciarios das Potencias Alliadas e o Plenipotenciario do Governo Francez, se dissolveraõ a 18 do passado.

Taõbem se receberaõ despachos datados de Laon á 16 ; de Arcis, á 18, e á 21 ; e de Rheims, a 22 de Março ; pelos quaes sabemos naõ ter havido alguma acção decisiva, excepto o vigoroso e bem disposto ataque do Principe Real de Wurtemberg, contra a reta-guarda inimiga que estava de posse de Arcis, e donde foi arrojada com grande perda de mortos e feridos. Pelas noticias de França de 28, Bonaparte tinha a seo Quartel General no dia 25 em Doulevant, algumas milhas para a Sul de St. Dizier, deitando patrulhas athe Langres. Outro artigo official acrescentava, que elle estava agora na reta-guarda dos Alliados. O que porem sabemos he, que Bonaparte a 24 de Março se achava exactamente no mesmo sitio, em que pessoalmente abrio a campanha a 26 de Janeiro.

Naõ he com tudo ja possivel dar em este Numero os officios que acabamos de mencionar. O tempo ja mui adiantado para a sua publicaçãõ, a doença repentina de hum dos Redactores, e a excessiva abundancia de

anteriores documentos, nos fazem por consequencia deixar para os Nos. seguintes estas e outras peças politicas, que por falta de occasião ou de tempo nem sempre se podem publicar em hum Periodico Mensal, de que tres quartas partes são destinadas para—Literatura, — Sciencias,—e Correspondencia. — Pelas mesmas razoens taõbem differimos alguns documentos das ultimas Gazetas de Lisboa, que successivamente daremos, esperando que os nossos leitores, por conhecerem toda a justiça dos motivos que temos para semelhantes omissoens, não nos levem a mal, se não podermos satisfazer sempre a sua curiozidade taõ prontamente como nos taõbem o dezejavamos.

POSTSCRIPTUM II.

Londres, 6 de Abril, 1814.

A demora extraordinaria que teve a publicação deste Numero, devida entre outras mais cauzas, á grave e repentina enfermidade de hum dos Redactores, á qual ja acima mencionamos, merece em fim taõbem ser desculpada pelos Senhores subscriptores por nos haver dado occasião para ainda lhes poder-mos annunciar a noticia a mais importante e mais celebre, que fará huma das principaes epochas da Historia Moderna.

“ A nova Babilonia, a nova Rainha das Naçoens cahio finalmente por terra, e conheceo que podia ser vencida!—Sim Paris, a soberba, e altiva Paris, curvou o seo collo, á vingadora espada da Victoria!—E Deos, segundo se exprime Sir Carlos Stewart no seo officio de 30 de Março, depositou a Capital do Imperio Francez nas maons dos Soberanos Alliados, como huma justa retribuição de todas as calamidades, que o Desolador da Europa havia cauzado á Moscow, á Vienna, á Madrid, á Berlin, e á Lisboa!”

Paris foi entrada pelas tropas alliadas as 9 horas da manham de 31 de Março, 1814.

ERRATA DO NO. XXXII.

Pag. 641—Foral de 1595—leia-se—Foral de 1587.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXXIII.

Pag. 10, da se de Lisboa, leia-se, da Sé de Lisboa.

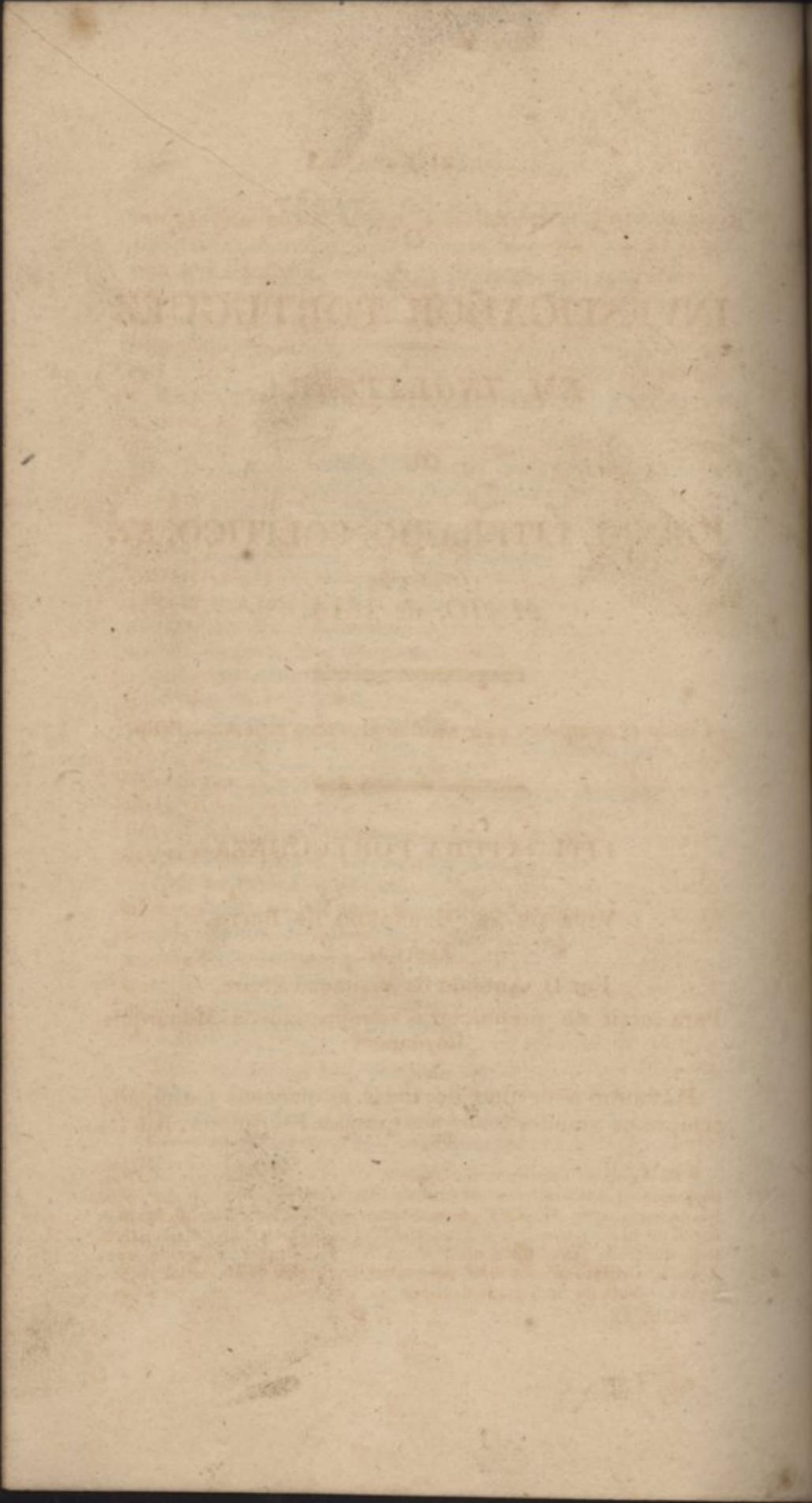
- 14, maior interesses, l—, maior interesse.
- 24, brichos, l—, bichos.
- 26, em se o paiz, l—, em seo paiz.
- 27, vio calcanhar, l—, vi o cal canhar.
- 53, pezo o foi, l—, pezo foi.
- 61, com os riscos, l—, como os riscos.
- 62, me dia, l—, media.
- , las para, l—, das para.
- 63, hum reflexão, l—, huma reflexão.
- , pela, l—, pelo.
- , competer, l—, competir.
- 66, Severim M. de Faria, l—, M. Severim de Faria.
- 68, queixaõ-se, l—, queixar-se.
- 70, os lentes se accusaõ, l—, os lentes se excusaõ.
- , p. ex, l—, p. c.
- 71, reputaõ se, l—, reputavaõ-se.
- 74, sobre pujada, l—, sobrepujada.
- 84, he hum, l—, de hum.
- , deter, l—, de ter.
- 91, Russas, l—, Russias.
- 99, como temos, l—, que temos.
- 101, muitos mais, l—, muito mais.
- 102, consuma, l—, consumo.
- 118, manobrar, l—, manobras.
- 122, for, l—, foi.
- , apoder-se, l—, apoderar-se.
- 132, prisioneiros, l—, prisioneiras.
- 134, como flanco, l—, com o flanco.
- , as differentes, l—, os differentes.

ERRATA DO NO XXIII

Pag. 641—Linha de 1202—leia-se—Folha de 1202

ERRATAS MAIS NOTAVÉIS DO NO. XXXIII

- Pag. 10. linha de 1202. leia-se. do 2º de Lisboa
 14. maior interesse) — maior interesse
 24. brilha, — brilha
 25. em se o por, — em se por
 27. vintecentista, — vintecentista
 28. pelo o foi, — pelo foi
 31. com os rios, — com os rios
 32. me do, — me do
 33. da parte, — da parte
 34. bom trabalho, — bom trabalho
 35. pelo, — pelo
 36. computa, — computa
 37. Severo, M. de Lira, — M. Severo de Lira
 38. por se, — por se
 39. de rios e rios, — de rios e rios
 40. p. ex, — p. ex
 41. quanto se, — quanto se
 42. sobre parte, — sobre parte
 43. de hum, — de hum
 44. de, — de
 45. de, — de
 46. como rios, — como rios
 47. muito mais, — muito mais
 48. governo, — governo
 49. trabalho, — trabalho
 50. de, — de
 51. de, — de
 52. de, — de
 53. de, — de
 54. de, — de
 55. de, — de
 56. de, — de
 57. de, — de
 58. de, — de
 59. de, — de
 60. de, — de
 61. de, — de
 62. de, — de
 63. de, — de
 64. de, — de
 65. de, — de
 66. de, — de
 67. de, — de
 68. de, — de
 69. de, — de
 70. de, — de
 71. de, — de
 72. de, — de
 73. de, — de
 74. de, — de
 75. de, — de
 76. de, — de
 77. de, — de
 78. de, — de
 79. de, — de
 80. de, — de
 81. de, — de
 82. de, — de
 83. de, — de
 84. de, — de
 85. de, — de
 86. de, — de
 87. de, — de
 88. de, — de
 89. de, — de
 90. de, — de
 91. de, — de
 92. de, — de
 93. de, — de
 94. de, — de
 95. de, — de
 96. de, — de
 97. de, — de
 98. de, — de
 99. de, — de
 100. de, — de



INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

MAIO, de 1814.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITTERATURA PORTUGUEZA.

VIDA DE FR. BERNARDO DE BRITO.

Escrita,

Por D. Antonio da Visitação Freire,

Para servir de preliminar a reimpressão da Monarquia Lusitana*.

HAVENDO o destino de todas as naçens anticipado sempre os grandes feitos aos grandes Escriptores, não he

* Só depois de estar-mos em Londres, e termos escripto o pequeno Prologo, que se aêha em frente da primeira Memoria do mesmo Auctor, publicada em o nosso No. XXX., he que vimos impressa esta Vida de Fr. Bernardo de Brito por ordem d'Academia R. das Sciencias de Lisboa. Com tudo querendo generalizar mais a sua leitura, e fazer conhecido o seo Auctor, a reimprimimos aqui, para andar junta com as Memoriaes antecedentes.—Nota de hum dos Redactores.

muito que entre nós o Historiador da Monarquia Lusitana se manifestasse cinco seculos depois que ella se havia fundado. Não deve porem ser estranho este apparente descuido, quando se considera, que a natureza tem sido de commum mais avara em criar historiadores do que Poetas. Milton e Pope honrãrão a litteratura Inglesa hum seculo antes que Hume e Gibbon apparecessem, e Camoens ja se achava aborda da sepultura, quando Fr. Bernardo de Brito ainda não concebia o elevado pensamento de immortalizar a sua nação, escrevendo a sua Historia.

O conhecimento pois das difficuldades de huma tal empreza deve dar toda a circumspecção ou toda a indulgencia em julgar-mos os historiadores, ainda dos seculos mais illustrados, convertendo-se esta indulgencia em rigoroso dever, quando se houver de ajuizar de historiadores, cujos eminentes talentos tinhão que lutar contra opinioens destructivas do gosto e da critica, e talvez contra sistemas organizados para barbarizar a Europa. Que admiração será pois que o engenho mais transcendente se visse arrastado do universal impulso? Taes reflexoens não devem ser estranhas quando se trata de Fr. Bernardo de Brito, cujos talentos, dignos de melhor seculo, devem sempre merecer a veneração dos homens cultivados e sem partido.

Ainda que o tempo, em que Fr. Bernardo de Brito nasceo, pareça ser hum dos mais esclarecidos de Portugal, deve com tudo considerar-se unicamente esta vantagem assim em relação aos tempos de barbaridade anterior da Europa, como a decadencia que depois a conquista dos Hespanhoes, e outros motivos trouxeraõ ás letras neste Reino. A epocha precisa do nascimento do nosso Historiador ja tinha visto acabar, ou via hir quasi desaparecendo os maiores homens daquelle seculo.

Fr. Bernardo de Brito nasceo em 20 de Agosto de 1569, no I. anno do Reinado de El Rei D. Sebastião, e dos 15 da idade deste Soberano. A sua patria foi a praça de Almeida, sendo seos Pai, Pedro Cardozo, que alli servia como militar, e sua Mãi, Maria de Brito de Andrade, de quem tomou o appellido de *Brito*.

No tempo em que-o emprego do Panegirista ou do Historiador era ja mais inseparavel do Genealogico, e que esta condescendencia do espirito humano era taõ commum ao que escrevia os Annaes de hum grande Povo, como ao que relatava as acçoens vulgares de hum rico opulento; naõ deve ser estranho que Fr. Bernardo de Brito deduzisse a Monarquia Luzitana da Origem do Genero Humano, nem que o erudito Manoel Severim de Faria, elogiador contemporaneo de Brito, deduzisse dos Celtas Britonnios a ascendencia dos Britos.

Naõ sendo provavel, que a Villa de Almeida tivesse em si todos os meios de huma competente educaçaõ litteraria, e o tempo em que a podia receber em qualquer outro lugar do reino, fosse hum dos mais calamitozos da nossa Monarquia, contando entaõ Fr. Bernardo de Brito nove annos, quando aconteceu a infausta perda d'El Rei D. Sebastião em Africa; há racionaveis motivos de conjecturar, que os seos primeiros annos naõ fossem coadjuvados do ensino, que convinha a sua idade e aos seos talentos.

Porem a politica de Felippe II. que fez passar as nossas melhores tropas ao serviço dos seos mais distantes dominios, obrigou o Pai do nosso Escritor á passar á Flandres e á Italia, aonde consta haver militado com distincçaõ notoria em o posto de Capitaõ: provindo d'aquí occaziaõ, a que Fr. Bernardo de Brito, que entaõ tinha o nome de Balthasar de Brito de Andrade, se aproveitasse dos bons estudos que naquelle seculo e no antecedente tinhaõ feito illustrar as principaes cidades da Italia. Em Roma foi que Brito se deo principalmente a procurar sufficiente conhecimento das lingoas antigas, e a familiarizar-se na pratica da Italiana e Franceza, que se reputavaõ indispensaveis á boa educaçaõ daquelle tempo.

Como as artes de imaginaçaõ, e com especialidade a poezia, mereceraõ sempre, e particularmente naquella idade, huma attençaõ decidida á quasi toda a Europa, Fr. Bernardo de Brito consagrou huma parte da verdura dos seos annos a cultivar o seo talento poetico, que todavia naõ seria bastante para fazer passar o seo nome á posteridade, se os seos Escritos Historicos naõ lhe houvessem procurado esta gloria.

Com effeito a collecção dos seos Poemas, conhecidos debaixo do titulo—*Silvia de Lisardo*,—são hum testemunho não só de que Fr. Bernardo de Brito jamais pudera entrar na ordem de Camoens, de Ferreira e de Bernardes, mas que o gosto sensivelmente se corrompia na Italia e nas Hespanhas desde o principio do seculo XVII.

Não he muito porem que Fr. Bernardo de Brito não adquirisse grande gloria como Poeta, havendo-se entregado desde a idade de doze annos assim ao estudo da historia, como a buscar coizas antigas para que sua inclinação natural o levava com hum taõ particular empenho, que esta paixãõ parece haver absorvido todos os seos juvenis cuidados.

As mesma jornada de Roma emprehendida, ou por designios de proseguir na vida militar de seo pai, e aproveitando os seos serviços, acelerar o seo adiantamento como elle assevera, quando diz: *Deliberado neste intento, me fui na volta de Italia, mais acompanhado de pensamentos do que de annos*; ou seja que esta jornada fosse o effeito necessario das ordens positivas de seo pai, que como diz Severim, *temendo que a falta da sua presença fosse de prejuizo a educação de seo filho, de pouca idade o fez hir a Roma*; convem observar, qual era ja nestes poucos annos a paixãõ de Brito em preparar-se para ser hum dia o Historiador da sua Patria, quando nos refere, sahira de Portugal, *notando no discurso deste caminho algumas antigualhas, que entãõ, diz elle, me accendiaõ o desejo, e agora me servem de muito lume no que faço.*

Quaesquer pois que fossem os motivos que conduzirãõ Brito a Italia, o que nos convem notar he, que na idade de treze ou quatorze annos, em que devia ser esta jornada, tal fosse ja a sua penetração, taes fossem ja os seos estimulos, que elle preparava de taõ cedo os fundamentos em que havia de erigir-se a sua gloria.

Em nenhum outro lugar mais proprio poderia achar-se Britto do que em Roma, para accender o seo zelo no cuidado das indagaçoens das nossas Antiguidades, e em formar os materiaes da Monarquia Luzitana; pois se conservava entãõ mui recente alli a memoria de hum dos Portuguezes, a quem mais in-

teresse deveo o estudo da nossa Historia, e o dezejo de a ver escripta: tal foi Achilles Estaço.

Este grande escriptor, depois de se haver feito conhecer por hum dos maiores Humanistas daquelle seculo nos paizes estrangeiros, foi convidado por El Rei D. Sebastião para escrever a Historia de Portugal, e ser Guarda Mor da Torre do Tombo; mas o conflicto de opinioens, que fizeraõ memoravel o governo deste Soberano, não permittio que se effectuasse este bom intento. O mesmo Embaixador, que era encarregado do Convite d'El Rei, astuciozamente o dissuadia de aceita-lo. Intrigas desta natureza, em que os grandes engenhos se desviavaõ da patria, e o patriotismo se abafava no esquecimento da Historia Portugueza, preparavaõ a infausta jornada de Africa, e a perda da independencia da Monarquia. Se taes dissabores podiaõ ter disfarce, Achilles Estaço o achava na estimação e amisade dos Pontifices Pio IV., e Pio V., e na intimidade distincta de Mureto e de Baronio. Sendo porem a sua morte no anno de 1581, Brito que talvez dois annos depois chegaria a Roma, achava mui presentes não só hum modello dos seos estudos, mas hum ardente zelador da gloria Portugueza.

Que Brito não só vivera em Roma, mas taobem em Florença se pode colher dos seos escritos. Florença porem não era ja o que havia sido em tempo de Cosme e de Lourenço de Medicis, e de Angelo Policiano e de Ficino, quando a mocidade Portugueza Corria alli, como os antigos Romanos procuravaõ Athenas, quando as letras alli tiveraõ as homenagens, que jamais talvez receberaõ de alguma idade, ou de algum Povo do mundo.

Existiaõ porem ainda os vestigios ou os destroços d'aquelle Platonismo, que Argyropulo, Pleton, Bessarion, e outros trouxeraõ na perda do Imperio do Oriente ás Escollas de Pisa e de Florença. Platonismo, que ainda que foi proveitozo aos progressos das Sciencias, degenerou depois nos imaginarios sistemas do Pythagorismo-Cabbalístico, que as imposturas dos Rabinos estabeleceraõ, e que a piedade nimiamente credula de muitos engenhos abalizados nos seculos XV. e XVI. accreditou, ou ao menos julgou util para desviar os espiritos indagadores, em que abundava

aquella idade, do Scepticismo nascente, que manifestáraõ alguns sabios taõ celebres pelos seos conhecimentos como pela sua imprudencia.

Este Platonismo—Pithagorico—Cabbalístico, ainda que contrariado na sua origem pelos Scolasticos Aristotelicos, ganhou hum grande numero de Sectarios não só na Italia, mas nas Hespanhas, aonde as escollas dos Rabinos e dos Arabes tinhaõ preparado muitos elementos proprios á fortificarem esta doutrina. Huma tal filosofia, que pelas formas dogmaticas, parecia conveniente ás indoles religiosas, e pela abundancia do maravilhoso se fazia agradavel ás imaginaçoens ardentes, devia ser naturalmente bem aceita ao Autor da *Silvia de Lisardo*.

Mas como nenhum documento existe de que Fr. Bernardo de Brito estudasse fora do Reino a Filosofia, ainda que Mariz certifique que na Italia se creara; nós conciliando Escriptores contemporaneos, que nos dizem que na Italia adquirira noticias das lingoas Hebraica e Grega, com o pouco tempo que alli o achamos existente, entendemos, que na applicação que fez ás lingoas antigas houve os conhecimentos da Filosofia Pithagorico-Cabbalística*, que os seos escritos manifestaõ.

Com effeito no anno de 1585 Brito tinha entrado na Ordem de S. Bernardo, aonde Severim nos diz que seõ pai não quizera que elle professasse, havendo-lhe conseguido em Roma permissaõ para passar a Ordem de Malta; porem Brito, ou por devoção, ou por qualquer outro motivo persistio no proposito tanto de permanecer na congregação que tinha escolhido, como de meditar a composição da Historia Portugueza, servindo-lhe talvez o segundo proposito de notavel impulso para não dezistir do primeiro.

A natureza, que costuma dar ao caracter dos homens, que se immortalizaõ, huma tempera de força e de tenacidade, capazes de jamais dezistirem do empenho que huma vez se propuzeraõ, tinha reforçado as primeiras inclinaçoens de Brito por aquillo mesmo

* Elle se preza:---de ler antigalhas em mais lingoas que a latina, e ter aprendido invençoens de letras exquizitas, e pouco vulgares em nossõ tempo.---Prologo.

que para hum homem vulgar serviria á dissipallas. “A quietação, diz Brito no Prologo da Monarquia, e o encerramento do Claustro me renovaraõ com dobrada força o dezejo com que me criara. E assim as horas, que me ficavaõ livres das obrigaçoens essenciaes, gastava em *lição perpetua* de livros antigos, notando o que em cada hum delles achava tocante aos Luzitanos.”

Por esta arte se dispunha o nosso Historiador a vingar a patria do opprobrio, em que os estrangeiros a consideravaõ pela falta de huma completa Historia nacional, taxando-nos athe com o indigno epitheto de *barbaros*. O que certamente não competia a nação que tinha produzido n’hum mesmo seculo Barros, Ferreira, Camoens, Pedro Nunes, e Affonso de Albuquerque, e outros dignos heroes de jamais esquecerem á memoria dos homens.

Porem Brito, formando hum justo conceito da importancia e da dignidade da sua empreza, julgou conveniente ensaiar as suas forças na compilação de huma Historia extrahida de todos os escriptores que o haviaõ precedido, acrescentando ao que era publico algumas Memorias, que de hum Mendo Gomes existiaõ no Arquivo de Alcobaça. Seja pouca fé que merecesse este author, pois Brandaõ o reputa pouco authorizado, seja que Brito não julgasse ter assas documentos para authenticar a sua composição, como Severim nos indica; a posteridade não pode ajuizar destes primeiros trabalhos, que hoje nos são desconhecidos. Delles com tudo poderiaõ extrahir-se alguns soccorros, que lhe servissem para co-ordinar a Terceira parte da Monarquia, que ainda hoje se conserva em Alcobaça, N. 356*, como monumento authographo de Brito.

Se os talentos superiores, de que era dotado, o eleváraõ ácima dos esforços, dos que o tinhaõ precedido em o nobre emprego de Historiador, não he menos de ponderar a nobreza dos seus pensamentos, e a generosidade do seo patriotismo, propondo-se escrever a Historia da Monarquia Portugueza naquelle mesmo tempo em que, transferida a hum dominio estranho,

* Elucidario na palavra Cruz. Tom. I. pag. 329. columna 2.

parece tudo conspirava para abolir da memoria dos homens a sua gloria e a sua independencia. Quando todas as condiçoens do Estado, cedendo á dura Lei da necessidade, suffocavaõ em apparencias de submissãõ os virtuosos estimulos de restituirem á Patria a sua antiga Monarquia, sem ouzarem todavia patentear sentimentos, que a calumpnia ou a lizonja chamariaõ crimes de Leza-Magestade; da obscuridade de hum Claustro sahe hum espirito generoso, que ouza proclamar a Monarquia Luzitana, despertando as esperanças daquelles que consideravaõ a sua antiga existencia como hum sonho, e a possibilidade da sua restauraçãõ como huma quimera.

De tão longe talvez se preparavaõ as briozas tençoens, que pouco mais de quarenta annos passados haviaõ de determinar nossos Avós á sublime empreza de reconquistarem a independencia da Monarquia, e consolidarem os direitos que se deviaõ a nossos amaveis Soberanos, a Reinante Caza de Bragança.

Se a posteridade pois não devesse muita veneraçãõ aos talentos de Brito como Escriptor, seria injustiça o negar-lha como hum dos mais illustres Patriotas de que podem honrar-se os Fastos da Monarquia. Nunca devendo igualmente esquecer-nos, que no tempo em que o temor, a lizonja, e a moda podiaõ fazer, que sem desdoiro hum Portuguez abandonasse a sua lingoagem pela lingoagem da Corte, Brito não só mantivesse a lingoagem dos antepassados, mas a ennobrecesse ao ponto de se constituir hum Classico da Nação.

Tal era o apreço, que Brito fazia de tudo quanto podia influir gloria na sua Patria, que ao dar satisfacção de não haver-se servido da lingoa latina na composiçãõ da Monarquia Luzitana, o que lhe dava maior credito; ou da lingoa Hespanhola, em consideraçãõ a *criaçãõ e uso* que tinha della, e de ser mais conhecida na Europa; elle manifesta huma patriotica indignaçãõ contra quem taes pensamentos lhe propunha, pois o julgavaõ *indigno do nome de Portuguez, em ter tão pouco conhecimento da lingoa propria, que a julgasse por inferior á Castelhana**. E continuando depois: *Se....*

* Prolog. da I. Parte da Monarquia Luzitana.

a engrandecerao seos naturaes com impressoens, e livros compostos nella, fora hoje tanto e mais fimoza que a Castellana e Italiana. Mas carecendo deste bem, e tendo dentro de si filhos tao ingratos, que a modo de venenosas viboras lhe rasgaõ a reputaõ e credito devido, naõ he muito estar em tal opiniaõ athe o tempo de agora*. Com esta franqueza energica expressava amor e estimaõ pelas coizas da Patria o homem, que nas tristes circumstancias em que ella se achava, tudo podia temer em naõ se encobrir, e nada certamente ganhava em patentear-se.

Nós julgamos conveniente insistir em declarar o patriotico zelo de Fr. Bernardo de Brito pela gloria e independencia de Portugal, tanto para reconhecimento do que nisto se lhe deve, como para poder-mos ajuizar de huma obra inedita, guardada no Escorial, que lhe foi attribuida, e de que teremos depois occaziaõ de tratar; a qual, verificando-se ser sua, mostraria quanto as seducçoens do interesse saõ capazes de abafar os generozos sentimentos da virtude.

Deve porem confessar-se, que a mocidade de Brito foi conduzida pelo intuito de illustrar a Naçaõ, e de manter, apezar das suas desgraças, a gloria do nome Portuguez pela memoria dos seos grandes feitos. Assim parece, que o disvello de Brito naõ tinha interrupçaõ em preparar se para o empenho, que quasi desde a infancia meditará; pois mandado pela sua Ordem á Universidade de Coimbra para adquirir os conhecimentos convenientes ao seo Estado, o seo primeiro objecto naõ soffria alteraçaõ, achando-se concluida a Primeira Parte da Monarquia Luzitana antes de haver-se concluido o tempo de receber o gráo de Doutor em Theologia.

Assim quando Brito contava 27 annos de idade, e eraõ passados 16 depois da sugeiçaõ Portugueza ao dominio Hespanhol, havia ja elle estabelecido a principal baze em que se funda a sua gloria litteraria. Muitos outros illustres escriptores tinhaõ traçado hum igual plano de transmittirem á posteridade

* P rolog. da I. Parte da Monarquia Luzitana.

a serie geral de todos os factos, que podem formar a Historia completa da Nação Portugueza, Barros, Rezende, e Teive*, reputados pelos principaes, que se propozeraõ successivamente esta illustre empreza; mas ou a sua difficuldade, ou porque elles assas se julgavaõ illustrados com outros trabalhos scientificos, (e pode ser ainda que a falta de proporçoens convenientes para tamanho desempenho) deixáraõ reservados á Fr. Bernardo de Brito os louros que hum tal esforço merecia.

A prezente idade, que tantos meios possui de julgar o merecimento absoluto de cada individuo, e mesmo de cada Seculo, nem sempre terá sido talvez justa em avaliar o merecimento relativo. O espirito humano sente huma certa contrariedade em descer á situação dos pouco felizes; e no meio da sumptuosidade apraz-se á sentenciar de mesquinhez aquillo que, considerado attentamente, acharia não ser mais que involuntaria falta de circumstancias melhores. Taes são muitas vezes os juizos que se formão de talentos superiores, quando as opinioens dominantes do seo Seculo os arrastáraõ á precipicios, que nós, situados n'hum horizonte de grande luz, olhamos com indignação e com desprezo, quando seria bastante considerá-los com reflexaõ, e caute-la.

A Monarquia Luzitana de Fr. Bernardo de Brito, que tantas vezes tem suscitado a justa severidade da Critica, e que á muitos respeitos a merece, fornecerá menos motivos de accusação contra as intençoens do seo auctor, quando ponderarmos em que circumstancias foi escripta.

A commoção geral suscitada na Europa pela extensaõ das nossas descobertas maritimas, pela invenção da imprensa, e pelo conflito das Opinioens Theologicas, tinha de alguma sorte influido sobre a maneira de pensar dos Eruditos do Seculo XVI., que viviaõ em Portugal, e nas Hespanhas. Mas a politica das naçoens meridionaes soube atalhar tanto á proposito os progressos das discussõens, que abalavaõ o Norte, que os homens mais acreditados da

* Severim, Elog. de Brito nas Noticias. Vaseo, Chronicon.

Península julgaraõ do seo dever desviar o incendio da patria, e aproveitando-se da indolencia natural aos climas ardentes, preferir o tranquillo gozo da indifferença ás turbulentas disputas, que dilaceravaõ outros Estados*.

Assim aquelle incançavel espirito de indagação e de criterio aquella tendencia geral para aprender nos paizes estrangeiros as Artes e as Sciencias, menos aperfeiçoadas em o nosso, progressivamente se affrouxava. Longe de se chamarem novos Mestres ás Escollas, clara ou occultamente se desviavaõ. A illustre Escolla da Caza do Cardeal Infante D. Henrique, aonde ensináraõ Resende, e Clenardo, e aonde se tinhaõ educado Jorge Coelho, Barreiros, e Estaço, semelhante á hum meteoro luminoso, dissipou-se em hum momento.—*Quando naõ se tivesse organizado hum Systema de fazer perduravel a infancia da razaõ seria bastante para conseguir hum tal fim, desviar todos os estimulos de cultivalla.*

A passos lentos se retrogradavaõ assim os progressos do entendimento. Os homens mais indagadores descorçoavaõ de trabalhos, que podiaõ trazer-lhes enfado e desgosto. Nas absurdidades da Magica, no Charlatanismo d'Astrologia Judiciaria achavaõ as vezes os melhores espiritos complacencia e interesse. A logica do tempo jamais negava existente quanto se lhe representava possivel, sendo hum delicto contra o senso commum de entaõ haver por mais fallivel o credito de hum homem do que a alteração de huma lei da natureza.

Quando a auctoridade tinha estabelecido assim hum dominio systematico, o espirito de impostura naõ teve freio, nem conheceo limites. As artes do falsario foraõ empregadas naõ só em ampliar documentos que o tempo podia haver destruido, mas em forjar titulos e pertençaens injustas, e a infatuar o orgulho humano com mentirozas lizonjas, suppondo-lhe origens, ou illustraçoes imaginarias.

* Carta de Martim Gonçalves da Camera ao Reitor da Universidade em 21 de Maio de 1570, no compendio Historico, pag. 62.

Aquella activa indagação, aquelle zelo da verdade, que tinhaõ feito illustrar Barros*, Gaspar Barreiros†, e Rezende‡, declarando-se inimigos da pertendida serie dos Reis Fabulozos, que Annio de Viterbo deo ás Hespanhas, converteo-se em baixa lizonja de engrandecer a Patria com mentiras, procurando-se talvez por huma credulidade affectada, ganhar valia e estimação perante aquelles, que em menos de meio seculo despenháraõ este Reino do cume da maior gloria no precipicio dos maiores infortunios.

Observa-se com effeito no fim do Seculo XVI. huma degeneração taõ geral dos nossos primeiros adiantamentos nas Sciencias, que o espirito menos reflexionador naõ pode deixar de sentir-se comovido dos terriveis stratagemas, que seriaõ precisos empregar para retroceder assim os progressos das Sciencias. Nós vemos na realidade, que todas as fabulozas origens que Floriaõ do Campo tinha dado as Hespanhas, fundado na auctoridade das antigas chronicas, que se haviaõ publicado antes d'elle, e de que Vaseo dá o Catalogo; todos os sonhos de Annio de Viterbo, que Nebrissa e outros tinhaõ confirmado, mas que a critica nascente havia destruido, resuscitáraõ novamente pelas asserçoens de Fr. Heitor Pinto§, de Fr. Amador Arraes||, e de Mariz¶. Os mesmos Escriptores Eccleziasticos eraõ indecorosamente citados para apoiarem estes delirios**, que só podião caber em entendimentos dos que nenhuma attenção davaõ aos escritos dos Gregos e Romanos,

* Panegirico d'El Rei D. Joaõ III. em 1533, nas Noticias de Severim, pag. 306. Discurso, 8.

† Censuras impressas no fim da Corographia.

‡ Rezende, de Antiquitatibus.

§ Comm. in Ezechielem, Cap. 27, et in Daniel. Cap. 11.

|| Arraes, Dialog. IV. 12.

¶ Dialog. I. Cap. 40.

** Defens. da Monarq. Lusit. Tom. V. pag. 33.

que realmente tratáraõ das nossas coizas, ou dos que mesmo talvez se compraziaõ em preferir á estes testemunhos fide dignos, com que se tinhaõ apoiado os nossos criticos anteriores, as vans e pueris citaçoens de auctores desconhecidos.

Foi nesta disposição dos espiritos para o maravilhoso e para o absurdo, que Fr. Bernardo de Brito, na flor dos annos, amante da reputação momentanea da moda, que he sempre agradavel ás primeiras idades, judiciozo para avaliar as traças com que os cortezaõs literarios do tempo se faziaõ valer, entrou na composição da Monarquia Luzitana, procurando conciliar a gloria da Nação na publicação da sua historia com a propria vantagem, prestando-se ás ideas do tempo.

Daqui vem a differença que se manifesta entre Fr. Bernardo de Brito e Rezende, quando trataõ os mesmos objectos. Hum impulso occulto parece procurava desviar entaõ daquella idade tudo quanto tivesse relação com os estudos e indagaçoens de *Erasmus*, de *Vives*, de *Arias Montanus*, de *Melchior Cano*, e de outros criticos estrangeiros, que obrigavaõ a que os Zelozos pregassem:—*Homens, vós vede-vos? Adverti bem, e contaí as legoas, e achareis que são muitas as que estaes longe naõ somente de serdes Christaõs, se naõ ainda de serdes Portuguezes. Na cabeça sois Flamengos, no traje Francezes e Allemaens**. Na verdade se homens de hum criterio escrupulozo se expunhaõ a serem mal vistos, Brito naõ tinha que recer esta desgraça, pois ainda que elle se glorie de ter procurado muitos manuscritos, e obras pertencentes ao seo trabalho por toda a Hespanha e ainda fora della, provendo-se *por suas intelligencias de originaes antigos*†; os documentos com que vemos aucto- rizados os seus escriptos, são de commum taõ duvidozos e taõ recentes, quanto foraõ de pouca du- ração as imposturas que elles attestavaõ.

Por mais que nõs procuremos diminuir os defeitos de Fr. Bernardo de Brito, referindo as circumstancias

* Vida de Simaõ Gomes na Deducção chronologica e Analytica, Part. I. Divisaõ VI.

† Monarq. Lusit. no Prol.

tristes em que elle appareceo no mundo com o escriptor; nenhuma indulgencia o poderá desculpar da facilidade e leveza, com que asseverava os factos mais duvidozos e athe os mais falsos. O tom dogmatico, com que relata os acontecimentos mais miudos e mais circunstanciados dos tempos mais fabulozos, sem outro apoio, ou auctoridade do que humas vezes Floriaõ do Campo que nenhuma maior certeza podia dar dos factos do que elle proprio; outras vezes Rases, cuja suspeição lhe devia ser notoria pela critica de Rezende*; e outras de Annio de Viterbo, que Vaseu†, e que os melhores criticos do Seculo XVI. deraõ por taõ pouco digno de acreditar-se, quanto era facil de apparecer o motivo da sua fabricaçã‡; he ultimamente auctorizado com Laimundo de Ortega, Pedro Alladio, o Mestre Menealdo, Angelo Pacence, e outros, cuja reputaçã foi de taõ pouca importancia mesmo naquelle tempo, que apezar da credulidade cega e abandono da critica que entã reinava§, naõ pode sobre viver ao seo apparecimento.

Com effeito nas Hespanhas, aonde o dominio commum com Portugal fazia mais faceis as communiçõens literarias, naõ se achaõ Escriptores que seguissem a Brito em documentar os factos com os auctores á que elle parece haver dado a primeira existencia. Os mesmos, que adoptáraõ, como verdadeiros escritos, as invençõens de Higuera, e que tiveraõ pretençõens de os sustentar como genuinos, quaes foraõ D. Lourenço Ramires, Joã Calderon, Joã Tamaio, o Conde de Mora, e muitos outros,

* Resend. Epist. ad Barthol. Quebedum.

† Vasæi, Chronicon, pag. 5.

‡ Foi no fim do Seculo XV., em que os Principes tinhaõ em grande apreço os Manuscritos raros, que Annio, ou Joã de Agni, mandou de offerta a collecção informe dos Escriptos de Berozo, &c. aos Reis Catholicos Fernando e Izabel, como preciosidade que lhe havia trazido á Genova hum Monge Armenio. Vej. Barr. Cens. Nos fins do Seculo XVII, taõ bem se achou em Paris na Bibliotheca Real esta collecção Mss. de Annio. Vej. Cammusati, Observat. in Bibliothec. Ciaponii, pag. 914.

§ Nicol. Ant. Bibliothec. Tom. II. pag. 65.

nem huma vez se lembráão dos novos Codices, que Brito publicou como testemunhos authenticos. Entre tantos e taõ credulos escriptores apenas achamos Fr. Amador Arraes, que no Dialogo da Gloria e triumpho dos Lusitanos faça mençaõ de Laimundo. Com tudo, o amor da verdade nos faz considerar, que não he possivel arguir com exactidaõ a Fr. Bernardo de Brito, que elle fosse o auctor da inscripçaõ, que no seo tempo se lia neste Codex, hoje no Catalogo dos Mss. de Alcobaça conhecido debaixo do numero 353; pois constando por Vaseu, que no seo tempo se achavaõ notas marginaes nos Codices de Alcobaça, e citando elle positivamente as de hum Codex, como mais eruditas, accrescenta, que haviaõ sido feitas por hum Monge de huma liçaõ vasta, e que se tinha servido de monumentos, relativos ás Hespanhas, muito mais antigos do que aquelles que nesse tempo se encontravaõ. Como houvesse pois muitos Monges, ou que faziaõ notas marginaes nos codices existentes, ou que os transcreviaõ de Codices mais antigos para hum character mais legivel, não ha difficuldade em julgar, que a imputaçãõ feita a Fr. Bernardo de Brito não se possa accommodar a qualquer outro*.

Com effeito não era particular ao tempo de Fr. Bernardo de Brito a má fé, e dolo na fabricaçãõ de Titulos ou Documentõs antigos, como se tem manifestado pelas indagaçoens eruditas†, que pela diligencia da Real Academia das Sciencias se tem empregado no importante trabalho de examinar os Arquivos deste Reino. Devendo-se mui particulares obrigaçoens por este motivo aos Senhores João Pedro Ribeiro, e Joaquim de Santo Agostinho e

* Manoel de Faria e Souza assevera, que Fr. Bernardo de Brito não fôra quem descobrio Laimundo, mas que *hun Religioso grave, d'outo yanciano affirmó com juramento á Diego Lopes de Souza, Conde de Miranda, que el, e nõ Fray Bernardo, havia descubierto este auctor, y se le communicó, y a un dió a entender en algunos lances.* Prolog. da Europ. Portug. pag. 7.

† Observaçoens Diplomaticas, Part. I. Observaç. 2. pag. 59. E resposta ao Exame Critic. Sobre a Memor. Acad. á cerca dos Codices MM. e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça, pag. 14. e 15.

Brito, os quaes, reunindo ao amor e zelo da verdade grande intelligencia, e pratica em descobri-la, tem adquirido incontestaveis direitos ao reconhecimento dos presentes e dos vindouros. Assim muitos documentos, que Fr. Bernardo de Brito produzio de novo para authenticar imposturas, tanto na Chronica de Cister como na Monarquia Luzitana, não podem decididamente determinar o nosso juizo em lhe suppor-mos ou o defeito de credulo, ou o crime de falsario. Entre outros se deve ao meo ver contar a celebre carta de Doação d'El Rei D. Fernando de Leaõ ao Mosteiro de Lorvaõ na Era de 1102, que apezar de haver sido publicada por Brito pela primeira vez, se achava de longo tempo conservada no Arquivo de Lorvaõ, como consta da Carta de Confirmação d'El Rei D. Sancho I., que no mesmo Arquivo se conserva, e que parece carecer de toda a suspeita*.

Talvez de antiga data sejaõ taõbem as fabulozas Historias da Fundação de Lorvaõ em vida de S. Bento, e das Façanhas do Abbade Joaõ de Montemor, ainda que ampliadas e fantasticamente engrandecidas pelo ornato declamatorio de Brito; pois que esse seo costume se manifesta da annotação, que do seo proprio punho ainda existe no Arquivo de Arouca na Historia Mss. da fundação daquelle Mosteiro†. O livro dos Testamentos de Lorvaõ‡ mostra, que Fr. Bernardo de Brito teve modelos para imitar quando se propoz a fabricar Documentos, que o respeito á verdade nos faz reconhecer como Apocryfos; e que nenhuma outra desculpa pode ter Brito mais do que o contagio da imitação do que havia observado nos mais antigos Arquivos do Reino,

* Observações Diplom. Part I. Observaç. X. Artig. V. pag. 142. em Nota. Eu com tudo seria de parecer que esta confirmação se deva antes attribuir ao tempo de D. Affonso II., quando o Mosteiro e as suas rendas foraõ confiscadas em razão da parcialidade pela Rainha D. Thezeza de Leaõ, e a mesma confirmação forse fabricada para fazer patente a differença de piedade entre El Rei D. Sancho e seo Filho.

† Resposta ao Exame Critico, pag. 14.

‡ Idem, pag. 15, nota 53.

e no exemplo dos contemporâneos, com quem se achava ligado pelo mesmo genero de estudos e de imposturas, quaes eraõ Lotizada e Higuera.

Assim entre os Documentos, que se podem racionavelmente attribuir á fabricaçãõ de Fr. Bernardo de Brito, daremos primeiramente a carta de sugeiçãõ e Feudo d'El Rei D. Affonso Henriques á Santa Maria de Claraval. Este Documento, ainda que apoiado pela auctoridade de Brandaõ*, e dos Maurenses†, e reputado como existente assim em Alcobça como em Claraval, he de taõ notoria falsidade, que ninguem o poderã reconhecer como verdadeiro á vista dos justificados fundamentos, com que o contraria o Senhor Joãõ Pedro Ribeiro no Appendix á primeira parte das suas Observaçõens Diplomaticas, e que nõs aqui omittimos, persuadidos que elle nõ tardará em publicallos. Mas verificando-se da leitura do Documento, que o intento do seo auctor era engrandecer e assegurar a posse dos bens‡, que possuia o Mosteiro de Alcobça, a suspeita da fabricaçãõ poderia recahir sobre qualquer outro Monge aquem movesse o mesmo zelo, se Brito nõ houvesse adquirido contra si as maiores prezumpçõens á este respeito, assim pela propria confissãõ de ter composto a Inscripçãõ do Arco da Memoria, que elle refere na Chronica de Cister§, como pela conhecida

* Monarq. Lusit. Part. III., Liv. 10. Cap. 12.

† Art de verifier les Dates, 3. Edit. Tom. I. Dissert. Prelim. Part. I. § 10, pag. 19.

‡ Eis aqui a passagem interessante para Alcobça da supposta Carta de Feudo e Sugeiçãõ á Claraval: *Si vero contigerit per nostrum dominium aliquem ejusdem Monasterii et Ordinis prefati intrare vel transire, vel Monasterium inibi construxerit, personæ et res talis Monasterii sub tutela et patrocinio Regis erunt taliter quod a nullo possint molestari, inquietari, perturbari, vel a suis bonis defraudari: quod si contingat, in pristinam libertatem restituantur, quacumque hora temporis vel momenti in majori commoditate id fieri quiverit. Qua propter bona talium Monasteriorum erunt tanquam bona Regalia, et illis erit Regi eadem cura, quam de suis debet habere. Si vero Rex aliquis vel Tironus, (quem de henbis vestris futurum non credimus) prefatas personas molestaverit, seu illarum bona surripuerit, &c. Chronic. de Cister, liv. 3. cap. 5. pag. 253. e 254, Edic. de 1720.*

§ Ibid. Cap. 18. pag. 314.

impostura da carta de S. Bernardo á El Rei D. Afonso Henriques com a profecia comminatoria de fazer dependente a sorte da Monarquia da integridade das rendas de Alcobaça* ; carta, que á nenhum outro pode ser attribuida em razão das circumstancias, judiciosamente observadas pelo Senhor Joaquim de Santo Agostinho Brito Galvão nos escriptos ja citados. De poem tanto na verdade contra a boa fé de Fr. Bernardo de Brito o espirito e a letra desta celebre carta, que não seraõ de maravilhar quaesquer outras imposturas, de que se lhe possa fazer cargo. No mesmo Fr. Antonio Brandaõ†, em quem o amor da verdade podia mais que o contagio do tempo, e os exemplos domesticos, se descobrem opinioens não mui alheias de taes sentimentos, pois que a auctoridade parecia have-los entaõ consagrado á virtude. Não he muito assim que Fr. Bernardo de Brito, de hum character mais ouzado, e de huma força de locução propria a ganhar sobre os espiritos aquelle ascendente, que quasi lhe tornava imperdoaveis os sacrificios, que de continuo fazia dos interesses da historia aos enfeites, e ao fabuloso do Romance, seguisse taõbem o impulso do tempo, conhecendo-se com forças mui sobejas para auctorizar qualquer embuste, que ou o espirito de corporação, ou talvez o amor da Patria imprudentemente lhe dictassem.

* Ibid. Cap. 20. pag. 324.

† Monarq. Lusit. Part. IV. Liv. 13. Cap. 8.

(Continuar-se-ha.)

MEMORIA,

(Remetida de Lisboa em data de 27 de Fevereiro, 1814.)

SOBRE A EXTINÇÃO, E SUPPRESSÃO DAS

ORDENS RELIGIOZAS,

SUA NECESSIDADE ECCLESIASTICA, E CIVIL*.

Quis enim nescit partes Doctoris esse vitia, ac errores indicare et impugnare, superiorum vero eradicare?

Van-Espen. Vindic. Dissert. Can. de peculiarit. & sim, Cap. 1. §. 6.

ARTIGO I.

ORIGEM DAS ORDENS RELIGIOZAS.

MONGES.

Levando as vistas ao longe, consultando os annaes d'antiguidade, e os Escritores, que tem exposto os il-

* As grandes convulsoens politicas, a que o mundo está sujeito de quando em quando, bem como aos fisicos movimentos, que abalaõ a terra, constituem a epoca a mais propicia para as grandes emprezas, e grandes reformas; o dia sereno faz apparecer o homem em toda a parte; o tempestuozo faz esconde lo na propria caza; a novidade, que he inherente á reforma, que fere a imaginação, e o espirito do reformado, não pode fazer taõ grande abalo na epoca, em que sua alma esta occupada com tantos, e tao grandes objectos, que lhe roubaõ a attenção: por outro lado, o espirito acostumado a observar as mudanças no tempo da convulsão politica facilmente recebera esta, ou aquella abolição. Quem lançar as vistas aos annaes dos feitos illustres observará muitas vezes, que huma justa reforma, huma total abolição, que levou tantos trabalhos, e lustros no tempo, em que os povos gozavaõ podre, e serena paz, foi effituada no meio d'huma convulsão politica á primeira voz do reformador.

Tal he a epoca, em que escrevo a minha Memoria, tal he a epoca, em que vou incutir ao mundo a abolição das ordens Religiozas, empreza digna do seculo 19, que honrará a humanidade, e dará ao meu paiz tantas

lustres feitos da Igreja, não acho hum ponto fixo, e certo d'origem e estabelecimento do Monacato: nas celebres seitas dos Philosophos antigos querem huns achar a primeira origem dos Monges, que as imitamão; outros vaõ revolver a funesta historia das perseguiçoens, que a Igreja soffreo*, e ahi dizem elles que

utilidades, e prosperidades, que lhe tem sido roubadas, empreza projectada, ja de tempos antigos, pelas mais habeis pennas do mundo, entre as quasi se pode contar hum D. Luiz da Cunha, cujo politico ainda que parece ter em vista no seu testamento huma parcial redução, com tudo as palavras, que vou referir d'este grande Ministro d'Estado, daõ bem a entender que elle julgava obra digna da mão de Mestre a total extincção das ordens.—“... Diminuindo-se os frades, e as freiras crescerião os cazamentos, e por consequencia os povos, tanto como entre as Naçoens, onde não ha esta casta de gente inutil ao Estado.” *Investig. Portug. em Inglat. Vol. 5. pag. 560.*

Se o grande Cunha não fallou em termos mais decisivos, talvez isto fosse devido as circumstancias do seu tempo: quem diz coiza inutil, diz tudo. Sociedades inuteis, na boca d'hum politico não podem existir. Em tempos milhores dice hum grande Ministro, e luminoso politico Portuguez, quando se lhe participaraõ os traços desta Memoria,—*Mecum sentit, et Jove judicat æquo.*

Eu bem sei que esta Memoria hade fazer grande estrondo no meio de tantos Monges, e Mendicantes, que Portugal, e alguns paizes mais conservaõ ainda em seu recinto com o claro prejuizo do Estado, e dos seus mais interessantes ramos. A voz do fanatismo se levantará talvez contra mim; porem seu eco não passará de meia duzia d'homens, que confundindo a Religião d'hum Christo com as Ordens Religiozas, não conhecem a necessidade d'aquella, e a indifferença d'estas: eu arrostarei com hum inimigo dos peiores, que veio ao mundo, e mostrarei, que as chamadas ordens Religiozas devem ser abolidas; porque, não tendo nem a sombra d'instituição Divina, e sendo pezadas a Religião, ao Estado, á sua população, devem ser destruidas de prompto para beneficio da humanidade. Praza aos Ceos que a minha voz chegue ao Throno! Ouça elle de bom grado o grito da razaõ: a minha penna triunfara, apezinhando as vis armas desse destruidor fanatismo.

* Tem recorrído os sabios antigos, e modernos a outras conjecturas para achar a verdadeira origem d'estabelecimento Monacal; porem são mais verosimeis as duas apontadas, e por isso só á ellas deve prestar-se attençaõ. Nas primeiras epochas Philosophicas encontraõ-se sabios, que passaraõ huma vida solitaria, e meditativa, bem semelhante aquella, que abraçaraõ os primeiros Ermitas. Nas tres celebres escolas, Ionica, Italica, e Eleatica achão-se exemplos d'illustres Philosophos, que, dezamparando as povoaçõens buscaraõ o ermo; onde consumiraõ os seus dias, não comendo mais do que as simples ervas, que os campos lhes offerenciaõ. Pythagoras, primeiro Philosopho da escola Ionica, foi hum verdadeiro amante da vida solitaria, e pela força do seu systema não provou outro alimento, mais do que as simples ervas. Anaxagoras, Philosopho da segunda seita adoptou o mesmo modo de vida solitaria: mais celebre exemplo nos offerrece o digno Philosopho da terceira seita, Democrito, o qual amou com tanto excesso, e rigorismo a vida solitaria,

encontraõ a decisiva origem d'hum tal estabelecimento.

Gravissimos Escriitores, olhando para o procedimento dos Christaons na epoca das suas perseguiçoens, tem feito mais decisiva, e proxima a verdade a segunda opiniaõ: elles vem que horrorosa perseguiçaõ d'hum Decio*, os amantes da Cruz buscaõ as grutas, e covas da Thebaida, e que, encubertos pela sombra da solidao, escapaõ á raiva Deciana, e continuaõ n'adoraçãõ do verdadeiro Deus; hum tal factolhes faz marcar a origem da vida Monastica.

Este modo de vida abraçado pelos Christaons do meio do seculo 3.†, olhado pelo preceito da razaõ, e do Evangelho, não podia deixar de ser continuado, e seguido; o natural direito de conservar a vida, e as maximas Evangelicas tornavaõ louvaveis as fugas dos Christaons dos imminentes perigos das frequentes perseguiçoens; este era o unico remedio d'escapar ao martyrio, com que todos os dias era coroado hum in calculavel numero de Christaons‡.

e de contemplaçãõ, que, para bem a gozar, julgou conveniente privar-se da vista pelas suas proprias maõs.

Muitos Philosophos das escolas antigas adoptaraõ o systema de viverem em commum, ajudando-se mutuamente; taes foraõ os asseclas de Pythagoras, que tinhaõ certas habitaçoens reconditas, onde se ajuntavaõ, e se protegiaõ huns aos outros. Des Landes histoire critique de la Philosophie, Lib. 3. Cap. 14. No. 2.

* Este monstro, a quem o grande Lactancio chama detestavel animal, veio ao mundo pelo meio do seculo 3, e com elle appareceo a 7 perseguiçaõ da Igreja; he entãõ que os historiadores nos dizem que muitos Christaons do Egypto, fugindo da raiva de Decio, vaõ buscar as covas da Thebaida, e, vagando pelos montes, gozaõ dos commodos da solidao.

† Esta he a epoca da origem dos Monges, marcada pelos mais graves historiadores das antiguidades Ecclesiasticas, e abraçada pelos modernos; daqui partem os primeiros estabelecimentos Religiozos.

‡ Quem consultar a medonha historia das perseguiçoens da Igreja verá com assombro a immensa mortandade dos Christaons n'esses dias de terror. A 10 perseguiçaõ do tempo do cruel Diocleciano offerece os mais pasmozos exemplos da raiva Pagaa contra os Christaons; em hum so dia fez morrer aquelle Despota dezeseite mil Christaons; e só o Egypto foi testemunha da morte de cento, quarenta, e quatro mil, que no seu recinto se perpetrou: o que fez dizer a Sulpicio Severo, que o mundo se tingio com o sangue dos Martyres.

§ Esses Ministros, que tem decretado as perseguiçoens, uzassem da razaõ clara, e não offuscada por huma paixãõ brutal, teriaõ conhecido

Se as perseguições naquelles dias funestos buscavaõ por todos os lados, e por todos os meios* aos verdadeiros amadores da Cruz, o ermo, unico asylo do perseguido Christaõ, devia ser cada vez mais appetecido, e apreciavel; até era mui natural, que, acabado o calor da perseguição, aquelle homem, que havia procurado o dezerto, como seu unico apoio, ficasse n'elle permanecendo.

que ellas trazem com sigo o augmento da seita perseguida: esta proposição, que se vê realzada nesses tristes annos dos homens perseguidos, he apoiada em os solidos principios do raciocinio, e combinação; as faculdades intellectuaes tem huma direcção propria da sua natureza, que só ella as deve, e pode proveitosamente guiar, vem a ser, a persuasão, os discursos, e conferencias judiciosas, que fação aclarar a verdade, e entrar no seu conhecimento aquelle, que d'ella se tem apartado; eu sou inflexivel, (dizia hum homem grande,) quando quero convencer-me por ameaças, e authority, mas dezarmão-me quando pertendem levar-me por doçura. A perseguição, banhando o corpo em sangue, jamais pode illustrar a alma, mas só cauzar-lhe terror e susto: este pode fazer a mudança do homem no externo, porem seu coração será sempre o mesmo.

Sendo certo, que a perseguição produz os dois effeitos, a obscuridade d'alma, e terror, he taobem certo que o perseguido hade considerar a Religião do que o persegue falsa, e de sangue: n'esta situação do seu espirito será mais facil subir o patibulo, ou fazer-se hum hypocrita, do que abraçar a Religião d'aquelle, que o persegue; vulgarizada esta consideração mui previa, e natural, augmentada com o exemplo dos perseguidos, o numero d'estes será cada vez maior; he por isso que nós vemos no terror das maiores perseguições da Igreja novos Martyres arrostarem com a morte no meio do martyrio, que outros soffrião; he por isso que no meio dos Palacios, onde se lavraraõ os barbaros decretos da perseguição, apparecião Ministros, e confidentes, que vinhaõ a ser victimas dos mesmos decretos; tal heo cunbo, que traz com sigo a perseguição.

Se os homens do Paganismo tivessem por guia a luz da Religião natural teriaõ entrado no conhecimento da verdadeira Religião positiva, e revelada, e não haveriaõ derramado tanto sangue, de que se resente ainda toda a humanidade. S' os felizes homens do Evangelho, cujo claraõ tanto os illustrou, e fez conhecer a grande differença do Philosopho do Paganismo ao Philosopho Christaõ, tivessem seguido a vereda inculcada, e mandada pelo Divino Author, não haveriaõ apparecido o tremendo sacco, e a solemne fogueira, que, tendo a origem no seculo 13, fez os seus maiores progressos na Hespanha, nos famosos dias dos fanaticos, e cruéis Torquemada, e Valdez, opprobrios da mansa Religião d'hum Christo, unicamente verdadeira; não teriaõ apparecido esses tristes contrastes, actos de Fé combinados com o Evangelho, que ainda hoje fazem bramir a humanidade, e a Religião.

* Não escapavaõ aos Pagaõs todos aquelles meios, de que podiaõ aproveitar-se para accender a colera dos seus Imperadores contra os Christaõs; os maiores acontecimentos funestos, os incendios das cidades, e dos Palacios Reaes foraõ falsamente attribuidos aos Christaõs para augmentar o fervor das perseguições.

S' o ermo tinha sido o triumpho do Christão no meio da morte, que por todos os lados o cercava, dois grandes motivos o obrigavaõ, e moviaõ a conservar nos dias mais serenos a solitaria vida, que havia abraçado nos tenebrosos tempos das perseguiçoens. Como ellas eraõ mui frequentes, acalmada huma, seguia se outra, este receio devia fazer conservar o Christão na sua atalaya, e apoio de vida; por outro lado a doçura da solidão, que sempre he grata ao desventurozo, e infeliz, devia arraigar-se n'aima do Christão, que, considerando-a como a sua libertadora, não podia deixar de conserva-la, e aprecia-la, como mais propria naquelles dias, para meditar, e amar o verdadeiro Deus*.

ARTIGO II.

PROGRESSO DA VIDA MONASTICA.

Estabelecida assim pelo meio do 3 seculo a vida solitaria, tendo por berço o Egypto†, rapidamente se foi estendendo pelo Oriente‡, penetrando pela Ethiopia,

* He natural no homem perseguido odiar, o sitio da perseguição, e amar com extremo o retiro, que lhe servio d'asylo. Paiz, que me viste nascer, tu não és minha Patria; (dizia hum homem sabio,) porque me perseguiste. Esta verdade não necessita ser demonstrada, ella he deduzida facilmente dos principios do verdadeiro amor, e gratidão.

† Paulo, e Antonio saõ os dois mais illustres Egypticos, que deraõ o exemplo da vida solitaria, e meditativa; estes podem ser considerados como os seus primeiros chefes. Paulo foi taõ amante, e rigido observador da vida solitaria, que nos asseveraõ os historiadores antigos, que, vivendo 113 annos, passou quazi os 90 no dezerto, e no ermo do Egypto, sendo visto só por Antonio, a quem se descubrio nos fins da sua vida: este, amante da solidão, como o primeiro Eremita Paulo, patenteou-se no dezerto, onde ajuntou discipulos, com quem meditava, e orava, e por isso pode ser considerado o Pay dos Monges, e d'elle trazem o seu nome.

* Ainda que os annaes d'antiguidade nos certificaõ que Santo Antonio tivera discipulos, e sectarios da vida solitaria, com tudo não nos consta que houvesse forma alguma de vida commum, ou estabelecimento de Mosteiro, nem hum tal facto era practicavel naquelles funestos dias da perseguição; Pachomio foi o primeiro, a quem se deve hum tal estabelecimento, favorecido pelos dias mais serenos, devidos a Constantino

Persia, e chegando até nos Indios, tal foi o feliz successo d'aquelle vida adoptada pelos Povos orientaes.

Em quanto se passava isto no oriente, principiava taõbem a espalhar-se pelo occidente a solitaria, e Monastica vida; porem diverso successo teve hum tal estabelecimento entre as Gentes Occidentaes; quasi no meio do 4. seculo principiavaõ ja estes Povos a aborrecer a vida Monastica, reputando-a nova, vil, e ignominioza; este máo successo, que logo no seu principio soffreo a vida Monastica no Occidente, foi em breve tempo remediado pelos merecimentos, e virtudes do Grande Athanazio, que, levando á Italia aquelle modo de vida, fez com que a mesma triunfasse no meio do desprezot.

Magno, edificou na Thebaida certos Mosteiros. A falla de Sto. Antonio a Saccheo, discipulo de Pachomio, mostra elegantemente a verdade d'este facto; diz aquelle primeiro Pai dos Monges "Quo ego primum tempore monachum capi agere, nullum uspiam exstabat canobium, in quo de aliorum salute cura aut metus cuiquam erat; sed quisque antiquorum monachorum persecutione jam finita privatim in vita se se monastica exercebat. Postea vero pater vester, tantum bonum, Deo adjuvante, effecit." Act. Pachom. cap. 77. Papebroc. d. 4. Maü. Seguiraõ se a Pachomio outros muitos, de maneira que em breve tempo por todo o Oriente se espalhou a vida Monastica; hum taõ grande, e rapido augmento hé devido em parte ao regulamento de S. Bazilio, pelo anno 363, o qual foi o primeiro, que trouxe a vida Monastica ao meio da Sociedade, e das grandes povoacoens, e hé de fé historica que só o Egypto pelos fins do seculo 4. contava mais de se tenta, e seis mil Monges.

† S. Jeronimo na carta 24 escrita a Paula, quando lhe falla do sentimento dos Romanos para com os Monges, explicase d'esta forma. "Quos que genus detestabile monachorum urbe non pellitur?" He de fe historica que a vida Monastica no occidente teve bem diverso acontecimento d'aquelle, que obteve no oriente; quasi pelo meio do 4. seculo os Romanos a aborreciaõ, considerando-a sordida, detestavel, e digna de desprezo pela sua novidade; o diverso conceito d'esta vida, e do seu triumpho hé devido a hum Sto. Athanazio, que, levando a Cidade de Roma a vida de Sto. Antonio, pela sua virtude, e grande erudiçaõ, tornou agradavel o que era aborrecido pelos Romanos.

As Regioens Occidentaes contaõ taõbem entre os homens illustres, que promoveraõ, e augmentaraõ muito a vida Monastica, a S. Martinho de Tours, e ao celebre Cassiano; aquelle Sto. Varaõ foi o primeiro que fundou Mosteiro na França, este homem douto emprehendeo grandes viagens aos dezertos do Egypto, e da Syria, vizitou os seus Monges, aprendeo os seus costumes, e admiravel vida: instruido nas disciplinas Monasticas orientaes propagou-as nas Galias, e deixou os mais bellos escritos, e as mais largas noticias sobre o assumpto Monastico, que o leitor ponco mais tem a dezejar.

ARTIGO III.

PRIMEIRA DECADENCIA, E RESTABELECIMENTO DA VIDA
MONASTICA.

A vida Monastica, tão celebre, e tão exemplar naquelles dias, bem depressa s'apartou do seu primitivo lustre; a historia do seculo 5. nos offerece os feitos da maior indignidade perpetrados pelos Monges d'esta época.

Hé huma maxima seguida entre mui celebres Escritores, que os bons estabelecimentos, quantos mais seculos contaõ, tanto mais s'affastaõ do seu primitivo esplendor, maxima, filha da grande m'estra (a historia,) que nos mostra nos nossos dias as diversas faces d'esses respeitaveis regulamentos d'antiguidade.

S'os Monges n'esses Seculos da sua origem, 3., e 4., só apresentaõ modelos de virtude, e heroismo, d'huma perfeita, e unica adhesaõ, e aferro á vida, que abraçaraõ; s'esses Monges são ainda o objecto das nossas delicias, e da nossa admiração, o Seculo 5. faz murchar todas as virtudes, e todo o esplendor dos Philosophos Christaõs; admirados nos primeiros dias da sua existencia attrahiraõ logo a reprehensaõ universal d'haverem inteiramente degenerado da sua antiga regularidade.

S'o oriente apresenta hum triste aspecto, o occidente faz estremecer, e horrorizar o leitor, quando passa pelos olhos as funestas paginas d'esses tempos; as publicas calamidades, que arruinaraõ, e devastaraõ o occidente n'este seculo, perderaõ de todo os Monges "a deo ut monachus in monachu vix adgnoscas" como s'explica hum grande canonista moderno*.

Eu apresento ao publico hum breve quadro tra-

* Ill. Cavallar. institut. Jur. Canon. tom. 2. pag. 1. cap. 36. § 16.

çado por huma penna douta, e bem Catholica, que fará ver o pouco excesso da minha lingoagem a respeito do perverso procedimento dos Monges do Seculo 5. : he o conego d'Auxerre, o grande Abbade Ducreux, que eu transcrevo n'este lugar ". Monges inquietos, ignorantes, e sediciozos, que corriaõ em multidaõ, e perseguaõ publicamente aquelles, que o seu zelo fanatico os fazia ter naõ como irmaõs, que deviaõ encaminhar com mansidaõ, mas como inimigos, que deviaõ perder ; taes saõ os tristes, e novos objectos, que a historia nos apresenta n'este seculo." " Os Mosteiros se multiplicavaõ por toda a parte, porem a profissãõ Monastica, que em fim naõ era mais que huma instituicaõ humana, degenerava doque tinha sido nos seus felizes principios. Os Monges entravaõ nas cabalas, intrometiaõ-se nos negocios da Igreja, procuravaõ ambiciosamente as dignidades, queraõ isentar-se da authoridade dos Bispos, occupavaõ-se em questões Theologicas, e sustentavaõ com grande ardor as opinioens, que tinhaõ adoptado ; viaõ-se em grande multidaõ pela cidade Imperial, e outros lugares, causando desordens, e confusaõ nas Assembleas Ecclesiasticas. Estas desordens eraõ taõ communs, que o Imperador Marciano julgou ser conveniente propor ao concilio de Calcedonia entre outros Regulamentos de Disciplina hum pelo qual se prohibisse edificar Mosteiro algum sem consentimento do Bispo do lugar, e se ordenasse que todos os Monges das cidades, e campos fossem sujeitos ao Bispo Diocesano. A escandalosa sublevaçãõ dos Monges da Palestina contra o Patriarca de Jerusalem, e outros Bispos d'aquelle continente, prova quanto era necessario este regulamento. Os Monges de Lerina, cuja regularidade passava portaõ edificante, suscitaraõ taõbem pertençaõs contra o Bispo de Arles, dequem dependiaõ, e foi necessario que hum concilio (o quarto de Arles, que se refere a 460) affirmasse por meio d'huma decisãõ canonica os direitos do Superior Ecclesiastico sobre este Mosteiro*."

* Hist. Ecclesiast. Secul. 5. art. 7. trad.

Depois d'este terrivel, e vergonhozo estado de corrompidos Monges, hé que appareceo no mundo o grande S. Bento no Imperio do Legislador Justiniano; a regra d'hum taõ illustre varaõ deo novo esplendor á vida Monastica decahida; o Occidente vio com gosto, e admiração nascer no seculo 5. hum homem, que, emendando a perversidade, e ignorancia dos seus Monges, deo os mais bellos ensaios Monasticos, que fazem lembrar a perfeição dos primeiros Ermitas*.

A regra de S. Bento voou rapidamente por todo o Occidente, e foi tal o seu applauso, que naõ só foi abraçada pelos novos Mosteiros, mas taõbem pelos antigos, que, deixando os seus institutos, adoptaraõ o do Patriarca dos Monges Occidentaes†.

Depois d'huma queda fatal da ordem Monastica, e do seu restabelecimento, seguem se outras muitas, que a minha penna vai escrever nos breves rasgos, que huma Memoria permite.

* S. Bento, grande conductor dos Monges Occidentaes, veio ao mundo pelos annos 480: tendo vivido em huma gruta, quarenta milhas affastada da Cidade de Roma, por espaço de 3 annos, na companhia de Romano, Monge assim chamado, foi rogado por certos Ermitas para servir de seu Abbadé, e Regente: o premio das suas regularidades, que elle pretendia estabelecer entre aquelles voluntarios surditos, (foi o veneno;) este, entornando-se destaça, que se quebrou no acto, em que lho deraõ a beber, fez reservar a vida ao Sto. Varaõ para fundar o celebre Mosteiro do Monte Cassino, situado em huma montanha do antigo paiz dos Samnitas, hoje entre Roma, e Napoles, em cujo Mosteiro morreo pelos annos 543, deixando famosos, e esclarecidos discipulos, que espalharaõ pela Europa a sua doutrina.

† Tinha S. Bento formado a sua regra só para servir de guia, e instituto aos Monges do Monte Cassino; porem, ou pela novidade, ou pelo bom espirito d'aquelle regulamento, elle se generalizou pelo Occidente, e foi tal a sua voga, que muitos concilios, principalmente d'Alemanha decretaraõ, que nenhum Mosteiro tivesse outra regra mais doque a de S. Bento, e Carlos Magno em huma respeitavel Assembleia composta de Bispos, Abbades, e Grandes do seu Imperio, que se ajuntou pelos annos de 811, poz a seguinte questãõ "utrum aliqui Monachi esse possent præter eos qui regulam S. Benedicti observant." Capitul. 11. Baluz. tom. 1. Col. 479.

ARTIGO IV.

SEGUNDA DECADENCIA, E RESTABELECIMENTO DA VIDA
MONASTICA.

Eraõ passados quazi trezentos annos depois da morte de S. Bento, era chegado o Seculo 9., quando os Monges principiavaõ a decahir novamente, affastando-se da regra, que aquelle Patriarca lhes havia dado; a multiplicidade de Mosteiros, a independencia huns dos outros, as riquezas, que elles começaraõ a adquirir, e o fausto, que trouxeraõ aos Monges, que desde entãõ s'occuparaõ na formatura de grandes, e soberbos edificios, pozeraõ em esquecimento, e desprezo os preceitos de S. Bento.

A estas novas calamidades foraõ novas reformas os remedios applicados n'aquelles dias; o braço Imperial tomou parte n'elles; hum Monarcha sabio, e piedozo tentou reduzir os Monges ao esplendor do seu Patriarca; foi o grande Luiz Pio, filho de Carlos Magno, que entregou este importante negocio a S. Bento d'Aniane, varaõ illustre pelo nascimento, e ainda mais pelas suas virtudes, e sabedoria; o celebre regulamento d'Aquisgran, feito pelos annos de 817, no principio do governo d'aquelle Imperador, ás instancias do Sto. Aniane, e pelo conselho de muitos Abbades, foi a nova, e pura estrada, por onde se encaminbaraõ os Monges corrompidos, que seguiaõ huma estranha, e não conhecida vereda*.

* S. Bento d'Aniane, este novo conductor dos Monges viveo no Seculo 8., e 9. das Igreja: tendo nascido d'hum Conde, e seguido as honras do seculo deixou estas para abraçar a vida Monastica, de que foi o seu illustre reformador na queda, que os Monges haviaõ dado depois da celebre regra de S. Bento; posto a frente de todos os Mosteiros da França por Luiz Pio delineaõ a reforma d'Aquisgran, compilando, e unindo em huma só as antigas regras dos Patriarcas dos Monges para servirem de supplemento á regra de S. Bento.

ARTIGO V.

TERCEIRA DECADENCIA, E RESTABELECIMENTO DA VIDA
MONASTICA.

Ainda não era passado o seculo da reforma, apenas se contavaõ alguns lustros, ja appareciaõ novas maldades, e torpezas nas sociedades Religiozas; no fim do 9. seculo, e principio do 10 estava quazi extincta a disciplina Monastica; os Mosteiros, que outrora tinham sido o asylo da piedade, e o deposito d'huma vida santa, se converteraõ em conventos de vicio, desordem, e corrupção; os seus Monges n'esta desditoza época da Religião s'entregavaõ a todo o modo de vida profano, tumultuozo, e dissoluto; no seio do publico se perpetravaõ as maiores indignidades, e escandalos por aquelles, que deviaõ ser o exemplo, e modelo da virtude.

As invazoens dos Normandos, as calamidades, e destruiçoens, que elles trouzeraõ ao Imperio Francez, perderaõ os Monges, que abraçando seus costumes, acharaõ no meio da commum desordem hum vasto campo, que favorecia os seus dezejos, e suas carnaes paixoens.

N'este deploravel estado de coizas não se desprezou a tarifa antiga; o methodo seguido nos seculos passados foi aquelle, de que se lançou mão; a voz da reforma troou novamente aos ouvidos dos piedozos; hum braço poderozo formou n'este seculo, bem como no passado, os primeiros traços da reforma; hé ao Duque d'Aquitania, varaõ cheio de piedade, e grandeza, que o Occidente deve a repetiçaõ do antigo plano para a emenda dos corruptos, e depravados Monges do seculo 10: fundando pelo anno 910 o Mosteiro de Chini, deo o seu regimen ao Abbade Bernaõ, que com os seus successores restabeleceo a vida Monastica, recolhendo a tradiçaõ de mais

pura observancia da regra de S. Bento, que fez praticar no claustro reformado*.

* O facto, porque principiou a reforma Monastica do seculo 10, sendo curiozo, hé no mesmo tempo considerando importante na Literatura Ecclesiastica: eu copiarei aqui algumas linhas dos seus authores; "Guilherme, por sobre nome o Pio, Duque d'Aquitania, e de Berri, consagrou, ou, para melhor dizer, doou segundo o estylo do tempo, a sua terra de Cluni no Condado de Macon, e os bens a ella annexos, a S. Pedro, e S. Paulo com a condiçãõ, de que nella se fundaria hum Mosteiro da regra S. Bento, e que o Abbade Bernaõ teria a seu cargo o governo dos Monges, e a administraçãõ dos bens destinados para sua subsistencia. O auto d'esta fundaçãõ ainda existe, datado em 910, no qual se determina que por morte de Bernaõ, ficaria a arbitrio dos Monges a escolha de hum successor, sem que Potencia alguma ouse impedir-lha, e que os Apostolos S. Pedro, e S. Paulo seriaõ os protectores d'este estabelecimento.

"O Abbade Bernaõ, designado pelo fundador por primeiro superior d'este novo Mosteiro, descendia de huma das mais nobres familias de Borgonha. Logo na primeira idade abraçou a vida Monastica, e fundou a Abbade a de Gigni na Diocese de Leaõ, aquem dotou com suas proprias rendas. Ajudado por alguns pios, e sabios Religiozos, que escolheu do Mosteiro de S. Martinho de Autim, onde se introduzira havia pouco tempo a reforma de S. Bento d'Aniane, estabeleceo em Cluni a mais exacta disciplina. No principio houve somente doze Monges n'esta Casa. Os que vinhaõ sujeitar-se á obediencia, e direcçãõ do Santo Abbade, eraõ distribuidos em igual numero pelas outras Communidades, conforme a regra de S. Bento. Bernaõ os governou todos em sua vida; porem por sua morte lhes nomeou superiores particulares debaixo da authoridade de Othao, que de seus discipulos era em quem tinha maior confiança. Este ajuntou todos os Monges d'estas communidades, de que Cluni era a cabeça, e d'elles formou huma congregaçãõ. Cluni, dizem os sabios authores da historia Literaria da França, esteve alguns annos debaixo da direcçãõ de S. Odaõ para ser hum seminario de Santos, e huma das mais celebres escolas de toda a França. O Santo Abbade, entre os exercicios da penitencia, teve tempo para compor muitas obras, e mostrou com seu exemplo, que a verdadeira piedade naõ só hé compativel com o estudo, se naõ que para se conservar necessita muitas vezes d'elle. D'esta sorte ficou servindo de exemplar a seus successores até Saõ Pedro Mauricio, os quaes seguirãõ as suas pizadas, unindo a sciencia á santidade da vida. ... Em todo este Seculo houve muitos Monges, que com o claraõ de sua doutrina, e virtude dissiparaõ as trevas, que cegavaõ os homens do seu tempo. O suave cheiro da sua conducta trouxe a Cluni alguns Bispos. Huns, como Arcebispo Goraldo, hiaõ a ella edificar-se, e lá acabavaõ os seus dias; outros, como Turpiaõ, Bispo de Limoges, Prelado de distincta piedade, e eradiçãõ, hiaõ aperfeiçoar os seus conhecimentos." Ducreux lug. cit. secul. 10. art. 7.

ARTIGO VI.

QUARTA DECADENCIA, E RESTABELECIMENTO DA VIDA
MONASTICA.

A ordem de Cluni hé contada nos annaes Monasticos, como huma das mais celebres, que vantajosamente se propagou; todavia seu feliz successo trouxe a ruina ao Monacato. Ella foi formada debaixo de grandes auspicios, e começou logo com a doação do Duque d'Aquitania, tendo por Chefe hum varaõ taõ acreditado, e de conhecido merecimento, como S. Odaõ.

As virtudes d'este primeiro instituidor, e seus successores fizeraõ adquirir ao Mosteiro de Cluni a estima das primeiras personagens do mundo; a imitação de Guilherme d'Aquitania foraõ feitas immensas doações pelos Monarcas Christaõs, que, engrossando as rendas dos Monges Clunienses, os fizeraõ esquecer da santidade do seu estado, precipitando-os nas ruinas dos mesmos Mosteiros, da que tinhaõ sido reformadores.

Desfrutando pingues rendimentos s'embriagaraõ nos deleites do mundo de tal maneira, que no fim de dois seculos naõ havia entre os Monges de Cluni vestigio algum dos seus institutos, chegando a sua vaidade, e corrupção ao estado mais deploravel, e indigno da memoria d'Odaõ.

Repetio-se a mesma scena, apresentando-se no theatro da Religiaõ novos reformadores, que continuáraõ a ser protegidos n'esta empreza pelos primeiros Dignitarios do mundo. Passava quazi o seculo 11., quando appareceo o celebre Roberto de Molesme, Abade Benedictino, o qual, fundando o Mosteiro de Cister, fez restabelecer n'elle a regra de S. Bento no seu rigor, em reforma dos vicios, em que as riquezas tinhaõ feito tropeçar os Monges Clunienses; entre os conductores d'esta nova ordem de reforma hé contado como mais celebre o illustre S. Bernardo, de quem tomaraõ o nome os seus Monges: elle, e varios Irmaõs povoaraõ o Mos-

teiro de Cister, que estava a ponto d'acabar no seu proprio alicerce; este facto, as suas grandes qualidades, e virtudes fazem considerar o grande S. Bernardo, como o mais famoso reformador da disciplina Monastica do seu tempo*.

(Continuar-se-ha.)

* A fundação do Mosteiro de Cister hé devida á relaxação, em que as riquezas tinhão feito cahir os Mõges de Molestme na Dioceze de Langres. Roberto, e varios Religiozos d'esta caza se rezolverão deixa-la no dezamparo, procurando hum ermo, hum sitio retirado, aonde podessem imitar as virtudes Antoniaas, e praticar a regra de S. Bento, que elles tinhão abraçado no seu primeiro espirito, e esplendor. Hum bosque, distante cinco legoas de Dijon, sitio horrorozo, habitado pelas feras, foi o lugar aprazado para a fundação do Mosteiro, a que chamáráo de Cister, n ome que veio, segundo a tradiçãõ de muitos, de varias Cisternas, que os primeiros habitantes deste Ermo abrião para o seo uzo. Tendo sido fundado este Mosteiro pelo anno 1098, mereceo a protecção de Othao 1. Duque de Borgonha, que o fez concluir. O novo azillo que estes Mõges procuráráo para o exercicio Monastico, foi cultivado pela sua industria, e com o suor do seo rosto elles tiravaõ da terra os fructos para a commo-didade da vida; porem a rigorosa e austera pobreza, que abraçaraõ, os poz na triste situaçãõ de acabar a memoria de Cister, se a virtude do Grande S. Bernardo não fizesse conduzir a esses sitios trinta companheiros, de que foi chefe e guia.

SCIENCIAS.

Rogamos aos nossos Leitores desculpem o não lhedarmos neste No. a continuação da Memoria sobre os progressos das Sciencias; por que tendo felismente chegado á soluçãõ de hum dos maiores e mais celebres Dramas Politicos, que se tem representado no Mundo, e dezejando publicar todos os documentos mais interessantes desta grande Epochã, assim nos pareceo conveniente deixar maior espaço em o nosso Jornal para melhor poder-mos satisfazer a publica curiosidade.—Advertencia dos Redactores.

CONCLUZÃO DA MEMORIA SOBRE A VACCINA.

Continuada da pag. 219.

SEXTA QUESTAÕ.

He o poder preservatio da vaccina equivalente ao das bexigas, quer estas sejaõ naturaes ou inoculadas? Que consequencias se tem propriamente observado resultar de hum, e outro virus.

Todos unanimamente concordão, que a vaccina he hum preservatio das bexigas: e esta questaõ que no principio era de todas sem duvida a mais importante, ao nosso ver he agora meramente secundaria á varias outras, que temos exposto, e ás quaes parece-nos ja ter dado soluçãõ. Ao mesmo tempo devemos referir á esta questaõ muitas outras particularidades de grande momentosaes, p.ex, como a distincãõ entre a verdadeira, e falsa vaccina, as erupçoens que tem sido confundidas com as bexigas, o effeito que a introducçãõ da vac-

cina tem produzido nos livros dos obitos, as esperanças de eradicar o flagello das bexigas, ou de expelli-lo totalmente do mundo civilizado.

O poder preservativo da vaccina se pode comprehender debaixo de duas questoes. Huma destas podemos expôr da maneira seguinte: *Hum individuo depois de vaccinado, sendo posto em huma situação onde reina o contagio das bexigas, continuará exempto da infecção deste mal?* Esta questão não pode ser dissolvida senão por huma multidão de tentativas; e mesmo então não nos poderemos lizongear com huma certeza absoluta, mas somente com grãos de probabilidade proporcional ao numero de experiencias, que se tiverem feito para resolver a questão.

A outra questão he a seguinte: *He acaso impossivel que hum individuo que tenha tido a vaccina seja inficionado com as bexigas?* A experiencia não pôde decidir na affirmativa, quando a questão he assim exposta; porem huma unica observação he sufficiente para decidi-la na negativa. Se esta observação não existe, a questão necessariamente continuará insolúvel; por que a fim de a resolvermos he necessario que comprehendamos a natureza do virus vaccinico, e varioloso, todas as circumstancias que podem excluir ou motivar contagio, e as particulares disposições que impedem que individuos o adquirão: objectos estes que nós absolutamente ignoramos.

Por tanto nos devemos limitar á primeira destas questoes, e inquirir ate que ponto nos he licito confiar no poder preservativo da vaccina. Tal he a natureza da questão que se deve resolver. Nós julgámos necessario fixar a sua natureza com exacção, antes de principiar a collegir, como temos feito nas outras questoes, os principios positivos da sua solução. Vamos em primeiro lugar estabelecer a natureza dos factos, que devem constituir estes principios.

Primeiro que tudo he obvio que devemos excluir todos os factos, em que os caracteres da vaccina não tem sido verificados. Algumas pessoas tem considerado a differença entre a verdadeira e falsa vaccina como huma subtilidade; porem nós respondemos que quando os caracteres, observados desde o tempo do

desenvolvimento da forma e apparencia da pustula vaccinica, da natureza do humor contido nesta, da maneira da sua desecação, e da marca que resta depois de cabir a crusta, são tão distinctos entre si, como na verdadeira e falsa vaccina: quando á esta differença se acrescenta a determinação das circumstancias, á que a vaccina usualmente deve a sua falta de successo, como por. ex. o mui tardio periodo, em que se extrahê o virus, as alteraçoes na pustula vaccinica, que tem dado origem á mistura de pus com o verdadeiro humor limpido da pustula vaccinica—quando estas circumstancias tem sido exactamente consideradas, cessa toda a ambiguidade, e a distincção entre as duas especies de vaccina fica de todo estabelecida, e se pode com facilidade determinar*.

Esta differença foi estabelecida em consequencia de erros committidos nas primeiras experiencias. Em Paris possuimos a materia vaccinica falsa, e não tinhamos idea dos effeitos da verdadeira vaccina ate o Dr. Woodville vir á França e naturalizar entre nós a verdadeira materia. Em Genebra a materia falsa illudio os medicos, e frustrou as suas esperanças por 21 mezes ate Maio de 1800, quando o virus enviado pelo Dr. Pearson teve hum successo completo.

Os differentes caracteres da verdadeira e falsa vac-

* Todos sabem com quanta facilidade he a materia vaccinica alterada sendo levada de hum lugar á outro, sendo exposta ao ar, e a difficuldade que ha de a preservar. Quando he deluida com agoa perde a sua virtude mais brevemente. Em Russia o frio de 0°. destruiu os seus effeitos. Nas experiencias do Dr. Sacco, cada huma das quaes foi repetida em seis crianças, e por 36 puncturas, o virus diluido com agoa na temperatura de 32 produziu 28 vaccinações; com agoa de 41. ate. 86., 30 vaccinações; com agoa a 122., unicamente 2; com agoa contendo alguma goma, 30; com agoa contendo ammonia, 30; com saliva, 32. Todas as outras misturas diminuirão muito, ou mesmo destruirão o effeito. Quando se fizeram 24 puncturas em diversas crianças, a materia exposta ao ar por espaço de 5 horas produziu 22 vaccinações; exposta ao ar por 24 horas, 20; exposta por tres dias, 15. O contacto dos outros gazes diminuiu a efficacia da materia vaccinica em 5 horas; porem foi menos alterada por hydrogenio, ammonia, azote, e acido carbonico, do que pelos outros. A sua virtude foi immediatamente destruida pelos gazes nitroso, acidos muriatico e oxymuriatico. A luz contribuiu para accelerar as alteraçoes occasionadas pelo ar.

cina tem ja sido descriptos na relaçaõ inserida no quinto vol. das Memorias Physicas e Mathematicas do Instituto. Elles tem sido repetidas vezes publicados pela junta central da Sociedade de Paris; elles se achão igualmente em varias partes de *Bibliothèque Britannique* e em outras varias obras. O Dr. Sacco tem dado no fim da sua obra excellentes estampas, onde estão representadas as vaccinas falsa e verdadeira.

Alem disto o Dr. Sacco intentando fixar o tempo, quando a vaccina se pode utilmente comunicar, tem determinado por experiencias a relaçaõ entre a probabilidade de successo, e os dias consecutivos em que se tem collegido o virus. Segundo as suas observaçoens, suppondo que a pustula vaccinica principia a apparecer no terceiro dia, como usualmente acontece, os successos podem ser considerados como certos, se o virus for extrahido entre o quinto e oitavo dia, calculando desde o tempo da punctura; ou entre o terceiro e sexto dia computando desde a apparencia da vesicula. O mesmo Dr. achou que sendo a materia extrahida no dia sexto (contando desde a apparencia da vesicula) de 100 puncturas 95 tiverão bom exito; sendo extrahida no dia setimo, 92; no dia oitavo, 88; no dia nono 85; no dia decimo, 80; no dia undecimo, 50; e no dia duodecimo so de 10 ate 15. Alem disso quanto mais tempo intervem antes da materia ser extrahida de huma pustula, tanto mais apta he esta a suppurar, e converter-se em huma ulcera. O Dr. Sacco tambem recommenda, a fim de melhor segurar a virtude da materia, o evitar abrir a pustula mui perto do centro onde a punctura foi feita, mas sim extrahir a materia o mais perto possivel da sua extremidade, onde uniformemente he mais pura e limpida. Apezar dos varios methodos engenhosos que se tem suggerido para transportar a materia de hum lugar para outro, o methodo mais certo de vaccinar, sendo possivel, he de extrahir a materia de hum braço e introduzi-la no outro*.

* M. Voisin, medico em Versailles, cujo zelo e talentos tem sido justamente apreciados pela junta central de Paris, a qual o tem apresentado com huma das suas medalhas, tem achado que hum dos melhores methodos para preservar o virus vaccinico he o methodo proposto

Huma segunda ordem de factos que deve ser excluida da comparaçãõ, consiste em observaçoens de doenças eruptivas distinguidas pelo nome de bexigas, as quaes porem indicavaõ pelos seos caracteres ser evidentemente a varicella, ou alguma erupçãõ anomala, as quaes ainda que em forma se assemelhaõ alguma coiza ás bexigas, saõ com tudo outras propriedades mui differentes. Estas erupçoens continuamente apparecem em crianças que tem tido bexigas; e quando ellas occorrem antes das bexigas, jamais livraõ o individuo de ser inficionado com o contagio. Hum observador attento facilmente distingue estas erupçoens. As bexigas tem progresso regular que naõ pode illudir; e quando ellas saõ confluentes naõ se podem confundir com outras erupçoens, visto nestas naõ haver perigo ou irritaçãõ febril. Por tanto toda a observaçãõ, que naõ apresenta os caracteres essenciaes, pelos quaes as bexigas se distinguem de outras doenças eruptivas, e nos quaes naõ achamos febre no principio da molestia, a erupçãõ, a suppuraçãõ, a febre de intumescencia que a accompanha, e a desecaçãõ—naõ pode ser posta á par das observaçoens que apoiaõ a presente questaõ.

Ha huma terceira ordem de factos que se naõ pode admittir na comparaçãõ de que fallamos; queremos dizer aquelles casos, em que as verdadeiras bexigas occorrem durante o tempo da vaccinaçãõ, em hum periodo em que devemos suppor que o contagio foi contrahido antes da vaccina ter exercido os seos poderes preventativos. Este ponto foi ja discutido na primeira exposiçãõ que apresentámos ao Instituto. Naquelle Memoria nós citamos varios exemplos desta natureza, fallando de erupçoens e doenças attribuidas á vaccina. Sobre esta materia o Dr. Sacco tem feito varias experiencias curiosas, a fim de verificar o tempo exacto quando as bexigas podem ainda apparecer

por M. Bretonneau, de o introduzir em tubos capillares, e depois sellalos hermeticamente. Elle tem igualmente tido bom exito com as crustas, particularmente quando saõ Frescas. Porem o successo destes methodos nunca pode ser taõ constante como quando a materia he extrahida de hum braço, e introduzida n'outro.

depois da vaccinaçãõ. Suppondo que a vesicula apparece no terceiro dia depois da punctura, a inoculaçãõ para as bexigas feita entre o primeiro e o quinto dia occasiona a apparencia das bexigas entre o setimo e undecimo dia. A inoculaçãõ feita no dia sexto ou setimo produzio huma leve inflammaçãõ na parte puncturada sem erupçãõ alguma geral. Ou naõ se observaraõ pustulas sobre a punctura, ou se appareceraõ brevemente secaraõ. A inoculaçãõ feita do dia oitavo ate o dia undecimo motivou huma pequena alteraçãõ no lugar da punctura, mui raras vezes alguma vesicula, e esta cedo desaparecia. Fazendo-se inoculaçãõ com materia variolosa em dezaseis crianças entre o dia undecimo e decimo terceiro depois da vaccinaçãõ em tres unicamente se observou huma leve vermelhidaõ no lugar da punctura, e nos outros treze naõ occorreraõ symptomas alguns. Se a pustula vaccinica se formar mais tarde que o terceiro dia, como as vezes acontece, em tal caso a possibilidade das bexigas inficionarem se extenderá a hum periodo proporcionalmente mais remoto.

Estas individuaçoens nos pareceraõ necessarias, a fim de mostrar ate que grão de perfeiçãõ se tem levado as observaçoens sobre o poder preservativo da vaccina, e provar que as distincçoens a que estas pesquisas tem dado origem saõ longe de ser, como querem suppor alguns individuos, subtilezas e subterfugios inventados para desculpar a falta de successo.

Ora fazendo applicaçãõ das precedentes reflexoens aos factos allegados de que bexigas tem occorrido depois da vaccinaçãõ, se excluirmos todos aquelles que saõ destituídos das condiçoens necessarias para os acreditarmos, nós achamos mui pouco que se possa pór a par dos factos que attestaõ o contrario. Ha com tudo alguns contra os quaes he difficil propor objecçãõ alguma plausivel. A Sociedade Jenneriana de Londres evidentemente admite a existencia de taes casos nos Artigos 9, 10, 11, 14, e 15, da sua exposiçãõ. O Collegio de Cirurgioens de Londres assevera que de 16,438 casos vaccinados occorreraõ 56, isto he 1 em 3000, em que a vaccina naõ teve o seo

poder preservativo. Porem o Collegio não tem informado qual foi o effeito immediato destas vaccinaçoens, e á que circumstancias a sua inefficacia se podia attribuir. Os authores da *Bibliothèque Britannique* tem inserido na sua Obra huma carta de Londres em data de 5 de Agosto de 1811 participando que o *Estabelecimento Nacional da Vaccina* em Londres tem publicado dois casos de bexigas que sobrevierão depois da mais feliz vaccinaçãõ. Estes casos, affirma a carta, tem sido averiguados, e o estabelecimento os tem admittido como verdadeiros. Mas elles ao mesmo tempo publicãõ tres casos de bexigas naturaes que occorrerãõ duas vezes no mesmo individuo depois de hum intervallo de 11 annos.

A correspondencia da junta central de Paris contem alguns exemplos semelhantes. Seis observaçoens foraõ communicadas por individuos eruditos, e livres de preocupação; porem ellas não foraõ accompanhadas de individuaçoens sufficientes para remover toda a incerteza. Dois destes casos appareceraõ em huma epidemia de bexigas que grassava em Beauvais no outomno de 1810. Porem as crianças, em quem occorrerãõ as bexigas, tinhaõ sido vaccinadas, quando a vaccina foi primeiramente introduzida na França; e como os casos não saõ circunstanciadamente expostos, he provavel que o virus communicado fosse o falso, que era naquelle tempo taõ commum neste paiz. Todas as outras crianças vaccinadas no mesmo lugar, e em periodos ulteriores, continuaraõ exemptas de bexigas. Ha hum factõ que foi verificado pela junta central, e nós mesmos vimos a criança coberta de numerosas, mas favoraveis bexigas no dia 7 de Dezembro de 1806. Esta criança chamada Emma Kerouenne, residia na rua velha do Templo No. 93, e tinha sido felizmente vaccinada no dia 24 de Março de 1804, por M. Lanne, o qual conservava escripto o periodo, e progresso desta vaccinaçãõ. He por tanto evidente que não he impossivel que hum individuo que tenha sido vaccinado seja para o futuro affligido com as bexigas. Nem he para admirar que não exista huma tal impossibilidade quando se tem observado o mesmo phenomeno occorrer depois da

inoculação com materia variolosa. Porem que grãos de probabilidade produzem estas observaçoens, que a vaccina sera hum preservativo das bexigas? Isto se poderá obter confrontando o numero de individuos que tem contrahido as bexigas depois da vaccinação com o numero total dos vaccinados, e que tem continuado exemptos da infecção apezar de estarem repetidas vezes expostos á ella. Outro meio de poder apreciar a sua efficacia tem sido ou por meio da inoculação com materia variolosa, ou pondo individuos que tem sido vaccinados em contacto com pessoas affictas com bexigas.

Se anuirmos á veracidade de resulta da correspondencia da junta central de Paris; as sette observaçoens acima mencionadas, no hypothese que sejaõ exactas, se oppoem a não menos de 2,671,662 casos de vaccinação. Se acaso se propor a objecção que estas sette de que a junta está sciente, não são provavelmente as unicas que tem occorrido no imperio, nós respondemos que mesmo estas não são totalmente livres de incerteza; e que os 2,671,662 vaccinaçoens não comprehendem de forma alguma o numero total dos individuos vaccinados em França. Estes dois numeros, sendo ambos obtidos pelos mesmos meios, se podem mui propriamente confrontar; e elles nos dão a proporção de 1 para 381,666. Quanto ás experiencias que se tem feito para corroborar a efficacia da vaccina ellas tem sido de tres especies; isto he inoculando com materia variolosa individuos vaccinados; pondo a estes em contacto com pessoas atacadas de bexigas; e a izenção que os mesmos tem gozado em aldeas, onde as bexigas grassavaõ tao fortemente que mui poucos escapavaõ.

A commissão central tem recebido varias exposiçoens; huma de 640 vaccinados em que se practicou a inoculação com materia variolosa; e de 680 pessoas que vivendo com individuos atacados de bexigas, ou em contacto com elles, com tudo, escaparaõ sendo que todas as mais pessoas eraõ inficionadas, e outra de 4312 pessoas que no meio de huma grande epidemia, que acommetia aldeas inteiras, ficaraõ izemptas do contagio geral; fazendo todos estes hum numero

de 5552 individuos, que ficaraõ livres da infecção em circumstancias ou naturaes ou artificiaes, nas quaes elles necessariamente seriaõ affligidos com o mal, a não terem sido vaccinados*.

Resultados semelhantes se tem obtido em todos os outros paizes da Europa.

De todos estes factos podemos concluir que a probabilidade da vaccina ser hum preservativo he taõ forte como da inoculação com materia variolosa; ou que as bexigas não occorreraõ outra vez no mesmo individuo: pois que julgamos destituida de toda a razaõ, ou pelo menos prematura a concluzaõ de que huma he mais efficaz que a outra.

Se á estas observaçoens acrescentarmos as que naturalmente se seguem, e as quaes tem sido attestadas por medicos e magistrados tanto em França, como em outros paizes, que os andaços de bexigas tem sido detidos no seo progresso pela vaccinaçaõ; que elles tem desaparecido das aldeas onde a vaccinaçaõ tem sido geralmente practicada; que estas epidemias que costumavaõ a voltar em certos periodos, tem cessado de apparecer nas suas epochas usuaes; e que mesmo as grandes villas são muito menos atacadas que antigamente, excepto os lugares onde as preoccupaçoens do vulgo tem rejeitado a vaccina; que a mortandade das crianças tem diminuido, e que a populaçaõ tem augmentado consideravelmente em varios lugares—se considerarmos todas estas circumstancias, nós não so poderemos apreciar as vantagens que poderaõ provir á sociedade da grande descoberta Jenneriana, mas taobem não se julgara por mais tempo chimerica a esperança de ver as bexigas, aquelle grande flagello da humanidade, desaparecerem totalmente; pois que isto ja se tem realizado em aquelles lugarés onde o povo confiando na efficacia da vaccina a tem adoptado geralmente.

Os factos publicados pela junta central de Paris em

* Os motivos que induziraõ M. Chappon, a retractar a sua opiniaõ contra a vaccina foraõ o ter observado em tres annos hum grande numero de casos de bexigas, porem nem hum so em pessoas vaccinadas, e isto o obrigou a ceder á evidencia.

1803, 1804, 1806, 1808, 1811, e 1812; e varios boletins da sua correspondencia que tem sido successivamente dados á luz, contem numerosas e positivas provas de tudo que temos exposto; isto he de epidemias terminadas ou diminuidas, das suas voltas periodicas impedidas pelo numero de vaccinaçoens; e das bexigas, se terem tornado raras, e inteiramente desconhecidas em certos lugares desde a introducção da vaccina. Os mesmos phenomenos são asseverados pelo Ministro do Interior do reino da Italia particularmente nas epidemias que occorrerão em Brescia e Milão. Os medicos de Genebra attestaõ a aniquilação das bexigas na sua cidade. Consequentemente a diminuição de mortandade, e o augmento de população se tem achado em Rouen, em Creuznach, em Bezangon, nos departamentos do Alto Rheno, de Dordogne, &c. e mesmo em alguns bairros de Paris. Estas são provas irrefragaveis da vantagens que podem resultar da descoberta de Jenner*.

Na exposicão que temos apresentado ao Instituto das resultas obtidas desde a introducção da vaccina na França, depois de 12 annos de experiencia, nos temos meramente collegido factos de authenticidade indisputavel. Nós eramos de opiniaõ que quanto mais vantajosas eraõ as consequencias deduzidas de quaesquer observaçoens, tanto mais numerosa devem ellas ser. Nos sobrepensado não occultamos hum so dos motivos ou factos em que se fundaõ as objecçoens propostas contra a vaccina. Nós temos comparado ambos os lados da-questão; e nós temos tido em vista não tanto o inferir consequencias absolutas e exclusivas, como o obter certos dados, a fim de acertar, o melhor possivel, o grão de probabilidade, e por este modo avaliar o merecimento de descoberta, e a utilidade que pode render ao genero humano.

Parece-nos que temos estabelecido de huma maneira satisfactoria que o virus vaccinico não introduz no sistema materia alguma capaz de occasionar effeitos

* Veja-se a obra de M. Dovillard a cerca a influencia das bexigas sobre a população; e igualmente o Vol. XII. da Bibliothéque Britannique onde estão euseridas as exposicçoens de varios Prefeitos dos departamentos mostrando quanto tem a vaccina augmentado a população.

nocivos, e a qual deve como as bexigas ser expellida por meio de erupçoens: que o virus vaccinico não he a verdadeira causa das erupçoens que no principio se observaraõ accompanhar esta pratica, mas que certas circumstancias que saõ presentemente assaz sabidas deraõ origen á este phenomeno: que os infelizes resultados da vaccina algumas vezes observados devem ser attribuidos á causas inconnexas com a vaccina, as quaes appareceraõ durante o desenvolvimento desta, ou que tendo anteriormente existido, adquiriraõ hum augmento, que se não deve imputar ao virus vaccinico, mas sim ao estado particular dos individuos vaccinados: que as doenças que se tem observado sobrevir á vaccinaçaõ quando ellas não procedem de molestias ja existentes, saõ evidentemente casos particulares, que resultaõ de certa constituiçaõ dos individuos, e taõ inferiores em numero aos casos em que taes consequencias se não observaõ de sorte, que não estamos authorizados a deduzir concluzaõ alguma geral contra a vaccina: que estas observaçoens, mesmo suppondo-as incontestaveis, saõ mais que remuneradas pelos numerosos exemplos de doenças chronicas, e obstinazes que tem sido completa, e inesperadamente curadas pela vaccinaçaõ: e que estes exemplos, se nós os comparamos com exemplos semelhantes á favor da inoculaçaõ variolosa, se á esta comparaçaõ acrescentarmos as differenças no caracter essencial das duas especies do virus, e nos seos effeitos contagiosos, daõ á vaccinaçaõ huma vantagem incomparavel sobre a inoculaçaõ variolosa, ja como hum preservativo das bexigas, e ja como hum remedio para outras doenças: finalmente que effeito preservativo do virus vaccinico, quando este virus he puro e tem produzido a verdadeira vaccina, he pelo menos taõ certo como o do virus varioloso; e que contemplando o bem da sociedade em geral, a vaccina, tem huma vantagem, que a inoculaçaõ variolosa não possui, isto he, de suspender e destruir as epidemias das bexigas; de diminuir a mortandade das crianças, e de augmentar a populaçaõ; e que os resultados ja obtidos nos lizonjeaõ com a esperanza de ver as bexigas, huma das mais terriveis

doenças que tem affligido o genero humano, cabalmente exterminadas de todo o mundo.

BERTHOLLET, PERCY, HALLE.

A Classe aprovou esta Exposição, a considerou muito importante, e ordenou que fosse immediatamente impressa e inserida no seguinte volume das Memorias.

NOTA,

Huma das cauzas que mais principalmente tem coóperado a que se questione o pode preservativo da vaccina tem sido o não se ter descoberto huma prova irrefragavel, pela qual se podesse assegurar que o individuo estava actualmente vaccinado; pois he assas sabido, que ainda quando a areola como a vesicula estejaõ formadas, com tudo sem outras circumstancias mais caracteristicas seria imprudente declarar o individuo livre de perigo. Alguns praticos tem infelizmente cometido este erro, e por este modo indirectamente injuriado a vaccina; nós mesmos o temos prezenciado na Gran Bretanha mais de huma vez. Felizmente para o genero humano se tem descoberto hum signal indubitavel, não por acaso como a descuberta original, mas sim por huma racional inducção de analogia. Mr. Bryce Cirurgiaõ em Edinburgh lembrando-se que na inoculação para as bexigas se tinhaõ feito experiencias, pelas quaes se tinha achado que poncturas feitas todos os dias até principiar á febre occasionada pela primeira operação, fazião desde aquelle periodo hum taõ rapido progresso de sorte, que todas chegavaõ ao estado de maturação em 24 horas desde a apparencia da febre; concludio que o mesmo aconteceria na vaccinaçãõ, se o sistema estivesse debaixo da influencia do virus. Esta theoria o ditto Cirurgiaõ poz em pratica, e teve a satisfacção de ve-la completamente confirmada. O resultado das suas varias e extensas

observações sobre a materia tem sido, que se fizermos a segunda inoculação no fim do quinto ou principio do sexto dia, com tanto que a primeira tenha sido regular no seo progresso, ambas apresentão os mesmos phenomenos desde o setimo, ou oitavo dia, sendo a segunda huma pequena representação da primeira, se o sistema estiver debaixo da influencia do virus vaccinico. Mas estando o sistema livre, então a segunda punctura segue hum progresso semelhante á da primeira inoculação e em tal caso se deve fazer huma terceira punctura no fim do quinto dia, e assim se continua a vaccinar ate as inoculações dos dois diferentes periodos corresponderem em progresso, e declinação. O author se refere á estampas as quaes estão annexas á sua obra *; e julgamos os nossos practicos receberão a mais plena satisfação se as consultarem.—Esta não he huma prova negativa como as outras que se tem proposto, pois que se a segunda punctura tiver effeito he totalmente infallivel: e como o virus he empregado na sua maior actividade, e transferido de hum braço á outro he necessarro que o operador seja descuidado ou mau para não ter bom exito. O resultado desta descoberta, que diveste de toda a duvida hum objecto de tanto momento, pode ser apreciado somente por aquelles que contemplaõ o grande beneficio particular e publico que dahi pôde provir. He por este motivo que nós aqui inserimos esta nota, a qual ainda que talvez não contenha coiza alguma nova para alguns dos nossos leitores, com tudo não estando certos, que a obra de M. Bryce tenha ainda chegado ás maos dos nossos practicos; e levados do amor da nossa patria, a qual tendo sido affligida com huma guerra assoladora parece mais particularmente exigiros meios mais activos para augmentar a sua população, e offerecendo a vaccina o mais lizongeiro prospecto de realizar este grande bem, nós julgámos do nosso dever cooperar da nossa parte para o complemento de hum taõ relevante objecto.

OS REDACTORES.

* *Practical Observations on the Inoculation of the Cow-pox by James Bryce.*

CORRESPONDENCIA.

ELOGIO DRAMATICO

AOS

FAUSTISSIMOS ANNOS

DA

FIDELLISSIMA RAINHA

NOSSO SENHORA,

D. MARIA I.

A Scena representasse no Olimpo ; e são os interlocutores Jupiter, Astrea, e os Genios Tutelares das Naçoens, que respondem cantando em Coros.

ASTREA.

Té quando, oh Jove, as lugubres empezas
Da atroz Bellona turbarão o Mundo!
E os negros quadros do sanhudo Averno
A Terra cubrirão de horror, e prantos !
As Leis de Astrea, as doces Leis, que outrora
Taõ respeitadas, taõ queridas foraõ,
Hoje aos pés d'Ambição calcadas vejo !
E quazi hum sonho o imperio meu se julga,
Huma fabula vãa minhas venturas !
Taõ exposto ás traiçoens o Fraço vive !
Tanto a ser oppressor propende o Forte !

Em vaõ fundar a independencia sua
 Na virtudes, e na paz intenta hum Povo ;
 Se a força-lhe fallece em vaõ supplica.
 Vil pretexto colora astutos crimes,
 Onde falta a razaõ, sobeja a audacia :
 Ardis infames, mortandade injusta
 Se denominaõ heroismo, e honra.
 Tal nome adorna legiaõ de Tigres
 Tartarea escolha dos Mortais mais duros,
 Devastadores da infeliz Europa.
 Ah! E até quando duraráõ, oh Jove,
 Tais abominaçoens, horrores tantos!
 Por mim guiados á prezença tua
 Tristes, queixozos, das Naçoens os Genios—
 Vem supplicar-te ponhas termo ás magoas,
 Aos tormentos da oppressa Humanidade.

CORO DOS GENIOS.

Oh Jove ampara o Mundo :
 Os dolos, o furor
 Do atroz conquistador
 Não deixes triunfar.
 Dos Ceos a Paz baixando
 Alegre a Terra, e o Mar.

JUPITER.

Amada Filha minha, e vos ó Genios,
 Que no bem das Naçoens velais assiduos,
 Não vos mereça tanto empenho a sorte
 De orgulhosos Mortais, que á meus Decretos
 Loucamente se oppoem, e áquem debalde
 Com ternos mimos aditar pertendo.

Desprezando meus dons, ao vicio impuro,
 'As infestas paixoens a vida entregaõ.
 Pela voz do trovaõ os chamo as vezes,
 Ao rapido terror succede o crime,
 Se apaga ao mesmo tempo o raio, e o medo.
 Junto á Desgraça Lagrimas queixozas,
 Amaveis Rogos supplices caminhaõ ;
 Cêdo ao brando queixume, annuo ás preces,
 Os dons repito, e ja encontro ingratos.
 Da perversa Aggressaõ domando as forças
 Soccorro contra o Forte ao Fraco outorgo,
 Eis feroz Aggressor se torna o Fraco.
 Roma nascendo, obediente ouvia
 Do pacifico Numa os saõs dictames,
 Mal robusta se faz aterra os Povos,
 Leva a destruiçaõ ás Gentes todas.
 Tal foi a Grecia, e tais haõ sido os novos
 Reinos, que a Terra turbulenta abrange,
 Parece nos Mortaes instincto a guerra,
 Odios, vinganças sua vida occupaõ.
 De huma grandeza vãa insaciaveis,
 A poz ella correndo assollaõ tudo.
 Virtudes, leis, os vinculos mais santos
 Rompe, despreza o Frenezim da Gloria,
 A illuzaõ do poder ! E tu, oh Filha,
 E vos, oh Genios, pranteais seus males,
 Pedis piedade, intercedeis por elles !

CORO DOS GENIOS.

Sim, oh Jove esquece os crimes
 Da illudida Humanidade ;
 Cauzem-te, oh Jove, piedade
 Os miserandos Mortaes.

Mais do que o Ceo, do que tu
 Naõ possa o Averno mais.

ASTREA.

De condição taõ fera o feio exemplo,
Oh Pai, nem todos sugerir-te podem ;
Pune o delicto, mas ampara aquelles,
Cuja innocencia, e candidos costumes
Merecem teu amor ! Por entre espinhos,
Entre ervas venenozas linda, e pura
Simples bonina vezes mil rebenta.
Revolvendo os Annaes d'antiga Historia,
Sondando os feitos dos modernos Tempos,
Vê como a Luzitania em paz, na guerra.
Grande tem sido, moderada, e justa.
Contente, e paga da pobreza sua
Ao Romano esplendor oppoz façanhas,
O senado assustou, fez crer aos Homens
Ser na guerra a virtude a mais valente,
A mais terrivel das Mavorcias armas.
Do valorozo sabio Affonso a sombra
Olha-a, sublime hum novo Imperio erguendo !
Vê quanto virtuozo, e quanto amavel
Entre as Naçoens d'Europa altêa a frente.
A contempla levando ao Indo e Ganges
Costumes mais gentis, e leis mais doces ;
Ao jugo seu esplendidos Monarcas
Curvaõ submissos o espontaneo collo ;
Observa-a, nobre ainda, o mando alhêo
Indignada soffrendo, audaz quebrando ;
Taõ briozo jamais nenhum dos Povos
Assim cobrou a liberdade sua ;
Nenhum taõ sabio defendeu seus loiros.
Da Patria restaurada o Chefe invicto
Nos Descendentes seus raiou de novo,
N'hum Pedro, n'hum Joaõ, no grande, e raro
Magnifico Jozé, que deu a Lizia

O brilho todo das Naçoens mais cultas.
 Foi d'este aos votos, que eu desci á Terra
 Para educar a gracioza, a pura
 Amavel Filha sua, herdeira esmalte
 Do grandiozo Bragantino sceptro*.
 Genios, que desde a primitiva idade
 O Mundo vigiais, dizei, a cazo
 Mais nobre coraçã, alma mais justa,
 E mais virtudes sobre o throno houveraõ ?

CORO DOS GENIOS.

Jamais taõ formozos dotes
 Sobre a Terra scintillaraõ,
 Em Maria se apuráraõ
 Os mais bellos dons do Ceo ;
 No peito humano jamais
 Tal virtude floreceu.

ASTREA.

Hê hoje, oh Pai, o memoravel dia
 Em que a flor mais gentil brotou na Terra;
 Crescendo foĩ a natural belleza
 O mimo seu maravilhou o Mundo.
 Modesta, e sabia a candida Maria
 Subio ao throno, e o guarneceu d'encantos.
 Taõ sublimos, taõ puros, taõ inimozos,
 Que se julgou obedecer aos Numes.
 De hum peito varonil juntou os dotes
 Aos attractivos do formozo sexo.

* A parece o Retrato de S. M. toca-se a Muzica propria ; e depois continua Astrea.